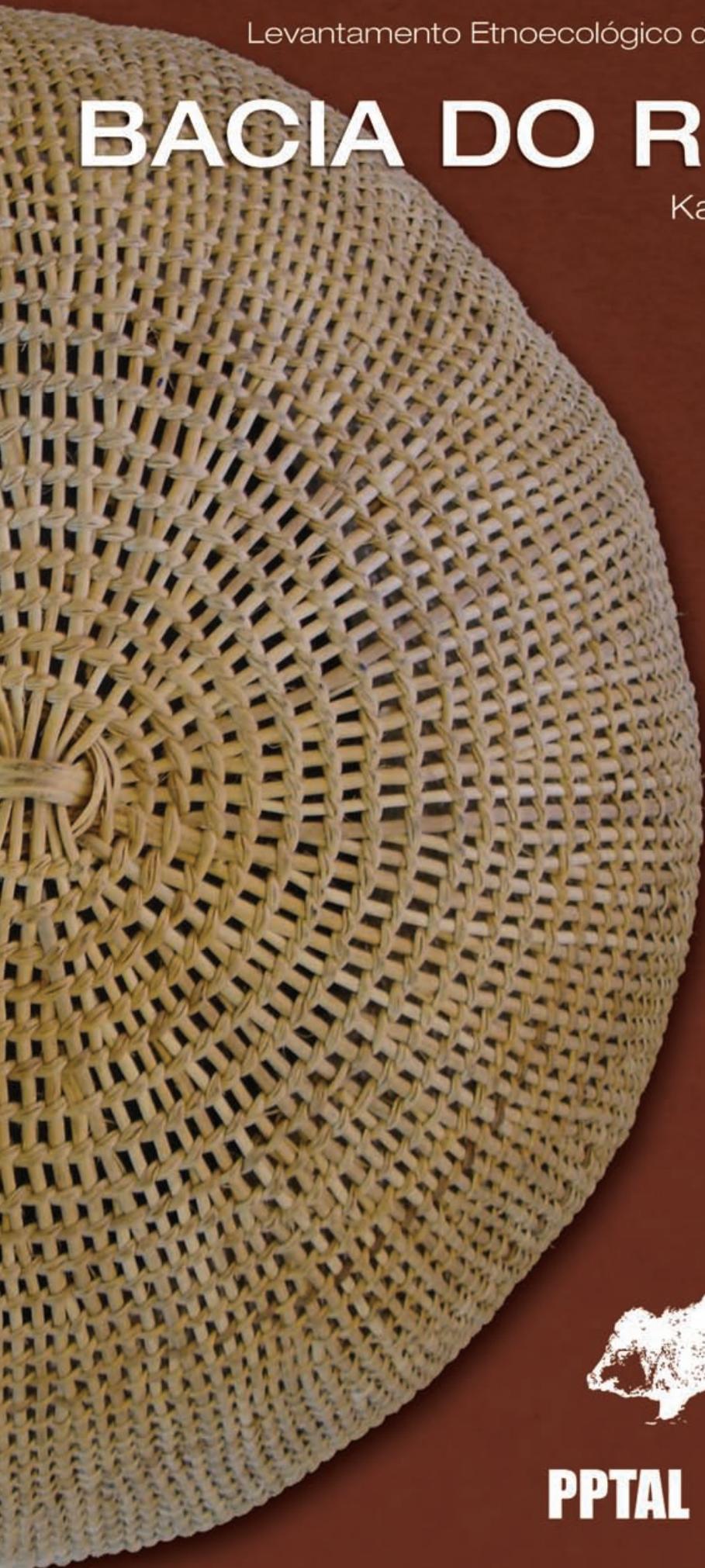


Levantamento Etnoecológico das Terras Indígenas do Complexo

BACIA DO RIO JURUÁ

Kaxinawá da Praia do Carapanã,
Kampa do Igarapé Primavera
e Kulina do Igarapé do Pau



PPTAL Projeto Integrado de Proteção às Populações
e Terras Indígenas da Amazônia Legal

Levantamento Etnoecológico
das Terras Indígenas do Complexo

BACIA DO RIO JURUÁ

Kaxinawá da Praia do Carapanã,
Kampa do Igarapé Primavera,
e Kulina do Igarapé do Pau

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

PRESIDENTE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

MINISTRO TARSO GENRO

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI

PRESIDENTE MÁRCIO AUGUSTO FREITAS DE MEIRA

DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS

MARIA AUXILIADORA CRUZ DE SÁ LEÃO

DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA

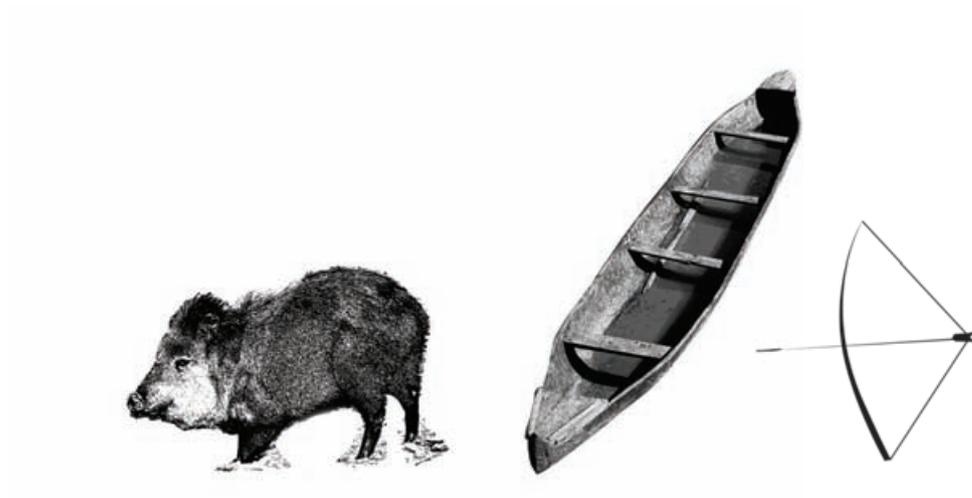
ALOYSIO ANTONIO CASTELO GUAPINDAIA

DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO

CELSO ALBERICI

COORDENAÇÃO TÉCNICA DO PPTAL

WAGNER PEREIRA SENA



Levantamento Etnoecológico
das Terras Indígenas do Complexo

BACIA DO RIO JURUÁ

Kaxinawá da Praia do Carapanã,
Kampa do Igarapé Primavera,
e Kulina do Igarapé do Pau

Organização
FUNAI / PPTAL / GTZ

Brasília, 2008

A **Série Estudos** é uma publicação FUNAI/PPTAL/GTZ para disseminação de produtos e experiências, resultantes da implementação do Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal.

Equipe Técnica PPTAL

Wagner Pereira Sena (Coordenador)
Adreny Costa
Charles Henrique
Elza Freitas
Izabel Gobbi
Juliana Sellani
Luis Nogueira
Lourena Florindo
Maria Guiomar Melo
Rogério Eustáquio de Oliveira
Slowacki de Assis

Equipe da Cooperação Técnica GTZ

Sondra Wentzel (Coordenadora)
Márcia Maria Gramkow
Elisabeth Jucksch Torquato

Edição: FUNAI - Fundação Nacional do Índio / PPTAL – Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal / GTZ - Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ) GmbH

Coordenação de Organização: Márcia Maria Gramkow

Organização de Mapas: Dan Pasca e Charles Henrique

Edição de Texto para Publicação: Izabel Gobbi

Autores: Astrid Bant (Antropólogo) e Marina Pessoa (Ambientalista)

Organização de Texto do Relatório para Publicação: Rodrigo Pádua Rodrigues Chaves

Catálogo e Revisão de Bibliografia: Cleide Albuquerque Moreira - CRB 1100

Projeto gráfico - Arte final: Agência Grow Up

Realização: Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal – PPTAL

Apoio: KFW Entwicklungsbank – Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ) GmbH

Copyright © 2008 by FUNAI/PPTAL/GTZ

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa dos editores FUNAI/PPTAL/GTZ

Dados internacionais de catalogação Biblioteca “Curt Nimuendaju”

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO; PROJETO INTEGRADO DE PROTEÇÃO ÀS POPULAÇÕES E TERRAS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA LEGAL; COOPERAÇÃO TÉCNICA ALEMÃ – DEUTSCHE GESELLSCHAFT FÜR TECHNISCHE ZUSAMMENARBEIT. (Orgs.).

Levantamento Etnoecológico das Terras Indígenas do Complexo Bacia do Rio Juruá: Kaxinawá da Praia do Carapanã, Kampa do Igarapé Primavera e Kulina do Igarapé do Pau. / BANT, Astrid; PESSOA, Marina. – Brasília: FUNAI/PPTAL/GTZ, 2008.

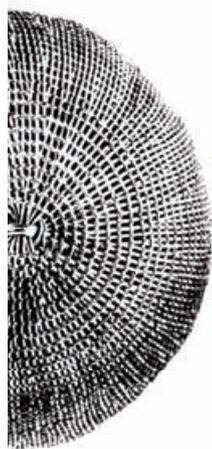
214p. Ilust.

ISBN 978-85-7546-021-4

1. Antropologia Cultural 2. Etnoecologia 3. Índios – Bril 4. Organização Sociocultural 5. Recursos e Uso Sustentável
I. Autor II. Título

CDU 502:572.95(81):333

Fundação Nacional do Índio – FUNAI
Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal – PPTAL
Cooperação Técnica Alemã - GTZ
SEPS Q. 702/902 – Bloco A 3º andar
CEP 70390-025 - Brasília – DF
Telefones (61) 3313.3515 / 3322.8925
www.funai.gov.br – pptal@funai.gov.br - pptal-gtz@funai.gov.br



Agradecimento

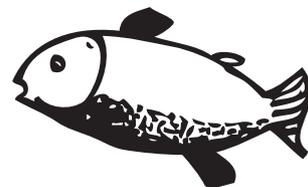
Aos Madijá, aos Huni Kuin e aos Ashaninka das Terras Indígenas Kulina do Igarapé do Pau, Kaxinawá da Praia do Carapanã e Kampa do Igarapé Primavera, que permitiram a realização deste levantamento, contribuindo assim com o diálogo entre os povos.

Sumário

Apresentação dos Levantamentos Etnoecológicos	8
Prefácio	15
Resultados	17
Fundamentação	17
Caracterização ambiental do Complexo Bacia do Rio Juruá	19
Clima	19
Hidrografia	20
Solos	22
Vegetação	24
Fauna	27
Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau	29
Definição e localização geográfica da Terra Indígena	30
Aspectos sociais do grupo Kulina	31
População, assentamento e ocupação demográfica	39
Uso do espaço: ambientes, recursos e conhecimento tradicional	40
Gestão na Terra Indígena: perspectivas e questões ambientais	77
Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã	83
Definição e localização geográfica da Terra Indígena	85
Aspectos sociais do grupo Kaxinawá	86
População, assentamento e ocupação demográfica	90
Uso do espaço: ambientes, recursos e conhecimento tradicional	91
Gestão na Terra Indígena: perspectivas e questões ambientais	144
Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera	155
Definição e localização geográfica da Terra Indígena	156
Aspectos sociais do grupo Ashaninka	157
População, assentamento e ocupação demográfica	161
Uso do espaço: ambientes, recursos e conhecimento tradicional	162
Gestão na Terra Indígena: perspectivas e questões ambientais	188
Considerações Finais	193
Referências Bibliográficas	209
Glossário e Siglas	213



Apresentação dos Levantamentos Etnoecológicos



A série Estudos resulta do trabalho conjunto de diversos técnicos integrantes do Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal (PPTAL), da Cooperação Técnica Alemã (GTZ), das equipes de estudiosos e especialistas das áreas de conhecimento antropológico, ambiental-ecológico e dos povos indígenas.

Tornar possível essa publicação é contribuir para o diálogo dos povos indígenas, da sociedade em geral com o patrimônio e com o reconhecimento dos direitos constitucionais.

Para realização desses estudos, foi essencial a construção de uma abordagem metodológica orientadora da concepção englobante das perspectivas étnicas e ecológicas dos indígenas, a ser implementada com profissionais que detivessem, além da experiência, formação antropológica e ambiental/ecológica para uma leitura e um trabalho integrado.

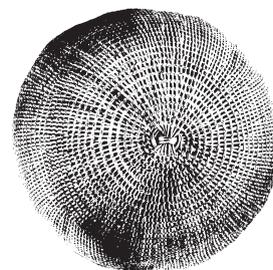
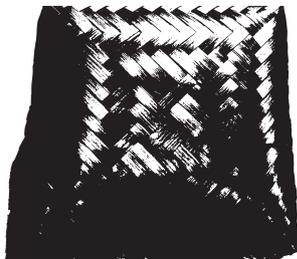
No formato apresentado, a produção é voltada para amplo público, não necessariamente familiarizado com as ciências sociais e ambientais, incluindo-se as comunidades indígenas.

A série iniciada com o resultado de sete levantamentos etnoecológicos, ora publicada pela Fundação Nacional do Índio, apoiada pelo Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal, compreende os estudos realizados no período de 2000 a 2007, organizados em Complexos, abrangendo dezenove (19) Terras Indígenas na Amazônia Legal Brasileira, situadas nos estados do Acre, do Pará e do Amazonas.

O Levantamento Etnoecológico das Terras Indígenas do Complexo Médio Purus I, que compreendeu as Terras Indígenas Peneri/Tacaquiri, Água Preta/Inari, Catipari/Mamoriá, Seruini/Mariênê e Tumiã (Etnia Apurinã), todas situadas no Estado do Amazonas, foi realizado em 2001, sob a responsabilidade de Juliana Schiel (Antropóloga) e de Maira Smith (Ecóloga).

O Levantamento Etnoecológico das Terras Indígenas do Complexo Médio Purus II, que compreendeu as Terras Indígenas Paumari do Lago Maraã, Paumari do Rio Ituxi (Etnias Paumari e Apurinã) e Jarawara/ Jamamadi/ Kanamati (Etnias Jarawara e Jamamadi/Kanamati), também situadas no Estado do Amazonas, foi realizado em 2001, sob a responsabilidade de Peter Schröder (Antropólogo) e de Plácido Costa Júnior (Biólogo).

O Levantamento Etnoecológico das Terras Indígenas do Complexo Kanamari Biá, que compreendeu as Terras Indígenas Kanamari do Rio Juruá (Etnia Kamamari) e Rio Biá (Etnia Katukina), situadas no Estado do Amazonas, foi realizado em 2000, sob a responsabilidade de Deborah Lima (Antropóloga) e de Victor Py-Daniel (Biólogo).



O Levantamento Etnoecológico Maku compreendeu a Terra Indígena Paraná do Boá-Boá (Etnia Maku), situada no Estado do Amazonas, foi realizado em 2006, sob a responsabilidade de Adolfo de Oliveira (Antropólogo) e de Sandra Ayres (Geógrafa).

O Levantamento Etnoecológico Munduruku compreendeu a Terra Indígena Munduruku (Etnia Munduruku), situada no Estado do Pará, foi realizado em 2006, sob a responsabilidade de Juliana Melo (Antropóloga) e de Rosa Elisa Villanueva (Bióloga).

O Levantamento Etnoecológico do Complexo Bacia do Rio Juruá compreendeu as Terras Indígenas Kaxinawá da Praia do Carapanã (Etnia Kaxinawa), Kampa do Igarapé Primavera (Etnia Ashaninka) e Kulina do Igarapé do Pau (Etnia Kulina), situadas no Estado do Acre, foi realizado em 2006, sob a responsabilidade de Astrid Bant (Antropóloga) e de Marina Pessoa (Ambientalista).

O Levantamento Etnoecológico do Complexo Tefé compreendeu as Terras Indígenas Maraã/Urubaxi (Etnia Kanamari), Paraná do Paricá (Etnia Kanamari), Cuiú-Cuiú (Etnia Miranha) e Kumarú do Lago Ualá (Etnia Kulina), situadas no Estado do Amazonas, foi realizado em 2006, sob a responsabilidade de Vera Lúcia Oliveira (Antropóloga) e de Carlos Antonio Bezerra Salgado (Ecológo).

A preocupação com a caracterização e a gestão ambiental das terras indígenas brasileiras ganhou destaque na década de 1990. O componente ambiental, que não era requerido nos processos de identificação e demarcação de terras indígenas no Brasil, a partir do 1996, com o Decreto nº 1775/96 e a Portaria nº14, passou a integrar parte dos relatórios de identificação. A partir de então, caracteriza-se as áreas imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao bem-estar da comunidade indígena.

Dado que as terras indígenas demarcadas antes de 1996 não contavam, em sua maioria, com estudos ambientais ou etnoecológicos, em 1998, o PPTAL/FUNAI disponibilizou uma abordagem metodológica com a incorporação da perspectiva etnoecológica nos levantamentos ambientais em terras indígenas já demarcadas e em processo de demarcação na Amazônia brasileira.

A orientação da metodologia tem como objetivo apoiar a produção de informações etnoecológicas sobre o conhecimento das condições ambientais e de uso dos recursos das terras indígenas, de maneira a subsidiar orientações para a gestão e ações que visem ao equilíbrio ambiental em terras indígenas e à auto-sustentação de sua população (Milliken, 1998).

A abordagem metodológica foi revista e atualizada em janeiro de 2004 e se intitula “Levantamentos Etnoecológicos em Terras Indígenas na Amazônia Brasileira: Uma Metodologia”.

Dois aspectos fundamentais da metodologia desses levantamentos são (1) a formação de conjuntos de terras, cuja demarcação está sob a responsabilidade do PPTAL, em complexos, contemplando tipos e usos de ambientes naturais (físicos e bióticos), e (2) a formação de equipes multidisciplinares e multiculturais, com especialistas, apropriadamente qualificados em Antropologia Social e Ecologia e indígenas locais.

Os objetivos centrais dos levantamentos etnoecológicos são: propiciar subsídios a planejamentos de gestão nas terras indígenas identificadas; contribuir para a capacitação e a apropriação dos resultados tanto pelo órgão indigenista, quanto pelas comunidades indígenas; e fornecer informações cruciais para o desenvolvimento de qualquer processo subsequente de gestão nas áreas.

Outra aplicação dos levantamentos etnoecológicos é a indicação de recomendações para investigações posteriores, mais aprofundadas, focalizando as necessidades comunitárias atuais e futuras, as opções para exploração de recursos de potencial importância e os meios de mitigar ou prevenir ameaças ao seu modo de vida relacionadas ao meio ambiente.

Os objetivos e a necessidade de reunir dados práticos sobre a realidade vivenciada pelas comunidades, foco dos levantamentos, requisitam que os resultados sejam elaborados de forma a permitir sua aplicação por pessoas e organizações responsáveis pelo apoio às comunidades e para ser apropriada pelas comunidades indígenas onde foram realizados os estudos.

Os levantamentos etnoecológicos não podem ser entendidos como pesquisa aprofundada sobre grupos étnicos e seu ambiente, considerando o tempo e a prática metodológica empregada na produção de compilação de informações etnoecológicas. No entanto, não impossibilita a perspectiva de utilizar o conhecimento indígena para benefício dos próprios índios. Pois, o que está presente é a valorização da percepção indígena e a adoção, na medida do possível, de seu ponto-de-vista no desenvolvimento dos projetos ligados ao manejo ambiental em suas terras.

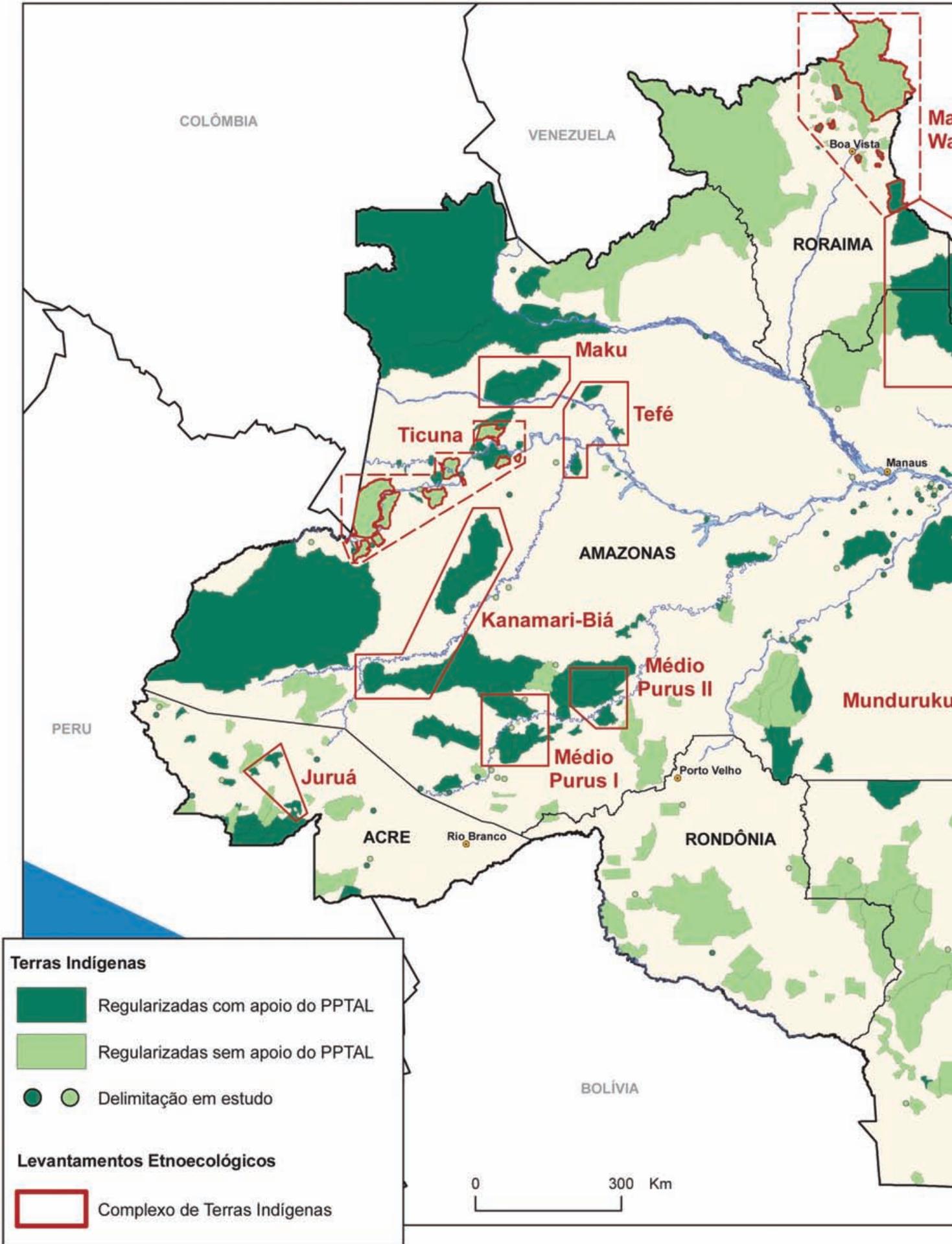
Na preparação do material para a divulgação foram adotados procedimentos tanto para a organização dos textos dos relatórios finais com os resultados produzidos pelos autores, como para a organização do material visual.

Assim, na estruturação dos textos buscou-se manter o máximo das informações apresentadas pelos autores, especialistas em Antropologia e Ecologia. Sob tal orientação, foram suprimidos, basicamente, alguns informes introdutórios, metodológicos, as tabelas, gráficos e notas de rodapé apresentados em anexo ou no corpo dos relatórios. Outrossim, ressalta-se que o completo material dos levantamentos está disponível na documentação do PPTAL na sede do órgão indigenista, FUNAI, em Brasília.

O emprego do material visual objetivou a ilustração de texto com fotos e desenhos gerados nos registros durante o trabalho de campo dos responsáveis pelos estudos.







Terras Indígenas

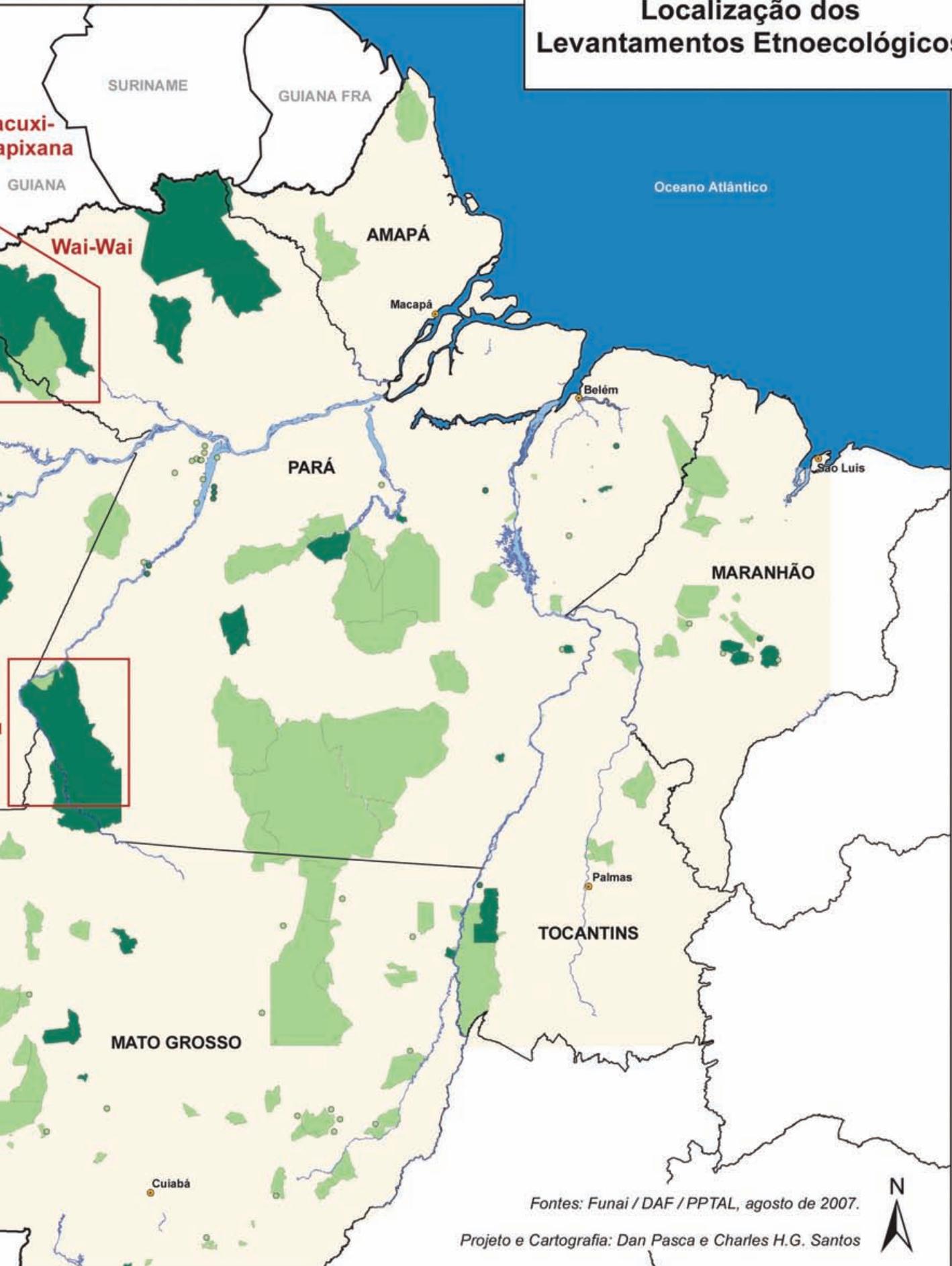
- Regularizadas com apoio do PPTAL
- Regularizadas sem apoio do PPTAL
- Delimitação em estudo

Levantamentos Etnoecológicos

- Complexo de Terras Indígenas

0 300 Km

Localização dos Levantamentos Etnoecológicos



Fontes: Funai / DAF / PPTAL, agosto de 2007.

Projeto e Cartografia: Dan Pasca e Charles H.G. Santos



Prefácio

O presente volume, organizado pela FUNAI/PPTAL, é uma edição do relatório do “Levantamento Etnoecológico das Terras Indígenas do Complexo Bacia do Rio Juruá”, elaborado por Astrid Bant, antropóloga, e por Marina Pessoa, engenheira florestal, que realizaram o trabalho de campo entre 26 de maio e 30 de junho de 2006 e entregaram o relatório final em janeiro de 2007.

O levantamento visou o registro do conhecimento indígena sobre o meio ambiente e as práticas sociais a ele relacionadas nas Terras Indígenas Kaxinawá da Praia do Carapanã, Kampa do Igarapé Primavera e Kulina do Igarapé do Pau, localizadas no Estado do Acre.

Procurou-se abordar o uso e o conhecimento das populações indígenas acerca dos recursos disponíveis em seus territórios; assim, a abordagem se deu de forma que o trabalho tivesse, em todas as suas etapas, a participação comunitária.

Durante o levantamento na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau, a equipe foi acrescida pelo chefe do posto indígena de Feijó (PIN Feijó/FUNAI), José Augusto Brandão Shanenawa, e nas Terras Indígenas Kaxinawá da Praia do Carapanã e Kampa do Igarapé Primavera, pelo agente agroflorestal indígena, Amiraldo Sereno Kaxinawá, representante da Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (Amaai-AC), o qual acompanhou todas as atividades do levantamento etnoecológico.

Na primeira parte da publicação é apresentado um esboço da caracterização ambiental do Complexo. Na seqüência, focalizam-se, em cada área, os aspectos sociais dos grupos indígenas; a ocupação e o uso dos espaços; a distribuição dos recursos naturais na Terra Indígena e as formas de exploração e manejo destes; o conhecimento tradicional associado ao uso dos recursos naturais e a gestão territorial. Assim, a segunda parte trata dos Kulina, a terceira situa os Kaxinawá e, na quarta parte, estão os Ashaninka.

Na última parte apresentam-se considerações acerca deste conjunto de informações que formam uma base de dados a ser utilizada tanto pela FUNAI/PPTAL como pelas comunidades e organizações indígenas locais no planejamento da gestão territorial.



Resultados

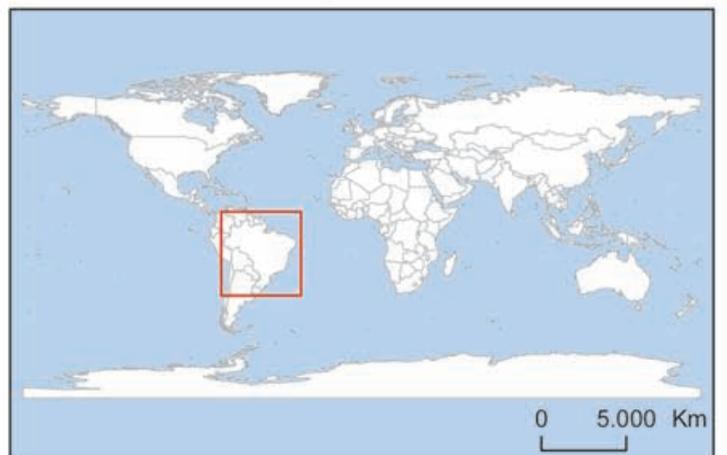
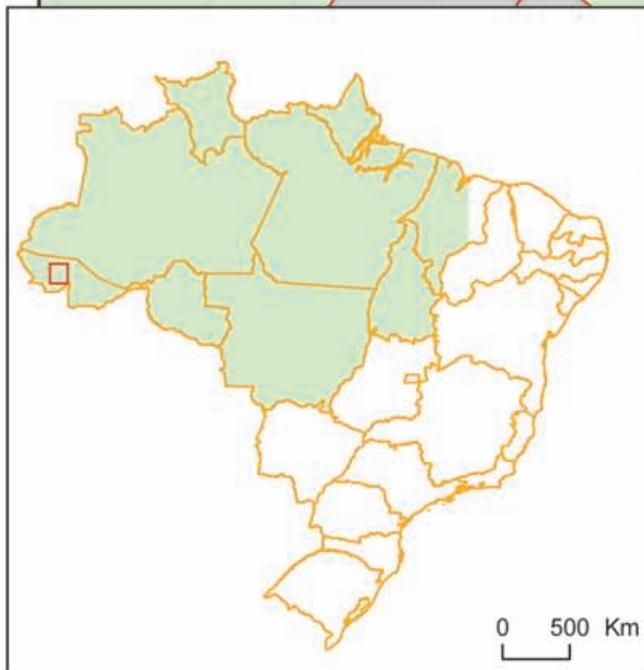
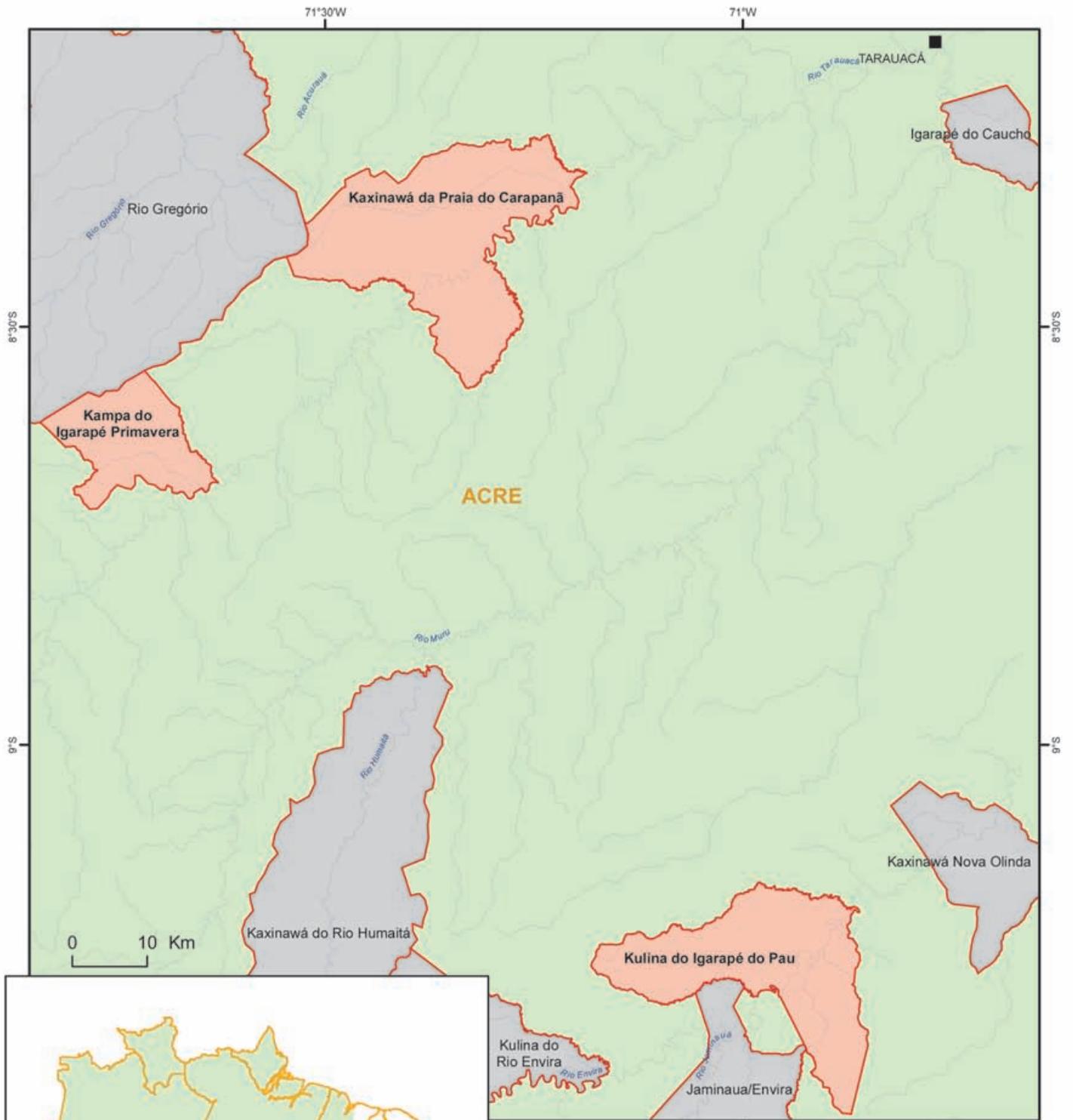
Fundamentação

A Bacia do Rio Juruá está localizada no Estado do Acre, no extremo sudoeste da Amazônia brasileira, entre as latitudes de 07°07'S e 11°08'S, e as longitudes de 66°30'W e 74°00'WGr.

O Estado do Acre possui fronteira internacional com o Peru e a Bolívia, e fronteira nacional com os Estados do Amazonas e de Rondônia. A superfície do Estado é de 153.149,9 km², equivalente a 3,9% da área amazônica brasileira e a 1,8% do território nacional.

O Vale do Juruá abrange os municípios de Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima, Rodrigues Alves, Porto Walter, Marechal Thaumaturgo, Tarauacá, Feijó e Jordão e é um dos pólos econômicos do Estado do Acre, tendo como atividades principais o extrativismo da borracha e o cultivo da mandioca.

Na região do Alto Juruá estão situadas 25 terras indígenas, o que equivale a 89% do total das terras reconhecidas atualmente no Acre. Tais terras incidem em sete municípios acreanos e têm área agregada de 1.511.856 de hectares, ou 10% da extensão total do Estado. Habitam nelas cerca de 6.600 índios, representando 80% da população indígena do Estado, dado que desconsidera os índios “isolados” que vivem na grande extensão de florestas que vai das cabeceiras do Rio Envira até o Rio Juruá.



Além das terras indígenas, no Alto Juruá também estão situadas quatro unidades de conservação sob jurisdição do IBAMA: o Parque Nacional da Serra do Divisor, a Reserva Extrativista do Alto Juruá, a Reserva Extrativista do Alto Tarauacá e a Reserva Extrativista do Riozinho da Liberdade.

O Complexo Bacia do Rio Juruá é composto por três terras indígenas, sendo duas no município de Tarauacá – Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã e Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera – e uma no município de Feijó – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau. A Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã é habitada pelo povo Kaxinawá e localiza-se às margens do Rio Tarauacá. A Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera é habitada pelo povo Ashaninka, também denominado como Kampa, e localiza-se, como a anterior, às margens do Rio Tarauacá. A Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau é habitada pelo povo Kulina e localiza-se às margens do Rio Envira. O acesso as três terras se dá por via fluvial, através do Rio Tarauacá, para as duas primeiras, e através do Rio Envira, para a última.

Caracterização ambiental do Complexo Bacia do Rio Juruá¹

Clima

De acordo com a Classificação de Köppen, o clima acreano é do tipo Am - Equatorial, quente e úmido, com temperaturas médias anuais variando entre 24,5°C e 32°C, permanecendo uniforme em todo o Estado e predominando em toda a região amazônica.

No Complexo Bacia do Rio Juruá ocorrem duas estações distintas: uma seca e uma chuvosa. A estação chuvosa, o “inverno”, ocorre de novembro a abril, sendo caracterizada por chuvas constantes e abundantes. Durante a estação seca, denominada de “verão”, que se inicia no mês de maio prolongando-se até o mês de outubro, desaparecem as chuvas, sendo comuns as “friagens”, que provocam queda de temperatura. A temperatura média do mês mais frio gira acima dos 18°C.

Junho, julho e agosto são os meses menos chuvosos. Em contrapartida, nos demais meses do

1. A Caracterização Antropológica do Complexo Bacia do Rio Juruá está distribuída ao longo do relatório, em tópicos diversos.

ano, as chuvas são abundantes sem uma nítida estação seca. A umidade relativa do ar atinge 80 a 90%, índice bastante elevado se comparado ao de outras regiões brasileiras.

Na região do Complexo da Bacia do Rio Juruá, a precipitação média anual é superior a 2.000 mm, sendo que os índices pluviométricos variam de 2.000 mm a 2.750 mm/ano, com tendência a aumentar no sentido Sudeste-Noroeste.



Hidrografia

A Bacia do Rio Juruá está inserida na grande Bacia Amazônica e ocupa uma ampla área de 250.000 km². Os Rios Tarauacá e Purus são os principais cursos d'água na parte central do Estado do Acre. A noroeste encontram-se os rios Gregório, Muru, Envira e Jurupari. A oeste, o Rio Juruá e seus afluentes.

O Complexo Bacia do Rio Juruá é drenado por extensos rios de direção geral Sudoeste-Nordeste, todos pertencendo à rede hidrográfica do Rio Amazonas. Como características comuns destes rios, destacamos o paralelismo e as mudanças de direções dos seus cursos, resultantes de falhas e fraturas geológicas. A rede de drenagem é bem distribuída, correndo sobre rochas sedimentares, de modo que não se formam cachoeiras.





O Rio Tarauacá e seus principais afluentes – o Envira e o Muru – têm um padrão sinuoso a meândrico, com pequenos trechos retilíneos. Nestes rios, encontram-se meandros de várias idades (quanto mais afastados do leito atual, mais antigos eles são) e em várias fases de colmatação. Este caráter meândrico dos rios leva à formação de bancos de areia no leito, aumentando as dificuldades e as distâncias da navegação fluvial, o que causa implicações severas para o acesso, já que os rios se constituem no mais importante meio natural de transporte do Estado do Acre. As principais causas dessa dinâmica fluvial são: o tipo de regime dos rios e a cobertura vegetal que ocorre na área, além de outro fenômeno muito comum na região, que é o deslizamento das margens.

Sendo rios de planície, possuem todas as características de correntes de pequeno declive e suas águas se apresentam constantemente turvas, carregadas de sedimentos provenientes da lixiviação dos solos argilosos que o delimitam. Tanto o Tarauacá quanto o Envira são rios de águas barrentas de cerca de 100 m de largura, cujos leitos mudam de posição a cada período de cheias.

O Rio Tarauacá, em cujas margens se encontram as Terras Indígenas Kaxinawá da Praia do Carapanã e Kampa do Igarapé Primavera, é o afluente mais importante do Rio Juruá, atingindo esse rio no Estado do Amazonas. Apresenta uma profundidade mínima de 1,20 m e é navegável desde sua foz até a foz do Rio Jordão, quase na divisa com o Peru. Na linguagem indígena, tarauacá significa rio de muitos paus e tócos.



Além das populações ribeirinhas de sua parte inferior, constituída por indígenas e seringueiros nordestinos, a única povoação existente na sua parte superior é a cidade de Jordão, localizada rio acima, já próximo à fronteira com o Peru, ligada ao resto do mundo apenas pelo rio.

O Rio Envira, afluente do Rio Tarauacá, é navegável entre a sua foz e a localidade do seringal Califórnia, onde está localizada a Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau. Na época das cheias, é acrescido de mais um trecho, até a localidade denominada Progresso, quase na fronteira com o Peru.

Solos

O Complexo está situado sobre a bacia sedimentar do Acre, formada na Era Cenozóica (entre 65 milhões e 12 mil anos atrás). Essa bacia é constituída, em 80% de sua área, pela Formação Solimões – um espesso pacote de rochas sedimentares de origem fluviolacustre, representadas por argilitos vermelhos a cinza, arenitos argilosos e argilitos calcíferos.

Além da Formação Solimões, fazem parte do cenário geológico do Complexo Bacia do Rio Juruá os Aluviões Holocênicos (de idade recente), resultantes da deposição anual de sedimentos trazidos pelos rios. São os sedimentos das planícies fluviais, sobrepondo-se discordantemente à Formação Solimões e são encontrados nas planícies fluviais, constituindo barrancos e praias em ambas as margens dos rios, com até 05 metros de espessura.





Nos Mapas Pedológicos que têm como fontes uma compilação de dados da FUNAI/DAF, SIVAM, IBGE e INPE, e cujo sistema de classificação de solos é o adotado pelo RADAMBRASIL (1976/1977), o solo encontrado nas áreas de terra firme das três terras indígenas do Complexo Bacia do Rio Juruá é, de forma generalizada, o Podzólico Vermelho-Amarelo, que no novo Sistema Brasileiro de Classificação de Solos² é denominado de Argissolo Vermelho Amarelo e caracteriza-se pela baixa atividade da argila, sendo considerado de forte a moderadamente ácido.

Nas áreas de várzea (planícies aluviais), às margens dos grandes rios, encontra-se o solo Gleissolo. Este tipo de solo é encontrado nas margens do Rio Tarauacá (Terras Indígenas Kaxinawá da Praia do Carapanã e Kampa do Igarapé Primavera) e nas margens do Rio Envira e Igarapé Jaminawa (que atravessa toda a Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau). Os Gleissolos são solos hidromórficos que ocupam as partes da paisagem sujeitas às inundações periódicas. São mal ou muito mal drenados, sendo permanentemente saturados por água, apresentando espessa camada escura de matéria orgânica mal decomposta sobre uma camada acinzentada (gleizada), resultante de ambiente de oxi-redução.

2. EMBRAPA (1999).



Vegetação

A diversidade vegetal na região do Alto Juruá coloca-a entre os mais ricos sítios alto-amazônicos e, nesta região, existe uma concentração do maior número de espécies, provavelmente endêmicas, do planeta.

De acordo com a classificação proposta pelo Projeto RADAMBRASIL (BRASIL, 1977), no Complexo Bacia do Rio Juruá ocorrem duas grandes Regiões Fitoecológicas (ou Sistemas Ecológicos Regionais): o Domínio da Floresta Ombrófila Densa (FOD) e o Domínio da Floresta Ombrófila Aberta (FOA). Estas duas grandes regiões fitoecológicas regionais estão geralmente associadas às grandes feições morfoestruturais presentes na Bacia Amazônica – aos Baixos Platôs da Amazônia, o Planalto Rebaixado da Amazônia Ocidental e Região Aluvial da Amazônia – como também a fatores geológicos e pedológicos e às grandes feições climáticas da região.

Dentro destes dois grandes domínios, coexiste uma grande diversidade de formações vegetais, sendo que o principal fator nesta diferenciação é o edáfico, determinado pela qualidade dos solos.

As tipologias de Floresta Ombrófila Densa caracterizam-se pela cobertura dominante de floresta densa com dossel emergente ou uniforme e um subosque ralo ou ausente. Pode ser subdividida pelas distintas unidades geológicas/geomorfológicas ocorrentes.

Quanto aos ecossistemas de Floresta Ombrófila Aberta, que perfazem a maior parte da Bacia do Rio Juruá, ocupam distintas unidades geomorfológicas. Neste sistema ecológico regional,





as diferenciações entre estas diversas fisionomias de floresta aberta referem-se à relativa dominância de certas espécies de palmeiras, bambus e cipós, com suas relativas densidades e distribuição espacial e/ou variabilidade no número de indivíduos e espécies.

O Domínio da Floresta Ombrófila Aberta subdivide-se em sete grandes formações com dominância de palmeiras, cipós ou bambus (sejam estes dominantes ou dominados). A diferenciação apresentada é principalmente em relação a aspectos fisionômicos e estruturais, mais do que em aspectos florísticos. No entanto, como cada tipo de vegetação refere-se a formas de vida que são resultado de adaptações a variações no meio

ambiente, mesmo sendo, a princípio, fisionômica e estrutural, a diferenciação ecológica está sempre presente, criando vários nichos para diferentes espécies vegetais e também animais.

A diversidade de espécies florestais é alta para todas as formações florestais estudadas no Acre e muito alta para a Floresta Aberta com Palmeiras da Bacia do Rio Juruá. Todos os inventários analisados, com poucas exceções, apresentam um elevado número de espécies raras para a região onde se encontra o Complexo Bacia do Rio Juruá.





Na Bacia do Juruá, o Índice de Densidade de Coletas (IDC = resultado do número de espécimes coletadas existentes no herbário/100 km² de área amostrada) é de 8,67 coletas/100 km², porém este índice encontra-se distribuído de forma bastante desequilibrada na região, uma vez que a região de Tarauacá apresenta IDC de 8,75 coletas/100 km² e, na região de Feijó, o IDC é de 0,40 coletas/100 km². Segundo os Mapas de Vegetação consultados, as tipologias florestais encontradas nas terras indígenas do Complexo Bacia do Rio Juruá são:

TERRA INDÍGENA KULINA DO IGARAPÉ DO PAU

- Floresta Ombrófila Aberta Aluvial com palmeiras
- Floresta Ombrófila Aberta Terras Baixas com bambus
- Floresta Ombrófila Aberta Terras Baixas com palmeiras

TERRA INDÍGENA KAMPA DO IGARAPÉ PRIMAVERA e TERRA INDÍGENA KAXINAWÁ DA PRAIA DO CARAPANÃ

- Floresta Ombrófila Aberta Aluvial com palmeiras
- Floresta Ombrófila Aberta Terras Baixas com bambus
- Floresta Ombrófila Aberta Terras Baixas com palmeiras
- Floresta Ombrófila Densa Terras Baixas Dossel Emergente





Fauna

De forma geral, em relação à biodiversidade faunística, no Estado do Acre, dois grupos destacam-se: mamíferos e aves. Cerca de 40% dos mamíferos do Brasil e 5% dos mamíferos do mundo ocorrem no Acre. No caso das aves, cerca de 45% das espécies existentes no Brasil e 8% das existentes no mundo ocorrem no Acre.

Os peixes catalogados no Estado representam menos de 10% da riqueza ictiológica do Brasil. Essa relação pode variar muito no futuro, tanto pelo número de coletas no Acre ser muito pequeno, como pelo fato de a estimativa de 3.000 espécies de peixes brasileiros de água doce ser conservadora. O desconhecimento sobre a fauna ictiológica da Amazônia ainda é significativo.

Estudos realizados na Reserva Extrativista do Alto Juruá (região muito próxima às terras indígenas do Complexo Bacia do Rio Juruá) afirmam que esta apresenta uma das maiores taxas de biodiversidade do planeta, contendo, até o momento, catalogados 1.620 espécies de borboletas; 113 espécies de anuros, sendo que oito são conhecidas somente na Reserva; 616 espécies de pássaros observados, onde nove são novas no Brasil e muitas só foram observadas uma ou duas vezes anteriormente; 16 espécies de primatas; e 115 espécies de peixes.

Em um estudo realizado por Patton, Silva e Malcolm (2000), no qual descrevem a fauna de mamíferos não-voadores do Rio Juruá, por meio das coletas realizadas ao longo desse rio durante levantamento de, aproximadamente, um ano, um total de 81 espécies foram obtidas e inclui nove espécies novas para a ciência.



Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau

A língua Kulina pertence à família lingüística Arawá³ e, até a chegada dos não-índios, foi um dos grupos mais numerosos no Estado do Acre e no sul do Estado do Amazonas.

Sua autodenominação é *Madija*, que significa “os que são gente”, sendo os não-índios tratados genericamente por *cariás*. As relações internas das línguas do grupo Arawá são pouco conhecidas, e algumas dessas línguas, como o Kanamantí e o Zuruahá, são escassamente documentadas.

Grande parte da população Kulina, hoje em dia, encontra-se na fronteira do Brasil com o Peru. No Brasil, o número estimado é de 2.500 indivíduos, e no Peru, cerca de 500 indivíduos Kulina. No Estado do Acre, eles vivem em aldeias às margens dos rios Juruá, Envira e Purus, onde somam em torno de 1.750 indivíduos, distribuídos em 15 aldeias, sendo a Aldeia Kanamari

3. Aryon Rodrigues (1986, p.71 e 72).

a de maior densidade populacional. No sul do Estado do Amazonas, são em torno de 800 indivíduos, distribuídos em 19 aldeias, segundo dados da OPAN.

Atualmente, no estado do Acre, os Kulina vivem em quatro terras indígenas, todas regularizadas, sendo elas: Terra Indígena Alto Purus (onde também vivem os Kaxinawá e os Jaminawa); Terra Indígena Jaminawa/Envira (onde também vivem os Ashaninka); Terra Indígena Kulina do Rio Envira e Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau.



Definição e localização geográfica da Terra Indígena

A Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau localiza-se no município de Feijó, às margens do Rio Envira. Possui uma área de 45.591 hectares e perímetro de 142.298 metros.





Aspectos sociais do grupo Kulina

Língua

Geograficamente, os povos da família lingüística Arawá se encontram na parte sudoeste do Estado do Amazonas, no Estado do Acre, assim como no ângulo do departamento peruano de Ucaíali (Rio Purus), ao sul de uma linha imaginária oeste-leste que parte de Tabatinga (AM) e atinge o Rio Purus.

Em seu estudo comparativo preliminar da família lingüística Arawá, Dixon (1992) propõe um esquema que se resume no quadro abaixo:

Família ARAWÁ

- Sub-grupo I: Madiha (Kulina); Dení.
- Sub-grupo II: Banawá-Jafí; Jamamadí; Jarawara (os três falam uma mesma língua, chamada de Madi).
- Sub-grupo III: Paumarí.
- Sub-grupo IV: Zuruahá (Sorowahá).
- Sub-grupo V: Kanamanti.
- Sub-grupo VI: Arawá (extinto por volta de 1880).

Nas aldeias da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau, fala-se predominantemente o idioma Kulina, sendo este usado na comunicação interna das aldeias. Porém a maioria das pessoas, apesar de ter dificuldade na pronúncia, entende o português regional e consegue se comunicar nesta língua, com diferentes graus de perfeição e relativo domínio intercultural.

Os homens, especialmente os mais velhos, em geral, têm mais facilidade e prática em falar o português do que as mulheres que, juntamente com as crianças, são quem têm mais dificuldade para falar a língua portuguesa, apesar de muitas entenderem razoavelmente. Segundo Silva (2003), o estilo lingüístico feminino *Madija* é marcadamente diferente do masculino: há oclusão de vogais e condensação de palavras inteiras, dificultando a tradução.



Etnologia e organização social atual

Os *Madija* reconhecem lideranças (*tamine*) cuja influência baseia-se num prestígio que o grupo lhe atribui e cuja posição consolida-se no consenso da assembléia da comunidade (*Huima Cattedade*). Os *cacahuade* são lideranças que gozam de um prestígio menor que o *tamine*, aos quais são atribuídas funções específicas de responsabilidade por rituais de interesse público, constituindo um contrapeso ao poder de chefia do *tamine*.



Segundo Kessinger (1975) e Pollock (1994), os Kulina observam um sistema de parentesco de classificação totêmica e matrimônio preferencial entre primos cruzados. Nos termos do sistema de descendência totêmica, todos os homens e mulheres foram criados pelos heróis mitológicos Tamaco e Quira, inclusive os “brancos”, mas somente os Kulina são gente: *Madija*. Dentro do povo *Madija*, existem grupos de descendência, como os *Madija ssaco* (“gente da traíra”), *Madija ccorobo* (“gente do peixe jeju”), entre outros, totalizando em torno de 76 tipos conhecidos de *Madija*. Cada símbolo totêmico, seja planta ou animal, caracteriza os membros do grupo de descendência a ele associados (Silva, 2003).

No presente levantamento, não pesquisamos a classificação totêmica, mas sim o sistema de parentesco dravidiano, no qual o matrimônio paradigmático entre *ohini* ou primos cruzados (entre filhos de irmãos de sexo oposto) produz duas categorias inclusivas de parentes: parentes paralelos (consangüíneos) e parentes cruzados (afins).

Parentesco

O sistema de parentesco Kulina é dravidiano e essa estrutura possibilita um mecanismo de organização que estabelece uma tela social de estabilidade e continuidade, devido ao conjunto de parentes paralelos e cruzados, assim como ao casamento entre os primos cruzados, dado que cada casal (a relação horizontal) está integrado com um membro de cada categoria, cada um com as suas alianças sociais e políticas particulares. Além disso, na linha de descendência filial (a relação vertical), consangüíneidade e afinidade alternam por geração, ou seja, os progenitores



do Ego e da sua mulher eram um casal de irmãos (consanguíneos); Ego e a sua mulher/ou seu marido são um matrimônio (casal de afins) – cruzados – e seus filhos e filhas serão irmãos (consanguíneos), que de novo produzirão afins, ou seja, parentes que podem se casar.

Em geral, os primos cruzados bilaterais (*ohini*), normalmente de um grupo de descendência aliado, são os preferidos para o casamento. O padrão de residência de novos casais tende ser uxorilocal (na casa ou perto da casa do pai da mulher - sogro), ainda que existam muitos casais que encontram motivos para se estabelecer num local que não é na aldeia dos cônjuges.

Além do parentesco considerado para eles como “biológico”, os Kulina praticam um sistema de parentesco social adicional de compadrio, no qual duas famílias optam por ter laços mais estreitos. Esta decisão é celebrada com um *mariri* (festa tradicional).

As relações de parentesco, os grupos de descendência e os mecanismos de troca interagem numa rede de reciprocidade de forma que as várias esferas do social estão relacionadas por um denominador comum: o chamado *manaco*, o sistema de reciprocidade Kulina, que orienta e define as opções matrimoniais e as alianças políticas (Silva, 2003).

Nesta ordem, existem mecanismos que freiam a mobilização política das famílias em caso de conflitos internos, onde a comunidade tem muitas razões para negociar os desentendimentos, porque, dado o sistema de parentesco que têm, todos os indivíduos têm solidariedade de parentesco e alianças políticas diferenciadas entre si, o que, potencialmente, em caso de conflito, poderiam desestabelecer os casais.

Casamentos

No casamento Kulina há uma série de regras que ambos os sexos devem cumprir. O marido deve obrigações ao sogro, em retribuição à concessão da esposa, e recebe em *manaco* (troca; retribuição) obrigações dos seus cunhados por cuidar da irmã. Estas regras dizem respeito, principalmente, aos trabalhos coletivos, como a derrubada da mata para a roça e a construção de casas e canoas. À mulher ele deve oferecer dádivas e presentes em troca dos seus favores, necessidade que se expressa inclusive publicamente, como, por exemplo, no ritual da *Coïdsa*, em que os homens retornam da floresta trazendo alimentos que entregam publicamente às suas esposas.

As mulheres mais velhas, mães, filhas menores, cunhadas e irmãs, vão juntas à roça, banham-se juntas, cuidam dos irmãos menores, cozinham, participando de um universo social feminino em



que o momento de casar-se é apenas mais uma etapa de algo que começa muito cedo e dura toda a vida.

Na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau a grande maioria dos matrimônios são entre Madija. As únicas exceções são o casamento de um homem Madija casado com uma não-índia e o casamento de uma mulher Madijá com um *caria*. Nas outras terras Kulina do Alto Envira, foram citados alguns casos de casamentos de Kulina com pessoas de outras etnias (Kaxinawá e Ashaninka).

Em geral, as mulheres Madija que se casam com homens de outras etnias vão morar nas aldeias de seus maridos. Não há casos de homens de outras etnias vivendo nas terras indígenas Kulina do Alto Envira, porém existem casos de mulheres Madija vivendo entre os Ashaninka e os Kaxinawá.

Composições de moradia dos grupos domésticos

No passado, os Kulina viviam em grandes construções de palha, que abrigavam famílias extensas. Atualmente, vivem em casas construídas sobre palafitas, nos moldes regionais das habitações dos seringueiros amazônicos. As habitações atuais dos Kulina abrigam cerca de, no máximo, 20 pessoas, reunidas em torno de um patriarca que convive com os seus netos e genros. Essa situação perdura até que estes últimos construam suas próprias casas e plantem seus roçados, o que normalmente acontece após o casal já ter filhos.



Demografia (histórica e contemporânea) e história de ocupação da área

Os Kulina, historicamente, assim como outras etnias, além de ter tensões e enfrentamentos interiores ao grupo, viveram entre grupos hostis, fazendo dos ataques entre grupos uma constante. Ainda hoje, mantêm relações tensas com grupos da região, inclusive com seus vizinhos Kaxinawá, tratando essa aliança temporária como uma estratégia diplomática pontual e necessária para com o antigo rival.

Em 1984, os Kulina, aliados aos Kaxinawá, realizaram a autodemarcação da Terra Indígena Alto Purus, que foi seguida de sua interdição pela FUNAI, em 31/07/1987, para estudo e definição de limites, sendo a demarcação oficial datada de 05/01/1996.

Embora a situação jurídica de suas terras esteja regularizada, a pressão social provocada pela interação com fazendeiros e vizinhos, pelo confronto com caçadores e pescadores, além das freqüentes invasões de sua área para a extração ilegal de madeira, demandam atenção permanente e estratégias preventivas no sentido de minimizar os impactos que essas relações externas causam e podem causar.

Relacionamentos interétnicos ou intercomunitários

No Estado do Acre, os Kulina são conhecidos por serem “um povo que gosta muito de viajar”. Tanto os Kulina do Igarapé do Pau, como os habitantes das outras terras indígenas Kulina do Acre, mantêm um intenso deslocamento entre os rios Envira e Purus.

Todos os anos, na época do verão, quando o nível das águas dos rios é mais baixo, os Kulina do Alto Envira, incluindo aí os Kulina do Igarapé do Pau, viajam ao Rio Purus, a fim de visitar e realizar *manaco* com os seus parentes que vivem naquela região. No contra fluxo, os moradores do Purus também viajam para o Rio Envira, com o mesmo objetivo. Esse trajeto é feito em parte pelos rios, onde os Kulina viajam em suas canoas, e em parte por “varações” (caminhos no meio da mata), onde os Kulina caminham.



Apesar da grande distância, os Kulina também costumam visitar seus parentes que vivem no município de Eirunepé, no sul do Estado do Amazonas. Para tanto, sobem o Rio Tarauacá, até chegar no Rio Juruá, onde vive uma grande quantidade de Kulina.

Histórico do contato e fenômenos associados

Existe pouca informação histórica acerca do grupo Kulina, principalmente no período que antecede o final do século XIX, pois, até este período, os pioneiros no desbravamento dessa região eram basicamente coletores de “drogas do sertão” e eventuais caçadores que não tinham interesse ou recursos para realizar registros.



Essas primeiras expedições de coletores das “drogas do sertão” exploravam os índios por meio de escambo: recebiam tartarugas, peles de animais, especiarias, óleos vegetais, madeiras de lei e sementes de cacau, dando em troca ferramentas, roupas, anzóis e outros produtos industrializados.

Em 1837, o inglês W. Chandless produziu para o *Journal of the Royal Geographical Society* um relatório detalhado sobre a região do Juruá, em que pela primeira vez aparecem referências a vários povos indígenas, entre eles os Kulina, também chamados “corinos” e “kulinos”.

Os primeiros contatos regulares dos Kulina com os não-índios deram-se com os seringueiros no ciclo da borracha do final do século XIX, quando então viviam no interior da floresta. Em função das sangrentas “carrerias”, assim chamadas as violentas incursões promovidas por seringueiros brasileiros e caucheiros peruanos, eles fugiram em direção às cabeceiras dos rios da região. Houve um duplo deslocamento dos índios, não apenas dos Kulina como também de outras etnias, em direção às cabeceiras dos rios em que eles habitavam, provocados pela direção que caucheiros e seringueiros tomavam. Os caucheiros vinham do Peru para a Amazônia e os seringueiros subiam os rios amazônicos em direção à Bolívia e ao Peru. No caso dos Kulina, esse deslocamento se deu, principalmente, no Alto Purus e Juruá.

O difícil acesso a essas regiões prejudicou a constituição de seringais nos trechos mais acidentados dos rios (principalmente nos locais onde a água fica mais rasa), criando condições para que os Kulina e outras etnias vivessem por algum tempo com menor interferência não-indígena.

A partir dos anos 10 e 20 do século XX, as populações indígenas foram incorporadas na economia e estrutura social dos seringais. Atrelados a redes de aviamento engendradas pelo patrão por meio do barracão, continuavam, se o patrão permitia, suas atividades de subsistência, mas passaram a desempenhar uma série de atividades produtivas, como cortar seringa, bater campo e outras atividades relacionadas ao funcionamento do seringal. Ao serem incorporados nos seringais, as populações indígenas foram obrigadas a abandonar seus tradicionais padrões de moradia e organização política. Porém a inserção e adaptação dos Kulina na economia dos seringais não se deram da mesma forma que outros grupos indígenas da região, pois os Kulina seguiram outras estratégias de sobrevivência, ficando à margem do sistema ocidental imposto.





População, assentamento e ocupação demográfica

Há, aproximadamente, quinze anos, os Kulina do Igarapé do Pau moravam três voltas do rio abaixo da sede do seringal Califórnia, no local denominado de Terra Alta do Bucuiú. Quando a terra indígena foi demarcada, eles se mudaram para o local onde estão até hoje, na Aldeia Califórnia. Desse ponto, dividiram-se formando as aldeias Limoeiro e Coqueiro.

A população da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau em 2006 era de 163 habitantes, conforme o quadro a seguir.

Distribuição dos habitantes da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau

	Aldeia	Habitantes	Casas	Famílias	Homens	Mulheres	Meninos < 15 anos	Meninas < 15 anos	Aposentados
01	Coqueiro	36	8	8	11	12	07	06	01
02	Califórnia	79	12	16	24	20	21	14	01
03	Limoeiro	48	10	10	16	13	08	11	01
	Total	163	28	34	51	45	36	31	03

Dentre os moradores da terra indígena, existem alguns que possuem “profissões” ou “cargos de *cariá*”, como é o caso de professores e agentes de saúde. Algumas destas pessoas são remuneradas pelo Governo.



Uso do espaço: ambientes, recursos e conhecimento tradicional

Ocupação do espaço

Atualmente, a Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau possui três aldeias, localizadas na margem direita de quem sobe o Rio Envira em direção à sua nascente. Todas as habitações se encontram na margem do rio, ou muito próximas a ela.

Os grupos domésticos mais estreitamente ligados entre si constroem suas casas próximas umas das outras, formando uma aldeia e mantendo uma notável distância entre as outras aldeias.

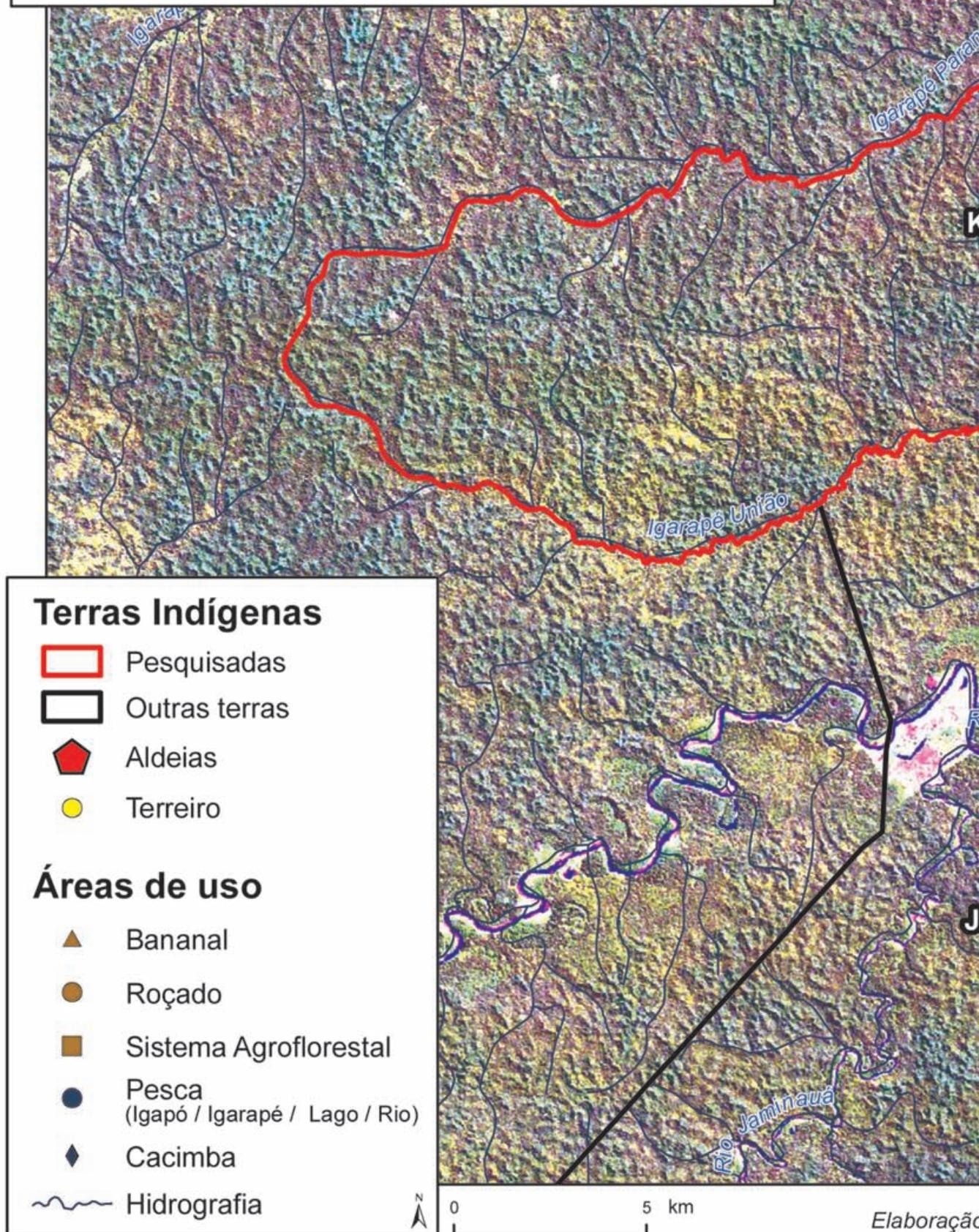
A primeira aldeia da terra indígena, para quem vem subindo o rio a partir da cidade de Feijó, é a Aldeia Coqueiro, localizada próxima ao limite inferior da área. A segunda aldeia é a Califórnia, situada na antiga sede do Seringal Califórnia. Nesta aldeia, existe uma grande escola construída pelo Governo do Estado, onde reside o professor e sua família, e também foi construído um módulo sanitário da FUNASA, que está em desuso desde 2003. A terceira aldeia, chamada Limoeiro, é localizada próxima ao limite superior da terra indígena. As três aldeias são formadas por um enfileirado de casas, tendo a frente voltada para o Rio Envira e os fundos para o roçado ou a mata.

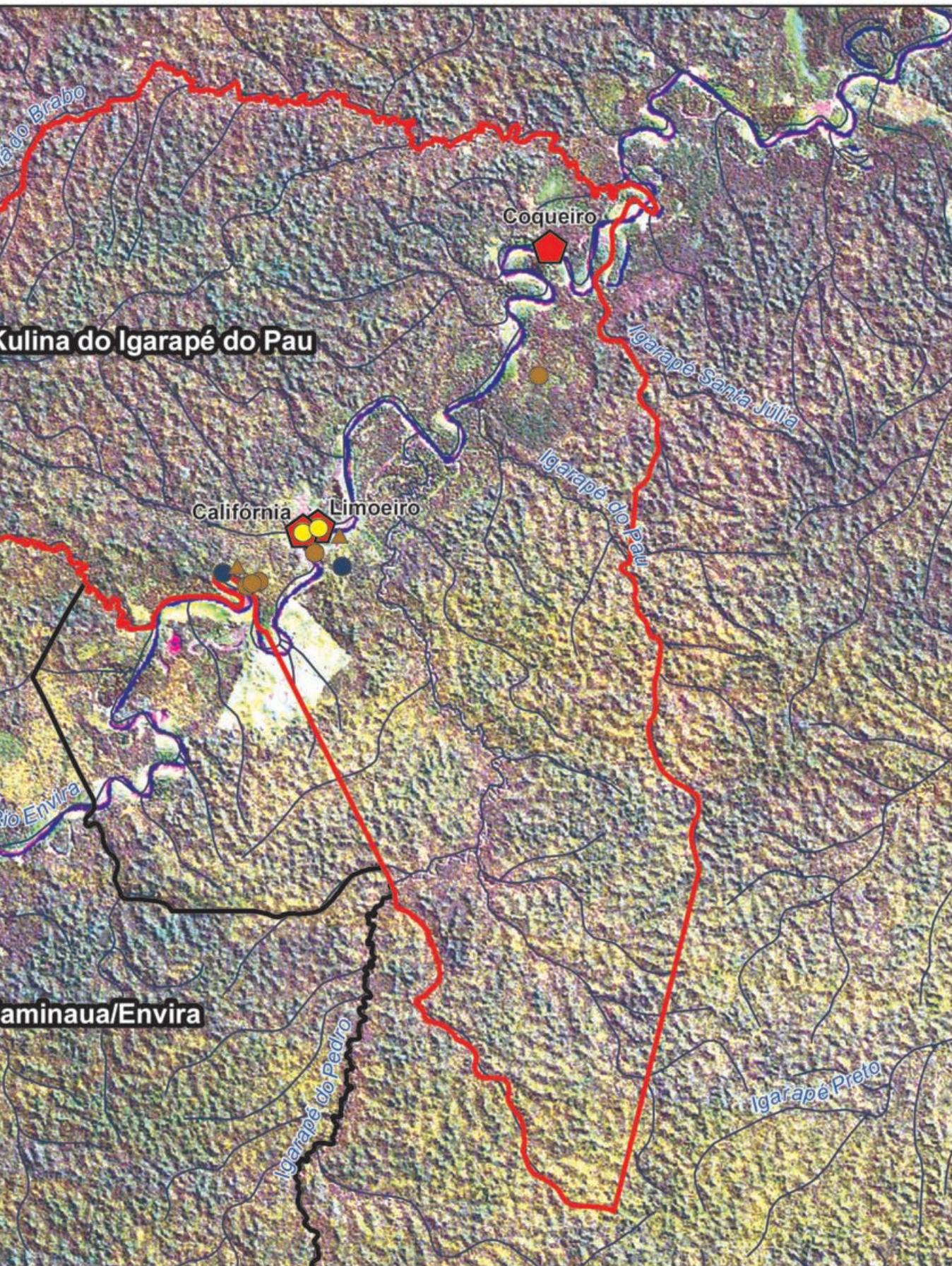
O local preferido pelos Kulina para o estabelecimento das aldeias é a terra alta, livre das inundações no período chuvoso. Porém, segundo Juarez Kulina, liderança da Aldeia Coqueiro, *“o melhor lugar para construção de casa é na terra firme, para não correr risco de alagar, mas a terra não pode ser terra muito alta, porque se não, o vento pode derrubar a casa”*.





Uso e ocupação da TI Kulina do Igarapé do Pau







Unidades de paisagem e vegetação

A identificação de unidades de paisagem é um tema complexo, pois estas são determinadas pelo conjunto de variáveis que as compõem, como, por exemplo, tipo de solo + tipo de vegetação + localização da área.

Durante o levantamento etnoecológico foram obtidas informações acerca das seguintes unidades de paisagem identificadas pelos Kulina:

- **Terra baixa/Baixo:** As terras baixas, ou “baixos”, correspondem à “várzea”, ou seja, às planícies de inundação que são representadas por uma faixa de largura variável ao longo dos rios e igarapés.

- **Terra alta:** As terras altas consistem nas áreas que comumente não são inundadas pelas águas dos rios, sendo consideradas o local mais adequado para a construção de casas e implantação dos roçados.

- **Praia:** As praias são pequenas extensões de areia fina na beira do rio, enriquecidas anualmente com nutrientes provenientes das alagações na época das chuvas.

- **Beira d'água:** Ambiente formado na beira dos lagos.

- **Beira de igarapé:** Ambiente formado na beira de igarapés.



Tanto na terra alta, como na terra baixa, podem-se encontrar as seguintes vegetações:

- **Mata bruta:** Mata fechada, densa, que não foi mexida pelo homem. O mesmo que “mata virgem”.

- **Capoeira:** Vegetação de origem antropogênica, onde provavelmente já existiu um antigo roçado ou pasto de criação de gado, que foram abandonados e, portanto, a vegetação natural voltou a se desenvolver. Dependendo do estágio de sucessão em que a capoeira se encontra, pode ser denominada de capoeira alta (mais antiga) ou capoeira baixa (mais nova).

- **Mata com taboca cerrada:** Vegetação com predominância de taboca (*Guadua* sp.). Local muito difícil de se transitar, pela grande quantidade de espinhos presentes nas hastes da taboca.

- **Mata com sororoca:** Mata com predominância de sororoca (plantas das famílias Marantaceae e Musaceae), que nascem em lugares úmidos ou alagados. Já a vegetação encontrada nas praias e barrancos da beira do rio é chamada de *Henissi*, e também pode ser chamada de *Tatta*, que é uma vegetação constituída principalmente de tacana ou cana-brava (diversas espécies da família Poaceae) e embaúba (*Cecropia* spp.) – waarukaa.





Transporte

O transporte para a Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau se dá por via fluvial, através do Rio Envira.

Numa canoa com capacidade para três toneladas, com motor de rabeta de 9,5 HP - YANMAR, a viagem do município de Feijó até a Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau é realizada, em média, em quatro dias, viajando-se o dia todo (de manhã bem cedo até o fim da tarde), porém a viagem pode demorar muito mais na época do “verão”, dependendo da quantidade de água no rio.

Entretanto, na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau, apenas os moradores da Aldeia Coqueiro possuem um motor de barco, fato este que, somado ao alto preço do combustível na região, torna muito difícil o transporte dos moradores desta terra indígena a longas distâncias.

Os moradores das aldeias Califórnia e Limoeiro, quando precisam ir até a cidade, eventualmente emprestam o motor dos *cariás* da Colocação 4J. Mas, em geral, quando os Madija do Igarapé do Pau precisam ir até a sede do Município de Feijó, têm que esperar a “passagem” de algum barco que esteja indo para a cidade.

Portanto, pode-se considerar que o transporte nesta terra indígena se dá, basicamente, no varejão, por meio de canoas, que são diferenciadas entre cascos e ubás.



Técnicas e divisão social do trabalho

A confecção de canoas é um trabalho predominantemente masculino, pelo fato de exigir muita força física. O que diferencia os cascos das ubás é o formato da canoa e o tipo de madeira utilizada na confecção. Os cascos são mais abertos (achatados), enquanto as ubás – dajoni são mais “roliças”. Os cascos são as canoas feitas com madeira de jacareúba, guariúba, itaúba; já as ubás são as canoas tradicionais Madija, feitas preferencialmente de cedro, ou aguano. As ubás são fabricadas com a utilização de fogo e, por serem de fabricação mais rápida, são mais utilizadas pelos Kulina do Alto Envira.

Tanto para a fabricação dos cascos quanto das ubás, fazem-se necessários instrumentos como o machado e a enxó, que são adquiridos com os marreteiros que sobem o Rio Envira, ou na cidade de Feijó.

Os Kulina são exímios remadores e até mesmo as crianças, por volta dos sete anos de idade, já andam sozinhas pelo rio nas ubás de suas famílias. Em geral, os remos são feitos de cedro (*Cedrela odorata L.*).

O transporte nos cascos e ubás pode se dar através de remo ou com o “varejão”. O “varejão” é uma forma típica de locomover a canoa nos rios acreanos, que consiste em empurrar a canoa com um “varejão”, que nada mais é do que uma vara comprida, geralmente feita de tacana (planta da família Poaceae), utilizada para fazer uma alavanca na areia do fundo do rio, empurrando a canoa sobre a água. Essa técnica só é possível pelo fato dos rios acreanos serem relativamente rasos.



Recursos Hídricos

Mito sobre a origem dos rios e igarapés

“Faz tempo, faz muito tempo, muitos anos, não tinha caboclo, não tinha cariú, não tinha peruano, não tinha nada. Faz muito tempo, só tinha mato, só mato mesmo.

Assim os Madija viviam muitos anos, bebendo água do mato. Não tinha água do rio, aí eles cavaram um buraco, um buracão mesmo, com água de chuva e começaram a beber dessa cacimba.

Quando o buraco estava cavado, aí tinha uma meninazinha pequena, deste “tamaninho”, que chorava muito, chorava.

Um dia a velha levou essa netinha dela para tomar banho na cacimba e a menina chorava muito, daí a velha foi espiar e disse:

- ‘Quem está espiando ali? É o boto mesmo!’.

Daí chegou um boto de baixo. Diz que [este boto] ouvia [a velha] conversando, a velha dizendo prá netinha dela:

- ‘Ai minha filhinha, agora não temos igarapé, bebemos só [água] de chuva’.

O boto disse:

- ‘Agora tem água, já não tenho que tomar água do mato, como antes, quando não tinha nada. Agora tem cacimba, posso tomar água da cacimba’.

Aí [era] tudo pau, não tinha igarapé, não tinha rio. O boto vai para lá, o boto. Boto vai, vai, vai, até riozinho ali, o primeiro aqui.

Foi mesmo.

O boto tomou banho, tomou banho, toma banho na cacimba por muito tempo, por muitos anos.

Ali, o boto começou a botar água aqui, da bunda dele. Botou [água] no rio, ele, o boto.

Muito tempo, muitos anos. Aqui muita água, o boto ia botando água da bunda dele e a água começou correr, começaram a correr todos os igarapés e rios.

Foi mesmo.

E o boto boiou, issh! E caiu muito barranco, caiu muito pau e ele foi pondo os igarapés, igarapézinhos, vai por aqui, vai por ali, colocou o igarapé Limoeiro, aqui na frente, o [igarapé] União, o [rio] Envira, outros rios, Juruá, Paraná, Purus, Tarauacá, tudinho.

Começou por aqui abaixo, por aqui mesmo”

(Manoelzinho Kulina – liderança da Aldeia Limoeiro).

Os recursos hídricos da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau são classificados por seus moradores nas seguintes categorias: rios, lagos, igarapés, igapós e cacimbas (olhos d'água). Quando se referem à pesca, os moradores indicam espécies de peixes predominantes em cada um destes habitats.

Rios

Os grandes rios, como o Rio Envira, o Purus e o Juruá, são chamados na língua Kulina de *Heni*. A água desses rios é considerada muito boa de beber, por ser amarela e barrenta. O único grande rio que passa nos limites da área indígena é o Rio Envira.

Lagos

Os principais lagos da região são formados pelas antigas voltas do rio que se separaram do leito principal, mas que se interconectam com o rio na época das cheias (inverno). Existem muitas espécies de peixes que vivem, preferencialmente, nos lagos, como é o caso do Pirarucu.

Com o tempo, o capim vai crescendo dentro dos lagos, tornando-os cerrados e os lagos vão se tornando cada vez mais impróprios para a pesca, pois os peixes se escondem no meio do capim, dificultando a pescaria.

Existem três lagos dentro da terra indígena: Lago Humaitá – cerrado, Lago Beca e Lago 4J (quatro jota), este último teve que ser dividido com os “brancos”, depois que a área foi demarcada, pois se encontra exatamente na fronteira entre a terra indígena e o entorno. A água dos lagos não é considerada própria para o consumo.



Igapós

Os igapós são áreas que ficam inundadas no inverno, mas que podem secar no período do verão, na época em que não há ocorrência de chuvas. A água do igapó é chamada de passo mahani. No sangradouro dos igapós, a água é encarnada (vermelha), clara, boa de beber.

Igarapés

Os igarapés são pequenos cursos d'água que geralmente possuem água mais clara e com menos sedimentos que a água dos rios. Segundo os moradores da terra indígena, não há denominação específica na língua Kulina para os principais igarapés da área, que são: Igarapé Santa Júlia, Igarapé do Pau, Igarapé do Pedro e os igarapés menores: Carrapateira, Copaíba, Salão, Cujubim, Limoeiro, Bananal, Balanço, Ponte Sete, Gavião, Onça e Hotel. A água dos igarapés é uma água transparente, clara, considerada muito boa de beber.

Cacimba

As cacimbas são os olhos d'água, de onde, geralmente, tira-se água de beber. A água de cacimba é considerada uma água branca, transparente, clara, a melhor água para se beber.

As três aldeias da terra indígena possuem cacimba, relativamente próximas às casas. Nas aldeias Coqueiro e Califórnia, a cacimba fica a dez minutos de caminhada da aldeia e, na Aldeia Limoeiro, a cacimba fica a, aproximadamente, três minutos de caminhada da aldeia.

Apenas as moradoras da Aldeia Limoeiro disseram que lavam roupa na cacimba. As moradoras das outras aldeias lavam roupa no Rio Envira.





Caça

Entre os Kulina do Igarapé do Pau, a carne de caça, chamada de *bani*, é a principal fonte de proteína de sua dieta.

Divisão social do trabalho

Entre os Madija, a caça é uma atividade exclusivamente masculina, que requer força e disposição do caçador e que, apesar de despender bastante tempo dos homens, é uma atividade muito apreciada por eles. O ato de caçar é praticado ao longo de todo o ano, tanto no inverno quanto no verão. Os Kulina do Igarapé do Pau não caçam todo dia, e sim de duas a três vezes por semana.

Os meninos Madija aprendem a caçar desde muito novos, acompanhando o pai e/ou outros homens mais velhos nas caçadas. Nas aldeias Kulina do Igarapé do Pau, é comum observar crianças brincando com miniaturas de espingardas de madeira, assim como miniaturas de arco e fecha, o que também faz parte de seu aprendizado. Ao atingirem a idade de 12 anos, os meninos começam a sair para caçar sozinhos.

Para ser um bom caçador é necessário que se tenha um profundo conhecimento sobre os animais, como, por exemplo, quais são seus hábitos específicos, quais são e onde se encontram seus alimentos preferidos, os locais onde preferem dormir, seus horários de atividade e



inatividade, seus sons característicos, rastros, cheiros, etc. Também é necessário estar familiarizado com a floresta, sendo capaz de orientar-se na mata, conhecer os cursos d'água, os tipos de vegetação, a topografia e a época de frutificação das árvores.

As mulheres Madija nunca vão caçar sozinhas, porém não é raro acompanharem seus maridos em algumas caçadas, nas quais o único animal que têm permissão para caçar é o jabuti, que, apesar de ser silvestre, é um animal considerado manso e, para caçá-lo, não é necessária nenhuma técnica especial. Apenas apanham o jabuti com as mãos e o trazem para casa, onde pode ser mantido vivo até que se tenha necessidade de carne, ou vontade de comê-lo. Contudo, quando há algum pequeno animal, como a cutia ou a paca, ameaçando as plantações dos roçados, as mulheres não exibem em matá-lo, porém esta atividade não é considerada caça pelos Madija.



Técnicas e instrumentos utilizados

Na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau, pelo fato de poucas pessoas disporem de espingardas e, principalmente, por terem muita dificuldade de conseguir munição, o principal instrumento de caça é o arco e flecha.

A escassez de armas de fogo na terra indígena se dá pelo fato de seus moradores não terem recursos financeiros suficientes para comprar as armas e, tampouco, a munição. Porém, quando perguntados a respeito, os moradores disseram que gostariam de possuí-las.

As flechas, chamadas de *bubá*, são feitas de taquara mansa (família Poaceae), com a ponta de taboca (*Guadua sp.*) “que já tem veneno por natureza”, e os arcos, chamados de *ssissité*, são confeccionados de pupunha brava (*Bactris acanthocarpa*), que por sua vez é chamada de *tossi*.

Além do arco e flecha e das armas de fogo, alguns animais também podem ser caçados com faca ou terçado.

Os Madjá desta terra indígena utilizam diversas maneiras de caçar, sendo elas:

- **Caçada a ponto:** Na caçada a ponto, o caçador caça sozinho, andando na mata, procurando o animal, até encontrar. Os caçadores da TI Kulina do Igarapé do Pau consideram esta a melhor forma de se caçar e, por isso, é a que mais utilizam.

- **Caçada de espera:** Na caçada de espera, o caçador vai esperar no local onde sabe que o animal frequenta para obter alimento, que pode ser num barreiro (lugar na beira de um curso d'água, onde os animais vão lamber barro) ou em uma “comida”, ou seja, ao redor de uma árvore que esteja frutificando.

As caçadas de espera, geralmente, são realizadas à noite e, para esperar a caça, o caçador coloca a sua rede próxima à “comida” e fica deitado ou sentado na forquilha de uma árvore para não ser percebido pelo animal.

- **Caçada de tocaia:** Na caçada de tocaia, o caçador constrói uma pequena casa de palha de jarina, coberta por todos os lados, deixando apenas um pequeno buraco por onde passará a flecha ou onde ficará o cano da espingarda. Dentro desta casa de palha, o caçador não é enxergado pelos animais. A tocaia deve ser feita num local de “comida”, no horário de alimentação do animal que se pretende caçar.

- **Caçada com cachorro:** Quando perguntados a respeito de caçada com cachorro, os Madija disseram que é muito raro realizarem este tipo de caçada, pelo fato dos cachorros espantarem as caças para longe, tornando a caçada mais difícil. Os cachorros são usados apenas para eventuais caçadas de paca, na beira do rio.

Porém alguns moradores desta terra indígena relataram que os *cariá* (não-índios) que moram no entorno algumas vezes realizam caçadas com cachorro dentro do território indígena, o que acaba afugentando as caças para longe das aldeias.

Sonhos premonitórios

Juarez Kulina, liderança da Aldeia Coqueiro, e Mélk Kulina, professor da Aldeia Igarapé do Anjo (Terra Indígena Igarapé do Anjo), falaram a respeito de sonhos premonitórios que podem predizer se as caçadas terão ou não terão sucesso.

Quando sonha, quando o cara está sonhando assim, sonho muito feio, sonhando muito feio mesmo, aí quando ele vai caçar, encontra onça. O tipo de sonho é quando alguém com terçado quer cortar você. Outro dia eu encontro onça, a onça quase me matou, aí eu flechei onça e matei onça. Quando mata onça, deixa no matto. Ninguém num come onça não. Deixa a onça no matto, para os urubus comerem. A única parte da onça que nós usamos é os dentes. Usa dente de onça para fazer colar.

Quando o homem sonha com três mulheres vestidas com palha de jarina, três mulheres atrás do homem, aí, quando o homem vai para a mata, encontra tamanduá bandeira. Tamanduá é muito perigoso, abraça a gente e mata com a unha. Não têm dente, só mata a gente com a unha mesmo. Tamanduá também ninguém num come.

Quando sonha com garrafa de cachaça, quando sonha com canivete, quando sonha com cartucho, aí quando vai caçar na mata, vai encontrar porquinho. Se sonha canivete é sonho boa para matar caça, porque o canivete é que nem o dente do porquinho. A garrafa de cachaça é como o bico do porquinho e o cartucho também é bom de sonhar para matar caça.

Se sonha canoa nova, vai topar o rastro da anta. Aí é sonho bom, você sonha, vai topar o rastro da anta, aí anda duas horas, vai topar anta. (Mélk Kulina, Aldeia Igarapé do Anjo, Terra Indígena Kulina do Rio Envira).

Locais de caçada

O fato de uma área ser farta de caça é um importante requisito para a escolha do local de moradia dos Madija e a principal unidade de medida para se determinar a abundância de caça é a distância que se deve caminhar no interior da mata até encontrar caça. Só se anda mais de três horas para caçar se houver muita necessidade.

Apesar de o Alto Envira ser, em geral, uma região considerada muito boa de caça, apresentando



grande abundância de animais, existem exceções na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau. Os moradores da Aldeia Califórnia afirmam que têm dificuldade para encontrar caça perto da aldeia, tendo que caminhar, em média, duas horas no interior da mata para caçar. Segundo

eles, isto se dá porque a aldeia se localiza exatamente no mesmo local da antiga sede do Seringal Califórnia e os “brancos” que moravam lá serravam muita madeira e costumavam caçar com cachorro, o que afastou os animais para longe.

Para atingir os locais das caçadas, os Kulina utilizam os “caminhos de caça”, que são caminhos de uso comunitário, abertos no interior da mata. O caçador segue um destes caminhos até o local que achar mais adequado “entrar no mato” e, a partir daí, cada caçador toma o rumo que melhor lhe convier.

Em alguns destes caminhos, os Madija mantêm “acampamentos de caça”, que são “tapiris” (casas de palha), utilizados nas ocasiões em que realizam caçadas de mais de um dia ou caçadas noturnas, nas quais os caçadores dormem na mata.

Os principais locais de caçada na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau são: Igarapé do Pau, Igarapé do Pedro e Igarapé União. Também há uma colocação central (no interior da mata), chamada de colocação Maloca, que os moradores usam para caçar.

Os moradores do Igarapé do Pau também caçam fora do seu território e, muitas vezes, perambulam na mata das outras terras indígenas da região, contíguas a esta.



Restrições alimentares

Em diferentes épocas ou fases da vida das pessoas, ou para pessoas que se encontram enfermas, os Madija possuem restrições alimentares referentes a alguns animais, como a onça, o tamanduá bandeira, o mambira e os morcegos. Existem alguns tipos de restrição: a) animais que não podem ser comidos por pais de crianças pequenas; b) animais que não podem ser comidos por crianças; c) animais reimosos que não podem ser comidos por pessoas enfermas; d) as fêmeas dos animais, em geral, são menos reimosas que os machos.

Segundo os Madija da TI Kulina do Igarapé do Pau, as crianças não podem comer macaco prego porque tem um besouro dentro dele, que entra no coração da criança fazendo-a gritar muito e que só o pajé pode retirar esses besouros do coração das crianças. Esta é uma doença infantil chamada *epetokaji*.

O pajé usa cachimbo com tabaco quando a criança grita de dor e tem besouro dentro da barriga. Quando a criança tem besouro dentro dela é porque os pais comeram veado, macaco preto, macaco prego ou cujubim (Raimundo Francisco Kulina, Aldeia Califórnia).

Recursos utilizados

As caças mais abundantes na terra indígena são o porquinho caititu e a queixada, seguidos das várias espécies de veado, que, apesar de encontrados na área, não são tão freqüentes. Já a anta, só é encontrada bem distante das aldeias.

Aqui tem é muito queixada e porquinho, com uma hora de viagem, caminhando de pés, nós acha tanto a queixada como o porquinho. Já o veado tem, mas é meio pouco, pra matar veado tem que procurar e, a anta tem pouco mesmo, só vai achar anta com três horas de viagem, pra mais (Francisco Kulina, Aldeia Califórnia).

As caças grandes, em geral, quando abatidas, são divididas entre os moradores de uma aldeia.





Pesca

A pesca é uma atividade bastante praticada na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau, principalmente nos meses de verão (junho a setembro), quando o nível das águas dos rios e igarapés está mais baixo, tornando-os mais claros e limpos. É também no verão que os lagos novos se formam, pelas voltas do rio, que se separam do leito principal.

Na língua Madija, os peixes são chamados de aba e o ato de pescar, regionalmente denominado de mariscar, na língua indígena pode ser chamado de aba *corohinana* ou aba *dsamahinana*.

Técnicas e divisão social do trabalho

A pesca é uma atividade praticada tanto por homens como por mulheres. As crianças, desde cedo, acompanham os pais durante as pescarias, que podem ser individuais ou coletivas. Geralmente, o produto da pesca individual é de apropriação familiar e o da pesca coletiva é dividido entre as famílias dos pescadores.

Os Kulina do Igarapé do Pau pescam com tarrafa, malhadeira (rede) e anzol, no lago, no rio e nos igarapés. Também pescam com zagaia, principalmente para matar arraia e, quando o rio está raso, pescam peixes grandes utilizando zagaia e/ou flecha.

- **Anzol:** A pesca com anzol é mais utilizada pelas mulheres para pescarem no rio e nos igarapés e, geralmente, a isca usada no anzol é o tapuru do cocão. Os anzóis são confeccionados com arame ou comprados na cidade e nos marreteiros que sobem o Rio Envira.

- **Flecha:** A flecha, geralmente, é utilizada nas pescarias de peixes grandes no rio e é um instrumento de pesca utilizado apenas pelos homens.

- **Zagaia:** A zagaia é uma espécie de arpão, confeccionada com prego ou um pedaço de ferro fino, amarrado na ponta de uma vara, que é arremessada sobre o peixe. Em geral, é uma técnica usada somente pelos homens para matar arraia ou pescar peixes grandes.

- **Tarrafa:** A tarrafa é uma rede circular com chumbo nas bordas e um fio comprido no meio, por onde o pescador segura para lançá-la sobre o cardume de peixes, que ficam presos dentro da rede. Pode ser usada em lagos, rios e igarapés. Os Kulina do Igarapé do Pau, geralmente, compram a tarrafa na cidade ou de marreteiros que sobem o Rio Envira. As tarrafas podem apresentar diversos tamanhos. As grandes geralmente são utilizadas por homens, mas as pequenas podem ser usadas por mulheres e até crianças.

- **Malhadeira:** A malhadeira é uma rede grande, que chega a atingir até 40 metros de comprimento e é colocada no rio, em locais específicos como balseiros e tronqueiras.

- **Plantas tóxicas – Oaca e Tingui:** Um outro método de pesca utilizado pelos Madija é a pescaria com plantas tóxicas, como a oaca e o tingui. A oaca é plantada em quase todos os roçados da terra indígena e só é utilizada para pescarias em igarapés. Os Madija não usam oaca nos lagos, para não acabar com os peixes, o que demonstra um importante conhecimento tradicional sobre manejo de recursos naturais. Nas pescarias com oaca, geralmente, os peixes são capturados com as mãos, pois ficam entorpecidos pela ação da planta.

Para pescar com oaca, a gente tira a folha e pisa (maceta, pila) bem, aí faz as bolas e coloca no poço do igarapé, aí os peixes começam a boiar e a pular, aí é só pegar com a mão ou com flecha (Juarez Kulina, Aldeia Coqueiro).



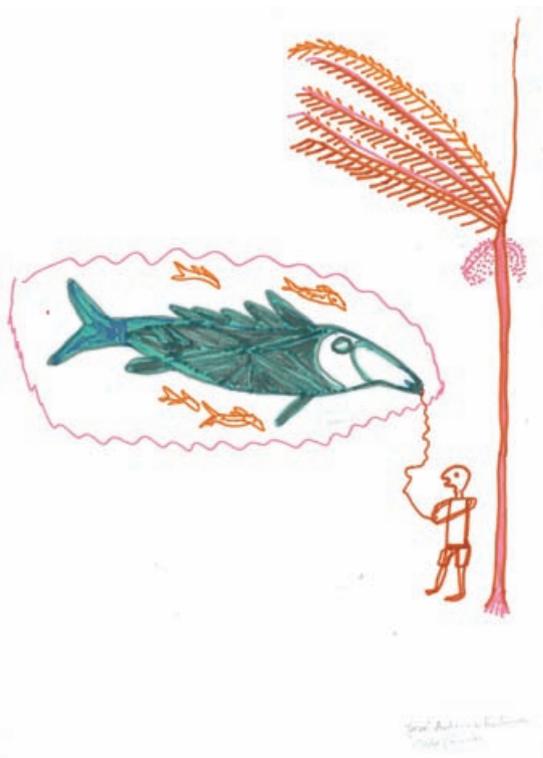
Restrições alimentares

Algumas espécies de peixe são contra indicadas para pessoas que se apresentam enfermas. Estes são denominados peixes reimosos e não devem ser comidos por pessoas que estejam de resguardo ou com machucado, infecção e mordida de cobra. Os peixes considerados reimosos são: arraia, curimatã, jundiá preto, mandim, mapará, piramutamba e pirarucu.

Recursos utilizados

Os peixes, em geral, vivem tanto nos rios e igarapés, como nos lagos e igapós, que são os principais ambientes para a pescaria. Os balseiros de rio são considerados lugares “bom de peixe”.

O Rio Envira é utilizado para pescaria pelos habitantes das três aldeias da terra indígena; já os lagos e igarapés, são usados conforme a proximidade das aldeias.



Na Aldeia Coqueiro, existe um lago chamado Humaitá, que está cerrado (cheio de capim) e, por isso, não é considerado um lago “bom de peixe”, pois os peixes se escondem no meio do capim, dificultando a pesca. Portanto, os moradores desta aldeia pescam no Lago Santa Júlia, que fica fora dos limites da terra indígena e é considerado “bom de peixe”.

Os moradores das aldeias Califórnia e Limoeiro pescam no Lago Beca e no Lago 4J (Quatro Jota). O Lago Beca localiza-se na margem direita do Rio Envira, muito próximo à Aldeia Limoeiro, dentro da área indígena. O Lago 4J fica na margem esquerda do Rio Envira e é dividido pelo limite da terra indígena e, portanto, fica metade dentro da terra indígena e metade na colocação 4J, fora da Terra Indígena.

Segundo os moradores da Aldeia Califórnia, antes da demarcação da terra indígena, o Lago 4J pertencia ao cacique Comandante Kulina, que morava nas suas proximidades. Depois da demarcação, os Kulina tiveram que se mudar para a margem direita do Rio Envira e uma família de não-índios se mudou para as margens do lago. Os Kulina fizeram um acordo com esta família e pescam no lago sempre que têm necessidade.



Agricultura e horticultura/manejo da terra

A agricultura e a caça são as principais fontes de obtenção de alimento e subsistência entre os Kulina do Igarapé do Pau. O roçado Kulina pode ser plantado tanto na mata bruta ou virgem, como nas capoeiras ou nos barrancos e praias do rio.

Geralmente, as áreas escolhidas para se colocar roçado são as de terra firme, por não estarem sujeitas ao perigo de alagação no período das chuvas. Entretanto, também existem os roçados de praia, que incluem as praias e os barrancos (encostas da margem do rio).

Técnicas e divisão social do trabalho

Em geral, os roçados da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau medem entre 0,5 a 1,0 hectare e são familiares, ou seja, cada grupo familiar possui o seu, a não ser na Aldeia Coqueiro, que possui apenas dois roçados grandes, e estes são comunitários.

O trabalho de implantação do roçado Madija é quase que inteiramente realizado pelos homens, sendo que as mulheres, quando ajudam, é apenas no plantio.

Esse trabalho de fazer roçado, a gente chama de Huidsaja ina atona. Quem faz o roçado é o homem. É o homem que escolhe o canto onde vai botar roçado e depois broca, derriba, toca fogo, coivara e planta. A mulher ajuda fazendo a caçuma e cozinhando para o homem, para ele ter o que beber e o que comer quando ele chega do trabalho (Comandante Kulina, Aldeia Califórnia).



Na época do verão, quando não há chuva, os homens de uma aldeia se reúnem para abrirem as áreas de roçado. A primeira atividade que o dono do roçado realiza é a demarcação da área que será aberta e, então, todos os homens da aldeia se reúnem para trabalharem juntos “brocando” o terreno e derrubando as árvores. Quando a área já está brocada e derrubada, espera-se alguns dias para que a vegetação seque e, logo após, é realizada a queima. Depois de queimado o roçado, espera-se alguns dias para que a terra esfrie e então é feito o plantio. Ao longo do ano, são feitas duas limpas no roçado, para a retirada do capim, que pode prejudicar o crescimento das plantas.

Segundo os moradores do Igarapé do Pau, não há nenhum ritual específico para o processo de implantação dos roçados. A única atitude que tomam em relação a isto é pintarem o rosto e o corpo com urucum e jenipapo no dia em que vão queimar o roçado, o que não é considerado como ritual pelos Madija.

Etapas do Processo de implantação de um roçado

	Atividade	Termo em Madija	Quando	Quem	Duração	Como
01	Brocar	<i>Tinana huidsaja</i>	Maio	Grupo de homens (adjunto)	2 dias	A broca consiste na limpeza do sub-bosque (retirada da vegetação mais rasteira e das árvores mais finas). Este trabalho é feito com terçado.
02	Derrubar	<i>Ccade huidsaja</i>	Maio – Junho	Grupo de homens (adjunto)	5 dias	As árvores mais grossas são derrubadas com machado e as mais finas com terçado.
03	Esperar secar		Junho- Julho- Agosto		2 a 3 meses	Espera que a vegetação que foi derrubada seque.
04	Queimar	<i>Butainana huidsaja</i>	Setembro	Grupo de homens	1 dia	Os homens tocam fogo no roçado e ficam vigiando para o fogo não se alastrar para a mata.
05	Esperar esfriar		Setembro		alguns dias	Espera que a terra e as cinzas provenientes da queimada esfriem.
06	Coivarar	<i>Itabona</i>	Setembro	Grupo de homens	1 dia	Retirada dos paus mais grossos e feito do aceiro.
07	Plantar	<i>Huidsaja ppaiinana</i>	Setembro	Homem dono do roçado com ajuda da mulher e dos filhos	Alguns dias	O trabalho é feito em família. Os homens abrem as covas e as mulheres ajudam a colocar as sementes e raízes.
08	Primeira limpa		Janeiro	Homem e mulher	Alguns dias	A limpeza do roçado consiste na retirada do mato que cresce entre as plantas cultivadas. Este trabalho é feito com as mãos e com o terçado.
09	Segunda limpa		Abril	Homem e mulher	Alguns dias	Idem a Primeira limpa



Depois que o roçado está pronto, a tarefa da colheita cabe às mulheres, que, sempre acompanhadas das crianças, fazem a caminhada da casa para o roçado, quase todos os dias, a fim de trazer a macaxeira (também denominada de roça), que é parte fundamental da alimentação Madija, assim como a banana e, eventualmente, o milho e alguns outros produtos agrícolas. Portanto, as mulheres são responsáveis por arrancar macaxeira, tirar banana, arrancar cará e outras batatas e quebrar milho. Também faz parte de sua rotina limpar o mato que cresce nos roçados.

Geralmente, os roçados são utilizados para “arrancar” macaxeira durante 02 ou 03 anos, mas todo ano são abertos roçados novos e apenas os roçados que têm bananal continuam a ser usados por mais tempo.

No verão, de abril a setembro, são cultivados os roçados de praia, onde se planta macaxeira, mudubim (amendoim), jerimum (abóbora), melancia, milho, feijão e melão.

Os roçados de praia também são de posse familiar e o seu plantio é feito por todos os membros da família. Os roçados de praia são de cultivo anual: todos os anos as famílias limpam a praia, plantam os “legumes”, fazem a limpeza do mato que cresce e realizam a colheita antes das





inundações do rio. Na ocasião do plantio, o homem e a mulher limpam a praia juntos e, depois, o homem faz as covas, enquanto a mulher e as crianças plantam as sementes.

Além dos roçados de terra firme e de praia, muitas famílias cultivam bananais, onde são plantadas diversas variedades de banana, especificamente para a produção da fruta. Os bananais, em geral, são antigos roçados, onde toda a macaxeira foi arrancada e, então, sobraram apenas os pés de banana, que continuam sendo manejados para a continuidade da produção.

O bananal nunca se acaba, porque nós limpa sempre para não deixar o mato tomar de conta e aí vai sempre tirando os pés que já deram cacho e deixando os filhotes crescerem. Quando precisa, quando uma touceira ta se acabando, planta banana nova (Expedito Kulina, Aldeia Limoeiro).

Recursos utilizados

A escolha do local para a implantação dos roçados está relacionada com o tipo de solo, sendo que o preferido é o solo “areiúsko”, um solo arenoso, com pouco barro, que facilita o crescimento da macaxeira, assim como torna mais fácil o trabalho de arrancar suas raízes, depois de crescidas.

O solo muito argiloso não é muito apreciado, pois “*agarra a raiz da roça*”, tornando o trabalho de arrancar a macaxeira muito mais difícil.

De preferência, os roçados devem ser localizados próximos às aldeias, mas muitas vezes, no caso de haver criação de animais como o porco e o gado, que podem estragar o plantio, os roçados são colocados do outro lado do rio, ou em um lugar distante da aldeia, onde os animais não possam chegar.

O principal produto agrícola cultivado nos roçados Kulina é a macaxeira, também denominada de roça. A macaxeira é utilizada pelos Madija como referência para o plantio de todos os outros cultivos, pois, quando questionados sobre a época de plantio dos “legumes”, as respostas foram baseadas na época de plantio da macaxeira, como, por exemplo, “*a banana é plantada junto com a maniva, já o algodão, a gente planta depois da maniva e depois da banana*”; “... o cará,

nós também planta junto com a maniva...”
(Juarez Kulina, Aldeia Coqueiro).

Existem dois tipos de macaxeira: a macaxeira mansa e a macaxeira brava (que só deve ser ingerida na forma de farinha). A macaxeira mansa pode ser comida cozida (na água) ou assada (direto no fogo) e é a principal matéria-prima da caiçuma forte, uma bebida muito apreciada e ingerida com frequência pelos Kulina.



Também é da macaxeira que se faz a farinha, produzida nas três aldeias da terra indígena. Os Kulina do Igarapé do Pau produzem dois tipos de farinha: a farinha branca e a farinha puba. Segundo os moradores da terra indígena, a farinha que produzem é feita apenas para

o consumo próprio da comunidade. Gostariam muito de comercializar, mas não têm meios de transporte para levar a farinha para a cidade, a fim de vendê-la.



Além da macaxeira, também são plantados uma grande variedade de “legumes” e de frutas nos roçados, como a banana, a cana, o mamão, o cará, a batata doce, o milho e o ingá. Produtos não alimentares, como o algodão, o tabaco, a oaca e o tingui (plantas ictiotóxicas, utilizadas na pescaria), também são plantados nos roçados.

O tabaco é cultivado nos roçados, porém é plantado separadamente dos plantios de macaxeira e milho. Para o plantio do tabaco, prepara-se um canteiro com “estrume” e paú (matéria orgânica em decomposição), onde são colocadas as sementes do tabaco, que após a semeadura são cobertas com palha de aricori. Quando as mudas atingem uma determinada altura, ou seja, *“quando elas já estão grandinhas”*, são transplantadas para o local de plantio definitivo.

O tabaco é plantado no mês de outubro e suas folhas só são colhidas um ano e meio depois, no mês de abril. Depois de colhidas, as folhas são colocadas para secar no telhado das casas. Para se preparar o fumo de corda, quando as folhas estão secas, faz-se a corda de folhas e amarra-se com envira. O tabaco é muito apreciado pelos Kulina do Igarapé do Pau e é usado



tanto para fazer rapé, como para fumar e mascar. Tanto os homens como as mulheres Madija têm o costume de mascá-lo. O rapé, também denominado *ssina*, é usado para “tirar preguiça” e é preparado com as folhas do tabaco secas no fogo, bem pisadas (trituradas) e misturadas com cinza (*ocaja*) de uma árvore chamada canela velha (*toniro*).



A distribuição dos roçados na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau se dá da seguinte forma:

- **Aldeia Coqueiro:** Roçados distantes da aldeia por causa da criação de porcos. A aldeia possui apenas 02 roçados grandes, de uso comunitário, e todas as mulheres vão juntas para o roçado.



- **Aldeia Califórnia:** Roçados distantes da aldeia ou do outro lado do Rio Envira, por causa da criação de porcos e gado. Atualmente, a aldeia possui 07 roçados, cada família tem o seu, sendo o roçado do cacique, Comandante Kulina, o maior de todos.

- **Aldeia Limoeiro:** Roçados bem próximos às casas. Cada família tem o seu roçado, totalizando 06 roçados na aldeia.





Criação de animais/manejo da terra

Todas as aldeias da terra indígena possuem algum tipo de criação de animais, sendo as mais comuns: galinha, ovelha e porco, mas também são criados patos, capote (galinha d'angola), cachorros e gado. De forma geral, as mulheres são as responsáveis pela criação e cuidados dos animais de terreiro e os homens são responsáveis pela criação e cuidados com o gado.

As galinhas são os animais criados em maior abundância, em todas as aldeias. Elas são criadas soltas no terreiro, se alimentam de restos de comida que são jogados próximos às casas e dormem, geralmente, embaixo das casas.

Os porcos são criados apenas nas aldeias Coqueiro e Califórnia. Vivem soltos e caminham pelos arredores das aldeias em busca de alimentos. Nessas duas aldeias, os roçados ficam bem distantes da área de perambulação dos porcos, pelo fato deles serem animais fuçadores que causam grandes danos às plantações.

As ovelhas são criadas nas aldeias Coqueiro e Limoeiro e ficam soltas para pastar nas imediações das aldeias.

Na Aldeia Limoeiro, algumas famílias criam pato; já na Aldeia Califórnia, apenas a família do Doutor Kulina possui criação desses animais, que vivem soltos, geralmente próximos ao rio.

Atualmente, apenas um morador da Aldeia Califórnia possui uma cabeça de gado. Os outros moradores que criavam gado venderam seus animais, por terem necessidade imediata de dinheiro. Apesar da pequena quantidade destes animais na terra indígena, muitos moradores

da área falaram de sua vontade de criar gado, com o objetivo de terem uma reserva de dinheiro. Os moradores da Aldeia Coqueiro, apesar de ainda não possuírem gado, já estão descampando uma área próxima à aldeia e plantando pasto para a futura criação destes animais.

Assim que eu juntar um dinheirinho, vou comprar ao menos duas cabeças de gado para criar, para começar a criação. Já estamos batendo campo para plantar capim, bem aqui, pertinho da aldeia (Juarez Kulina, Aldeia Coqueiro).

Apenas a Aldeia Califórnia tem criação de cachorros, que são criados soltos e, na maioria das vezes, se alimentam por si próprios.

De forma geral, a criação de animais é vista pelos Kulina do Igarapé do Pau como uma “poupança”, ou seja, os animais são criados com a finalidade de se ter uma fonte de renda ou uma moeda de troca, que possibilita a obtenção de produtos que não se pode conseguir na terra indígena.

Ocasionalmente, os moradores da terra indígena comem algum animal de criação, mas, na maioria das vezes, esses animais são trocados ou vendidos para os marreteiros que sobem o Rio Envira, vendendo uma grande variedade de produtos.

Coleta e extração (uso não comercial de plantas silvestres)

Pela condição de isolamento em que vivem, os Madija do Alto Envira tem uma estreita ligação com a floresta, retirando dela, por meio da coleta e da extração, a maioria dos produtos de que necessitam para sua sobrevivência.

É na floresta que os Madija obtêm grande parte dos recursos para a sua alimentação, por meio da caça e da coleta de frutas; assim como as madeiras para construção das casas e embarcações; os remédios, preparados através das plantas medicinais; tinturas para pintura do corpo e de tecidos; materiais para ornamentação, etc.

Técnicas e divisão social do trabalho

- **Frutas**

A coleta de frutas é uma atividade esporádica, que depende da época de frutificação das espécies coletadas. Normalmente, esta é uma atividade feminina, a não ser nos casos em que

seja necessário subir na árvore para retirar a fruta, como, por exemplo, no caso do açai e do buriti. Nessas situações, são os homens que realizam o trabalho, derrubando as frutas ou tirando o cacho, que, na maioria das vezes, são as mulheres que carregam para casa. Geralmente, as frutas são coletadas durante as caminhadas das mulheres pela floresta.

A gente não sai muito distante atrás de fruta não, mas se encontrar um pé carregado no caminho do roçado ou na varação, ou se a gente sabe que esta caindo fruta em algum canto, nós ajunta, enche a pêra (cesto de palha de murmurú) e traz para casa (Maria Marica Kulina, Aldeia Limoeiro).

- Madeira

A extração de madeiras e palhas para a construção de casas e de embarcações é uma tarefa exclusivamente masculina, realizada manualmente, com o uso de machado e/ou terçado.

- Plantas medicinais

Os Kulina têm um largo conhecimento de plantas com propriedades medicinais, que são chamadas de “remédios da mata”. Geralmente, quando precisam destes remédios, vão buscá-los na floresta, porém as mudas de alguns deles são coletadas na mata e trazidos para serem plantadas perto das casas.

Existem remédios que são apenas de conhecimento dos homens, como, por exemplo, os remédios utilizados para atrair caças. Existem outros que apenas as mulheres conhecem, como é o caso de remédios para evitar gravidez. E existem, também, remédios que são de conhecimento geral, como é o caso dos remédios utilizados em caso de picada de “insetos” (cobras, aranhas, arraia e outros animais peçonhentos).

- Tinturas e corantes

Também são extraídos da floresta os recursos utilizados no tingimento de tecidos e pinturas corporais. As tinturas mais utilizadas pelos Kulina do Igarapé do Pau para o tingimento de tecidos são aguano (mogno), violeta, urucum, pau brasil e jenipapo. Segundo Maria Baiana Kulina, além destas, existem muitas outras plantas utilizadas para tingir tecidos.







Moradia

A descrição que os Kulina fazem da moradia tradicional é de uma “maloca coletiva” que consistia numa grande habitação construída com duas abas até o chão, coberta com palhas de palmeiras, tendo duas entradas, uma em cada extremidade. Era habitada por uma família extensa e, em geral, as aldeias eram compostas por duas ou mais habitações deste tipo.

Atualmente, as casas, chamadas de *odsa*, apresentam o padrão de construção dos seringueiros, sendo construídas sobre palafitas, ou seja, uma plataforma sobre barrotes, com aproximadamente um metro de altura a partir do chão e cobertura de palha.

A maioria das casas é totalmente aberta, sem nenhuma divisória interna, não apresentando nenhum tipo de parede, sendo bastante raras as casas com alguma parede externa.

As casas desta terra indígena são bastante pequenas, se comparadas com o número de pessoas que nelas vivem. São construídas em formato retangular com a frente voltada para o lado do rio e têm, em média, as seguintes dimensões: 05 metros de comprimento por 03 metros de largura, com um único cômodo, onde são atadas as redes de dormir.



O fogo de cozinhar é feito no chão, na parte externa ao lado da casa. Algumas casas apresentam uma extensão do telhado de palha, embaixo do qual é feito o fogo, mas na maioria dos casos não há nenhuma cobertura para a fogueira.

Além das casas de moradia, existem os “tapiris”, que são pequenas e simples casas feitas de palha e de madeira leve, construídas em poucas horas e que são usadas apenas por alguns dias, provisoriamente, em acampamentos de caça ou dormidas na praia, durante as viagens pelos rios.



Técnicas e divisão social do trabalho

A construção de casas é uma tarefa predominantemente masculina e o verão foi citado como o período mais favorável para a construção, embora possam ser realizadas também no inverno.

As casas Kulina ficam cerca de um metro de altura do chão. A casa começa a ser construída enterrando-se os esteios e os barrotes no chão. Os esteios e barrotes são as madeiras de sustentação da casa e, portanto, ficam em contato com o solo. Por este motivo, devem ser madeiras resistentes a longos períodos sob a terra úmida.

Em seguida, as linhas são colocadas sobre os barrotes. As linhas são madeiras roliças que dão sustentação ao assoalho. Depois das linhas, são colocados os caibros, que são as madeiras que dão sustentação ao telhado de palha. Com os caibros colocados, pode ser feita a cobertura, que, na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau, é feita, em geral, com a palha de aricuri. A cobertura das casas também pode ser feita com as palhas de jaci, jarina e cocão, porém

alguns moradores citaram a escassez e a dificuldade na obtenção destas palhas na terra indígena. As palhas são amarradas aos caibros com envira de piriquiteira. Por fim, coloca-se o assoalho, feito de paxiúba, que é pregado nas linhas com pinos feitos de madeira. Nos raros casos de casas com paredes, estas são as últimas a serem colocadas.





Utensílios

Dentre os utensílios confeccionados pelos Kulina do Igarapé do Pau, estão os artefatos feitos de cerâmica, os tecidos feitos de algodão, as cestas feitas de cipó e palhas, os utensílios de madeira, como o remo, e os adornos, como o chapéu, feito do olho do cocão.

A cerâmica é um trabalho feminino e a matéria prima utilizada para a confecção dos objetos de cerâmica é o barro. O melhor barro para a cerâmica é o barro dos barrancos do rio. Com este barro são feitos pratos, tibungos, panelas, potes e vasos. Tradicionalmente, os Kulina também utilizam uma buzina feita de cerâmica, chamada de *Coripi* e utilizada na comunicação interna do grupo.

Para a confecção dos tecidos, as mulheres Kulina utilizam o algodão, plantado nos roçados, e com o tecido fazem redes de dormir e capangas (bolsas).

Os paneiros ou peras (cestas grandes utilizadas no transporte dos legumes do roçado para casa), chamados de *Japoto*, são feitos do broto da palha (folha) do aricuri (*Attalea phalerata*), regionalmente chamada de “olho do aricuri”.



As cestas menores são feitas do broto da palha (folha) do murmurú (*Astrocaryum spp.*), regionalmente chamada de “olho do murmurú”, do qual também são feitos chapéus, que podem ser feitos tanto do “olho do murmurú” como do “olho do cocão” (*Attalea tessmannii*).





Culinária

Para os Madija, as principais categorias de comida são: os produtos cultivados no roçado, regionalmente chamados de “legumes” (plantas cultivadas) e a carne de caça. Estes produtos representam as contribuições de produção e de transformação das mulheres e dos homens à subsistência.

Os Madija consideram a macaxeira como o “legume” mais importante de seus roçados de terra firme, constituindo a base alimentar dos seus grupos familiares, indispensável nas suas refeições diárias e ingrediente necessário na preparação do *passini*, a caiçuma fermentada de mandioca. A macaxeira pode ser comida assada diretamente na brasa ou cozida com água, assim como a carne de caça, que além de assada e cozida, pode ser moqueada na folha de sororoca.

Os Madija racionalizam a divisão sexual de trabalho na produção, colheita e processamento de alimentos, em termos de cheiro. Este sistema conceitual especifica que substâncias

silvestres, de cheiro forte ou “pixé”, principalmente animais de caça, são do domínio dos homens, e substâncias cultivadas, com cheiro pouco forte ou bom, pertencem à esfera feminina. O cozimento transforma carne de cheiro forte em alimento apto para consumo humano, mas, sendo a carne uma substância masculina, a carne de um animal macho é considerada forte demais.



Sazonalidade e o calendário/clima

Apenas duas estações são citadas pelos Madija: inverno e verão.

O Verão começa em maio e vai até final de setembro, sendo a época em que para de chover e começam as friagens. Para os Madija, o verão é considerado a época de botar roçado, construir casas e fazer pescarias de tarrafa, malhadeira, anzol, flecha e oaca no rio e nos lagos. E quando os lagos e igapós estão secos, os Madija também pegam peixes com as mãos. As grandes viagens de visita aos parentes que moram distante, como no Rio Purus ou no Estado do Amazonas, também são realizadas durante o verão.

Quando a aroeira começa a dar suas pequenas frutas vermelhas e logo após acontece a florada da mutamba (*Guazuma ulmifolia*), acompanhada do amadurecimento dos frutos da pama (*Pseudolmedia laevis*), é o sinal de que começou o verão. É nesta época que o jaburu (*Jabiru mycteria*) começa a voar e as garças (*Casmerodius albus*) começam a aparecer nas praias. A gaivota começa a cantar, assim como o sapo toruhacaca e o sapo canoeiro, que só cantam no verão.

O Inverno começa em outubro, se estendendo até fim de abril. É a época das grandes chuvas. Os Kulina do Alto Envira identificam a chegada do inverno quando a gia começa a cantar. O sapo *hoahoa* e o sapo de inverno também cantam, assim como os pássaros sabiá e o papagaio, que só canta e se reproduz no inverno.

Assuntos de gênero

Os principais trabalhos das mulheres são: cuidar da limpeza da casa, tirar macaxeira e trazer para casa, cozinhar, cuidar das crianças, lavar roupa, carregar água de beber para dentro de casa, limpar o roçado, fazer artesanato (algodão, cerâmica, cestaria).

A maior parte das tarefas femininas é realizada dentro de casa, no terreiro ou nas imediações da casa, apesar de que as mulheres também ajudam no plantio e na colheita de certos gêneros agrícolas dos roçados e, muitas vezes, participam das pescarias coletivas.

Os principais trabalhos dos homens são: fazer roçado de terra firme e de praia, limpar roçado, caçar, cortar madeira para lenha, construir e fazer a manutenção da casa.

Associações espirituais/rituais

Segundo informações disponíveis no Processo 1409/93, a cosmologia Kulina é complexa e tem como objetivo a reconciliação dos opostos culturais como animal/humano, morto/vivo, selvagem/domesticado, floresta/aldeia, em um ciclo de transformação contínua.

Os homens, bichos e plantas vivem em *nami* (“terra”), enquanto que os espíritos ocupam o mundo subterrâneo, *nami budi*. Os bichos e animais de caça também vivem em *nami budi*, subindo a terra para serem caçados pelos homens. O pajé, quando bebe *rami* (ayahuasca) ou através de seus sonhos, entra em contato com o mundo de *nami budi*, visitando as grandes aldeias subterrâneas onde vivem os espíritos ou trazendo os animais para a superfície, próximos da aldeia. Para tanto, ele se transforma em animal também, como os outros animais de *nami budi*, que são espíritos metamorfoseados.

O pajé (*dsopinejé*) vai a *nami budi*, o local dos mortos, e, por identificar seu *tokorimé* animal (espírito, duplo, imagem) com os espíritos de mortos metamorfoseados, consegue trazê-los à superfície, próximos à aldeia, para então serem caçados e posteriormente comidos, para assim serem novamente introduzidos ao sistema de reciprocidade.

Para os Kulina, a doença é basicamente causada por *dori* (“feitiço”), que se manifesta na forma de um objeto que entra no corpo da vítima através de inserção mágica, podendo ser uma pequena pedra, um pedaço de pau ou osso, que causará muita dor no corpo do doente. Embora reconheçam, hoje em dia, que há doenças que não são *dori*, as “doenças de branco” – *dsama coma*, literalmente “terra doente”, seu sistema de crenças invariavelmente as atribui ao *dori* que, se não as provoca diretamente, age no sentido de predispor o outro a adoecer.

Quem lança o *dori* é sempre o pajé, que jamais age contra alguém de seu próprio grupo de descendência. Dessa forma, ou há um pajé de um grupo de descendência rival na aldeia ou ele veio de fora, podendo ser *Madija* ou não. Muitos conflitos aconteceram, e ainda acontecem, por conta disso, na forma do *Manaco* negativo (vingança) entre Kulina de localidades diferentes ou outras tribos.

O pajé precisa possuir conhecimento e controle sobre suas duas polaridades: a selvagem e a domesticada. É com o *dori* selvagem que ele poderá causar doenças, pois pajés também são, noutro plano, guerreiros, e, em caso de rivalidades ou da necessidade de praticar *manaco* negativo, usam seu poder para enviar ou devolver o *dori* ao inimigo.

Segundo os Kulina, as doenças do tipo *dori*, que se manifestam somente nos homens adultos, são causadas por xamãs inimigos, que injetam um pouco de substância *dori* no corpo da vítima.



Rituais e festas comunitárias

A prática de “mariri” é uma tradição viva, que solicita a participação de todos os moradores da aldeia, seja dançando, cantando, ou como espectadores. Para a realização desta atividade, existe um corpo importante de canções, que podem ser cantadas tanto pelos homens como pelas mulheres. Para conseguir um efeito de bi-tonalidade típico Kulina, as mulheres, enquanto cantam, requerem uma técnica especial de respiração.





Gestão na Terra Indígena: perspectivas e questões ambientais

Comercialização

Devido à: i) distância entre a terra indígena e a cidade de Feijó, ii) escassez de transporte para percorrer este trajeto, e iii) o alto preço do combustível na região, os Kulina do Igarapé do Pau raramente comercializam qualquer espécie de produtos produzidos na terra indígena.

Segundo os moradores desta terra indígena, o principal empecilho para a comercialização de seus produtos é a dificuldade de transporte. Somado a isso, o fato de poucos moradores receberem benefícios do Estado, como salários e aposentadoria, o capital de giro dentro da terra indígena é bastante escasso e a aquisição de produtos “de fora” ou “industrializados” é bastante incipiente.

Muitos moradores têm vontade de comercializar os produtos que produzem, a fim de terem alguma fonte de renda para comprar produtos que não são possíveis de se obter na terra indígena. Os principais produtos desejados pelos Madjá são: sapato, chinelo, “terçado”, sal, espingarda, munição, tarrafa, malhadeira, linha, anzol e tabaco.

É muito difícil de nós vender alguma coisa, porque não tem como nós levar os produto até a cidade e, para vender aqui no rio, ihhh, quem é que vai comprar. Vez ou outra dá de vender um pouco de banana, um pouco de milho ou umas galinhas pros marreteiro que sobe o rio, mas isso é só vez ou outra. Nós queria muito vender a farinha que nós produz, mas não tem barco para levar para a cidade (Comandante Kulina, Aldeia Califórnia).



Principais produtos comercializados

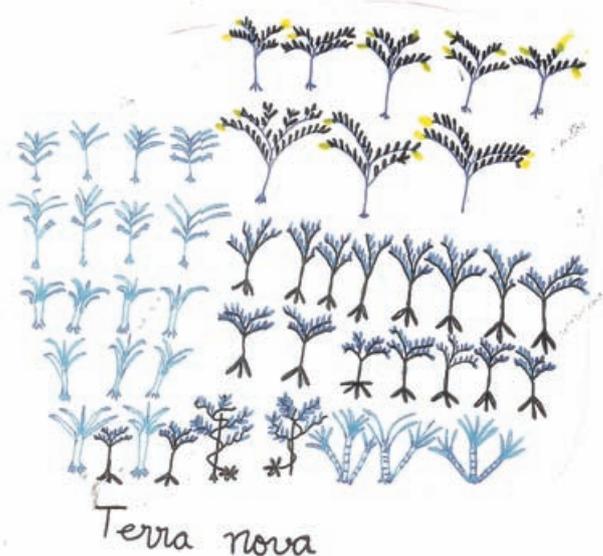
Eventualmente, os moradores da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau vendem banana e milho para os raros marreteiros que sobem o Rio Envira. Algumas vezes, quando vão à cidade de Feijó, levam banana para vender no mercado local.

Perspectivas

Atualmente, não há perspectiva de comercialização de produtos na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau.

Os Kulina são exímios artesãos e no seu dia a dia confeccionam diversos utensílios em madeira (canoas, remos, miniaturas de animais), cestos de palhas e cipós, assim como capangas (bolsas) de tecido de algodão. Porém a comercialização destes produtos é muito difícil, pois além de desorganizada, a produção é escassa e o mercado local não absorve e nem valoriza este tipo de produtos.

Segundo os índios, as maiores necessidades dos habitantes desta terra indígena são: I) melhoria no atendimento médico por parte da FUNASA; II) uma canoa grande com motor, para carregar a produção a ser comercializada na cidade; III) uma casa de farinha, com equipamento completo para cada uma das três aldeias; IV) instalação de uma rede de radiofonia para comunicação externa.





Agentes externos atuando na área

A Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau é uma área extremamente desassistida pelas instituições governamentais e não governamentais. As visitas da FUNAI regional (PIN Feijó) à esta área são bastante raras, ocorrendo apenas uma vez ao ano.

A saúde e o saneamento básico na área são extremamente precários. No ano de 2002, a FUNASA construiu um módulo sanitário na Aldeia Califórnia, separado em duas partes: área de banho e área de vasos sanitários. Além da estrutura física, essas construções contam com duas caixas

d'água de mil litros, um poço, encanamento e uma bomba para puxar água do poço até as caixas d'água. Porém, no ano de 2003, a bomba quebrou e, desde então, o módulo sanitário está em desuso.



A equipe de saúde da FUNASA (composta apenas por enfermeiros) visita as aldeias duas vezes ao ano, para realizar vacinação e eventuais consultas aos moradores. Porém, se houver alguma emergência em que o paciente precise ser levado à cidade de Feijó, não há meios de transporte para isto e os pacientes, em geral, ficam sujeitos



à própria sorte, muitas vezes falecendo antes de conseguir chegar à cidade.

Até o presente momento, nenhum dos Agentes Indígenas de Saúde (AIS) escolhidos pela comunidade participou de treinamento específico para exercer esta função. Além de nunca ter recebido treinamento, a AIS da Aldeia Califórnia raramente recebe alguns remédios da equipe de saúde da FUNASA, para medicar os moradores das aldeias, em caso de gripe, tosse e diarreia.

Em relação à educação escolar, a Aldeia Califórnia é a única da terra indígena que possui uma escola, construída pela Secretaria Estadual de Educação. Os professores Luis Carlos da Silva (não-índio), da Aldeia Califórnia, e Benedito Kulina, da Aldeia Coqueiro, estão participando de cursos de formação de professores indígenas promovidos pela Secretaria Estadual de Educação.

Segundo nos informaram alguns moradores, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) em raras ocasiões realiza algumas visitas a esta terra indígena, mas não foi possível levantar com exatidão quais as atividades realizadas por esta instituição com os moradores da terra indígena.





Organização e dinâmicas políticas

Historicamente, os Kulina são um povo que mantém pouco contato voluntário com a sociedade que os envolve, sejam estas sociedades indígenas ou não indígenas. Por este motivo, a organização comunitária interna sofre pouca influência da sociedade envolvente.

Por um lado, é bastante evidente o preconceito que se tem, no Estado do Acre, em relação a este grupo e não são raras as vezes em que se ouve falar que os Kulina são desorganizados ou que é muito difícil de se trabalhar com os Kulina. Provavelmente, este preconceito gera uma reação por parte dos Kulina que, por sua vez, demonstram pouco interesse em se “enquadrar” aos padrões que não sejam os seus próprios e este isolamento contribui para mantê-los como um grupo muito rico culturalmente.

Ao contrário da maioria das terras indígenas acreanas, na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau não há nenhuma organização social/política representativa da comunidade, nos moldes da sociedade nacional, como uma associação de moradores ou cooperativa.

A Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau faz parte do conjunto de terras indígenas que compõem a Organização dos Povos Indígenas do Rio Envira (OPIRE), mas, até hoje, nenhum habitante desta terra indígena participou da coordenação da Organização.

De uma forma geral, os moradores desta terra indígena se mantêm afastados das decisões políticas dos povos indígenas da região, até porque não possuem a rede de radiofonia que possibilitaria maior agilidade na comunicação com os agentes externos à terra indígena.



Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã

A língua Kaxinawá pertence à família lingüística Pano. Os Kaxinawá habitam a floresta tropical no leste peruano, do pé dos Andes até a fronteira com o Brasil, no estado do Acre e sul do Amazonas, abarcando, respectivamente, a área do Alto Juruá e Purus e o Vale do Javari.

Os Kaxinawá se autodenominam *Huni Kuin* – “Gente Verdadeira” – e o nome “Kaxinawá”, que significa “gente do morcego” em sua língua, é uma denominação dada aos *Huni Kuin* por outros grupos Pano, anteriormente incorporados ao mundo dos seringais.

Atualmente, os Kaxinawá possuem uma população de, aproximadamente, 5.500 pessoas vivendo no Brasil e no Peru. Constituem a população indígena mais numerosa do Acre, com

cerca de quatro mil habitantes, representando 46% do total de índios do estado, no qual estão distribuídos em doze terras indígenas (com extensão total de 656.687 hectares), situadas nos rios Tarauacá, Jordão, Breu, Muru, Envira, Humaitá e Purus, a saber: Terra Indígena Alto Rio Purus (que dividem com os Kulina), Terra Indígena Katukina/Kaxinawá (que dividem com os Shanenawa), Terra Indígena Kaxinawá do Rio Humaitá, Terra Indígena Kaxinawá Nova Olinda, Terra Indígena Kaxinawá do Seringal Curralinho, Terra Indígena Igarapé do Caucho, Terra Indígena Kaxinawá da Colônia 27, Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, Terra Indígena Kaxinawá do Baixo Rio Jordão, Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão, Terra Indígena Kaxinawá do Seringal Independência, Terra Indígena Kaxinawá/Ashaninka do Rio Breu (que dividem com os Ashaninka).

Em território peruano, existe outra parte significativa da população Kaxinawá, com cerca de 1.500 pessoas, que ocupam trinta aldeias situadas nos rios Curanja e alto Purus.





Definição e localização geográfica da Terra Indígena

A Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã localiza-se no município de Tarauacá, às margens do Rio Tarauacá, e é habitada por índios Kaxinawá. Segundo seu decreto de homologação, datado de 30/04/2001, esta terra indígena possui uma área de 60.698 hectares e perímetro de 163.706 metros.



Aspectos sociais do grupo Kaxinawá

Língua

No século XIX, antes da chegada da empresa da seringa, o território acreano era ocupado por grupos de dois troncos lingüísticos – Pano e Arawak (ou Aruak) – e pela família lingüística Katukina. Os grupos que falavam a língua Pano distribuíam-se predominantemente ao longo dos rios Juruá, Tarauacá, Jordão e Gregório. Os grupos Arawak habitavam a região do Purus (Calixto, 1985).

Os grupos Pano penetraram na região do Juruá por volta do século XVII. Existem evidências de que a região do Juruá, antes da entrada dos grupos Pano, era habitada pelos Arawak, de lá desalojados pelos Pano, que vieram da região dos rios Ucayali e Marañon, de onde fugiram por causa dos colonizadores espanhóis (Calixto, 1985, p.16).

No grupo Pano, existe um sub-grupo designados como *nawa*, por terem línguas e culturas muito próximas e por terem sido vizinhos durante um longo tempo. Os Kaxinawá fazem parte deste sub-grupo.

Os Kaxinawá falam o *Hãtxa Kuin* (língua verdadeira), uma das várias línguas Pano existentes atualmente na região do Alto Juruá, como a dos Yawanawá, Poyanawa, Nukini, Jaminawa, Shawãndawa (Arara), Shanenawa e outros grupos supostamente isolados que ocupam as cabeceiras dos rios Envira, Tarauacá e Jordão, ao longo da fronteira brasileiro-peruana.



Nos primeiros relatos de viajantes na área, aparece uma confusão de nomes de etnias que persiste até hoje. Isto porque os nomes não refletiam um consenso entre os denominadores e os denominados. O denominador Pano chama (quase) todos os outros de *nawa*, e a si mesmo e seus parentes de *huni kuin*. Assim, os Kulina eram chamados de *pisinawa* (“os que fedem”) pelos Kaxinawá, enquanto os Paranawa chamavam os próprios Kaxinawá de *pisinawa*. O próprio nome Kaxinawá parece ter sido originalmente um insulto. *Kaxi* significa morcego, canibal, mas pode significar também gente com hábito de andar à noite.



Etnologia e organização social atual

Uma das características que distinguem os *huni kuin* do resto dos homens é o sistema de transmissão de nomes. Este sistema de demarcação do grupo existe tanto entre os Kaxinawá quanto entre os Sharanawa, os Mastanawa, os Yaminawa e outros *nawa*.

Os Kaxinawá organizam sua sociedade em duas metades – *inubakebu* e *duabakebu* – e toda pessoa pertence, já ao nascer, a uma ou outra. Cada metade tem duas seções, que se alternam. Ou seja, um homem pertence à mesma metade de seu avô, seu pai, seu filho e seu neto; por outro lado, pertence à mesma seção de seu avô e de seu neto, mas seu pai e seu filho pertencem a outra seção.

A metade e a seção a que uma pessoa pertence é que determina com quem ela irá se casar, o papel que terá nas cerimônias e outras atividades. Um homem não deve se casar com mulheres de sua própria metade, somente com as mulheres da metade oposta, e idealmente da seção correspondente à sua. Todas as mulheres de sua própria metade são consideradas

como irmãs, enquanto as da outra metade são todas esposas em potencial. Do mesmo modo, os homens da mesma metade são como irmãos e os da outra metade são cunhados potenciais, chamados de *txai*.

A divisão da sociedade em metades rituais e matrimoniais, e em seções de transmissão de nome próprio, não permeia todas as atividades, já que a maior parte das atividades se realiza no grupo das mulheres, por um lado, e no grupo de homens pelo outro. Durante os rituais, porém, a divisão da sociedade em metades é importante, assim como em poucas atividades coletivas dos homens, como a brocada de roçados.

Segundo Aquino e Iglesias (1995), a configuração dos grupos familiares Kaxinawá é bastante variável, dependendo da fase em que se encontram ao longo de seu ciclo de desenvolvimento. O grupo social básico que constitui uma casa Kaxinawá é comumente formado pela família extensa urilocal, a saber, um casal mais velho que vive com seus filhos e filhas solteiras, junto com suas filhas casadas, seus genros e netos. É também comum encontrar casas onde o pai, ou mãe, viúvo (a) de um destes cônjuges habita junto com o grupo familiar de seu filho ou filha.

De acordo com as normas tradicionais da cultura Kaxinawá, o rapaz permanece na casa de seus pais enquanto solteiro. Após “juntar-se” com sua mulher, passa a morar, por alguns anos, na casa de seus sogros. Neste período, trabalha sob a coordenação de seu sogro, junto com seus cunhados, para a geração de produtos e renda coletivamente consumida pela totalidade de seu novo grupo familiar extenso. Somente quando seus respectivos filhos começam a crescer é que o genro faz uma casa separada para sua mulher e seus filhos, muitas vezes na mesma colocação ou em outra vizinha. A partir de então, o genro recém saído da casa de seus sogros passa, junto com sua mulher, a ser o chefe de sua própria casa.

Mesmo quando não estão mais partilhando da mesma casa ou colocação, os genros continuam tendo a obrigação de ajudar seus sogros em distintas tarefas, como, por exemplo, na construção de novas casas e no cultivo dos roçados de terra-firme e de praia. Quando estes se encontram ausentes, por motivo de viagem ou de doença, são os genros que ficam encarregados de organizar os adjuntos para a broca, derrubada e queima dos roçados de seus sogros. Nestas ocasiões, freqüentemente colocam roçados grandes, separando parte destes para que os membros do grupo familiar de seu sogro disponham de gêneros agrícolas suficientes para o consumo ao longo do próximo ano. Quando mata alguma caça grande, o genro tem obrigação, através de sua mulher, de dar um pedaço da carne para seus sogros.

Em alguns casos, dependendo da ascendência política e econômica do chefe do grupo familiar, este consegue fazer com que seus filhos homens, mesmo depois de casados, permaneçam





morando em sua casa, ou em outra construída na mesma colocação ou em uma colocação próxima. Nestes casos, os grupos familiares extensos que ganham configuração através da permanência tanto das filhas como dos filhos casados têm reforçadas sua ascendência política e capacidade produtiva.

Outro padrão residencial bastante comum entre os Kaxinawá é aquele no qual grupos familiares de irmãos casados ou de cunhados, cada qual com seus respectivos filhos pequenos, compartilham o mesmo terreiro de uma colocação, habitando em casas separadas e vizinhas.

Os distintos espaços de uma casa refletem também a divisão social e complementar do trabalho entre os sexos. Os homens, quando estão dentro de casa recebendo visitantes, estão sempre sentados nos bancos da sala, comendo juntos até acabarem os pratos de macaxeira e carne de caça ou peixe e secarem as panelas de alumínio ou de barro cheias com diferentes tipos de caiçumas preparadas por suas mulheres. Para os homens Kaxinawá, a casa é sempre pensada como o espaço da comida. Os homens raramente entram no quarto de sua casa durante o dia, só fazendo-o à noite, quando se recolhem para dormir em suas redes. Somente quando estão debaixo dos mosquiteiros é que o homem e sua esposa conversam e brincam com mais intimidade.



População, assentamento e ocupação demográfica

Segundo o Processo 1445/96 da FUNAI, no primeiro censo populacional realizado durante a identificação da TI Praia do Carapanã, no ano de 1992, registrou-se 122 habitantes, em 21 casas, distribuídas em 15 colocações.

Em 1994, um recenseo registrou 150 habitantes, distribuídos em 22 casas, situadas em 16 colocações, nos seringais Universo, Mucuripe e Apuanã. Neste censo foram registradas 78 pessoas do sexo masculino e 72 do sexo feminino, com uma porcentagem aproximada de 50% da população com idade abaixo de 15 anos.

Em junho de 2006, foram levantadas informações sobre o número de habitantes em cada aldeia. Neste levantamento, realizado com os moradores da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, foi totalizado um número de 531 habitantes, conforme o quadro abaixo.

Distribuição dos habitantes da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã

	Aldeia	Habitantes	Casas	Famílias	Homens	Mulheres	Meninos < 15 anos	Meninas < 15 anos	Aposentados
01	Segredo Artesão*	18	03	03	05	03	04	06	02
02	Morada Nova	42	10	11	21 (total)	21 (total)			05
03	Água Viva	78	14	14					03
04	Cocameira	83	14	18					04
05	Goiânia	46	06	11					02
06	Carapanã	174	28	34	42	32	46	54	11
07	Mucuripe	43	07	10					02
08	Nova Vida*	47	06	08	11	08	20	08	02
	Total	531	88	109	---	---	---	---	31



Uso do espaço: ambientes, recursos e conhecimento tradicional

Ocupação do espaço

Os grupos domésticos mais estreitamente ligados entre si constroem suas casas próximas umas das outras, formando uma aldeia e mantendo uma notável distância entre as outras aldeias.

A maioria das aldeias desta terra indígena é formada por um enfileirado de casas, tendo a frente voltada para o Rio Tarauacá e os fundos para o roçado ou a mata.

Atualmente, a Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã possui, oficialmente, seis aldeias, todas elas localizadas nas margens do Rio Tarauacá. Essas aldeias são: Morada Nova, Água Viva, Cocameira, Goiânia, Carapanã e Mucuripe. Porém, existem outros dois agrupamentos familiares, formados recentemente (nos últimos 03 anos), cujos habitantes consideram como aldeias independentes, mas que a ASKAPA (Associação Kaxinawá de Produtores Agrícolas da Praia do Carapanã) não reconhece como aldeias “oficiais”, visto que, a partir do momento em que uma aldeia é reconhecida oficialmente, seus moradores obtêm alguns benefícios do governo, como a construção de escola e a contratação de professor e agente de saúde.

A primeira aldeia da terra indígena, para quem vem subindo o Rio Tarauacá a partir da cidade de Tarauacá em direção à sua nascente, é a aldeia Segredo Artesão, localizada na margem

direita do rio, próxima ao limite inferior da área, na “boca” do Igarapé Mina. Oficialmente, esta aldeia faz parte da Aldeia Morada Nova, mas seus moradores consideram-na como uma aldeia independente, que foi fundada no ano de 2002.

A segunda aldeia é a Morada Nova, situada na margem direita do Rio Tarauacá.

A terceira aldeia, chamada Água Viva, é localizada também na margem direita do Rio Tarauacá, próxima à “boca” do Igarapé Sumaré.

A quarta aldeia é a Cocameira, situada na margem direita do Rio Tarauacá, nesta aldeia, existem duas famílias que moram um pouco afastadas do núcleo principal de casas.



A quinta aldeia é a Goiânia, localizada na margem direita do Rio Tarauacá.

A sexta aldeia, chamada Praia do Carapanã, é localizada também na margem direita do rio e é a maior aldeia da terra indígena, dividida em dois núcleos de casas: Carapanã de cima e Carapanã de baixo. O núcleo de casas do Carapanã de baixo, onde fica localizada a sede da aldeia, possui um

banheiro (módulo sanitário) construído pela FUNASA e uma escola construída pela Secretaria Estadual de Educação. O núcleo de casas do Carapanã de cima fica uma volta de rio acima da sede, também do lado direito de quem “sobe” o Rio Tarauacá.

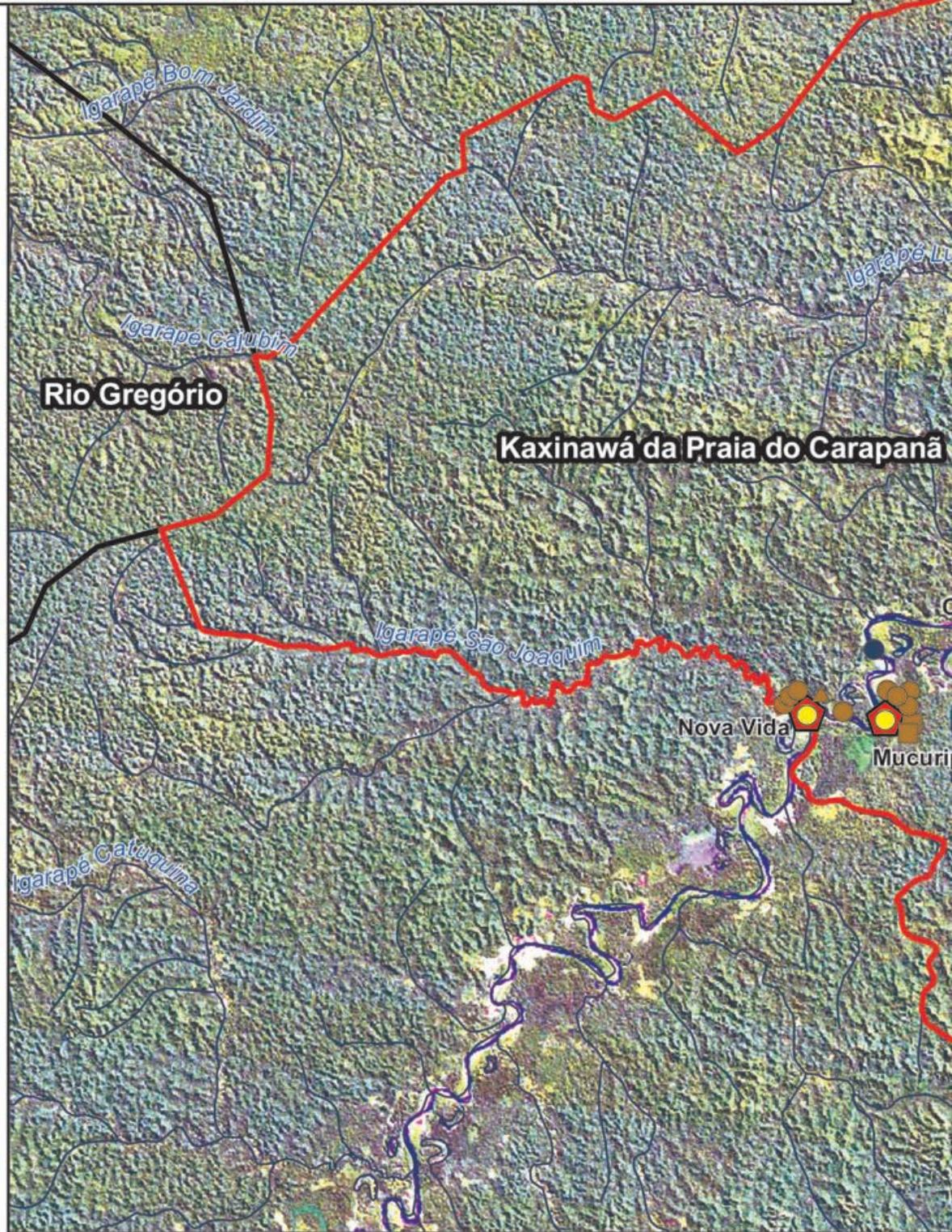
A sétima aldeia é a Mucuripe, localizada na margem esquerda do Rio Tarauacá. Esta aldeia também possui um banheiro (módulo sanitário) construído pela FUNASA e uma escola construída pela Secretaria Estadual de Educação.

Por fim, a recém criada Aldeia Nova Vida, localizada na margem direita do Rio Tarauacá, próxima ao limite superior da terra, na “boca” do Igarapé São Joaquim. Oficialmente, esta aldeia faz parte da Aldeia Mucuripe, mas seus moradores consideram-na uma aldeia independente, que foi fundada no ano de 2005.





Uso e ocupação da TI Kaxinawá da Praia do Carapanã



Elaboração: Funai / PPTAL

Fontes: Bases cartográficas Funai / DAF / PPTAL / Imagem
Levantamento Etnoecológico 2006



Terras Indígenas

- Pesquisadas
- Outras terras
- ▾ Aldeias
- Terreiro

Áreas de uso

- ▲ Bananal
- Roçado
- Sistema Agroflorestal
- Pesca
(Igapó / Igarapé / Lago / Rio)

~ Hidrografia

de satélite Landsat;



O local preferido pelos Kaxinawá para o estabelecimento das aldeias é a terra alta, por ser livre das inundações no período chuvoso. A escolha do local também deve levar em consideração a presença de uma fonte de água por perto, seja o rio, um igarapé ou, preferencialmente, uma cacimba, para que não falte água no período do verão.



A escolha do local adequado para a de fixação de uma aldeia é de extrema importância para que não haja problemas futuros. Um exemplo de problema proveniente de localização inadequada é o caso da Aldeia Goiânia, que, no fim do ano de 2005, teve de ser transferida do lugar onde estava, pois o rio estava quebrando o barranco próximo à aldeia e as casas corriam o risco de serem arrastadas pela força das águas.

A Aldeia Nova Vida também vem enfrentando problemas devido à sua má localização, pois, no período do inverno, o Igarapé São Joaquim enche, inundando uma boa área da aldeia.

Unidades de paisagem e vegetação

As práticas agrícolas estão totalmente associadas às unidades de paisagem. Um exemplo disso é a identificação do ambiente mais favorável para a implantação dos roçados pelos Kaxinawá: “Lugar bom de botar roçado é *Mati putini*, que é lugar no meio da ladeira do lombo de terra, onde tem terra areiúscas, com pouco barro” (Orlando Perez, Aldeia Cocameira).

Foram obtidas informações acerca das seguintes unidades de paisagem identificadas pelos Kaxinawá da Praia do Carapanã:

Terra baixa / Baixo – Napãmpa

As terras baixas, também chamadas de “baixo”, correspondem à “várzea”, ou seja, às planícies de inundação que são representadas por uma faixa de largura variável ao longo dos rios e igarapés. Porém, existem diversas categorias de terra baixa, correspondentes ao local onde se encontram.

Kayá Napãmpa é lugar baixo na beira do rio; é lugar bom pra plantar banana, também é bom de plantar arroz e milho. *Kayá Napãmpa* é o mesmo que os *nawá* chamam de mata ciliar. Tem também *Pashku Napãmpa*, que é lugar baixo na beira de igarapé, lugar onde tem muita sororoca. A sororoca nós chama de *shinkumi*, mas tem também aquela sororoca que nós usa pra moquear, que nós chama de *mani pui* (Amiraldo Sereno Kaxinawá, Aldeia Segredo Artesão).

Terra alta – Manã

A terra alta consiste nas áreas que comumente não são inundadas pelas enchentes dos rios. Considerada como o local mais adequado para a construção de casas e implantação dos roçados de terra firme. A terra alta também é dividida em sub-categorias, dependendo de sua localização.

Manã é o que nós chamamos de lombo de terra, que é o melhor lugar que tem para botar roçado. Tem o *Mati manã* que é a subida do lombo de terra, é a ladeira do lombo de terra. Já *Mati putini* é lugar que fica no meio da subida da terra. Tem também o *Mati tenamã* que é a descida do lombo de terra, é onde acaba a terra alta e começa o baixo.

Manã pashku debu é o lombo de terra que fica na cabeceira do igarapé. *Manã teni kainá* é o lugar que fica entre um lombo de terra e outro. Já as veredas, as campinas, que é lombo de terra com pouca árvore, nós chama de *Manã shabá*.

E tem também o chefe das terras, que é o *Manã kãnhã*, que fica na divisa da terra. *Manã kãnhã* é a terra mais alta que tem, que faz a divisa dos igarapés maiores. É a terra que fica entre um igarapé grande e outro. É terra grande (Amiraldo Sereno Kaxinawá, Aldeia Segredo Artesão).

Praia – Mashi

As praias são pequenas extensões de areia fina, distribuídas ao longo das margens dos rios, que, na época das chuvas, são fertilizadas pelos nutrientes provenientes das enchentes do rio.

Os Kaxinawá dividem a praia em 02 regiões: I) a “praça da praia” – *mashi potó* é a área de areia fina, localizada entre o rio e o bojo da praia; II) o bojo da praia – *mashi metxa* é a área situada entre o barranco e a areia fina.

A vegetação predominante no *mashi metxa* é a combinação da cana brava ou tacana – *hene tawá* (diversas espécies da família Poaceae) e embaúba (*Cecropia spp.*).

Vegetação

Segundo os moradores da terra indígena, existe muita “madeira” na área, mas essa madeira não é mais encontrada nas margens do rio, perto dos locais de moradia.

Os brancos serraram tudo, não existe mais mata virgem aqui não. Em toda a área os nawá já mexeram e tiraram madeira. Mesmo assim, ainda tem bastante madeira para construção de casa, como o amarelinho, miratoá, maçaranduba, jitó. Já o quari-quara e a itaúba, tem pouco. Eu mesmo nunca vi itaúba nessa mata. O cedro só é encontrado a uma distância de meia hora das aldeias e o agvano, serraram tudinho (Jorge Leme Ferreira, Aldeia Água Viva).

Tanto na terra alta, como na terra baixa, pode-se encontrar as seguintes vegetações:

- Mata bruta – Ni

Mata que não foi mexida pelo homem, o mesmo que “mata virgem”.

- Capoeira – Nawe

Vegetação de origem antropogênica, onde provavelmente já existiu um antigo roçado ou pasto de criação de gado que foram abandonados e, portanto, a vegetação natural voltou a se desenvolver. Segundo os moradores da terra indígena, as capoeiras se recuperam em, aproximadamente, 06 anos.

Dependendo do estágio de sucessão em que a capoeira se encontra, pode ser denominada de capoeira alta ou grossa (mais antiga) – *Nawe ewa*, ou capoeira baixa ou fina (mais nova) – *Nawe mashu*.

Se coloca roçado na capoeira fina dá mais trabalho para zelar do roçado, porque cresce muito mato, muito capim, atrasando o crescimento dos legumes. Mas se bota os roçados sempre na mata bruta, os roçados vão ficando cada vez mais longe (Gilson de Lima, Aldeia Mucuripe).

Os Kaxinawá também diferenciam os “tipos de mata”. Esta diferenciação entre as diversas fisionomias de floresta refere-se à relativa dominância de certas espécies de palmeiras, bambus e cipós, com suas relativas densidades e distribuição espacial.

- Matas com predominância de palmeiras/palheiras

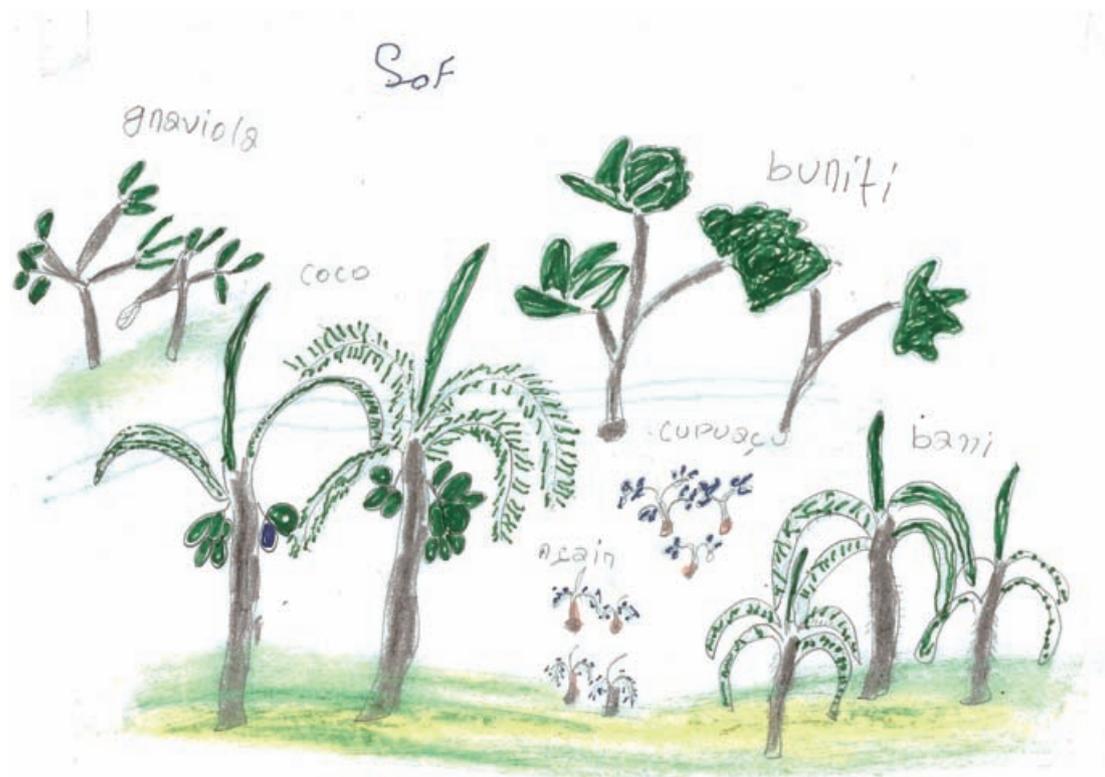
- Shupa shabá

Palheiral – Vegetação com predominância de palheiras (palmeiras de onde se tiram as folhas para serem utilizadas como palha – Família Palmae).

- Ipê shabá

Mata com muita jarina – Vegetação com predominância da palmeira jarina (*Phytelephas macrocarpa*). Segundo os moradores da terra indígena, este “tipo de mata” é encontrado nos afluentes de igarapés e nas grotas.





- Tau shabá

Mata com muito paxiubão – Vegetação com predominância da palmeira paxiubão (*Iriartea deltoidea*).

- Kunta shabá

Mata com muito cocão – Vegetação com predominância da palmeira cocão (*Attalea tessmannii*).

- Matas com predominância de taboca

- Paka txaka

Mata com taboca cerrada – Vegetação com predominância de taboca (*Guadua* sp.). Local muito difícil de se transitar, pela grande quantidade de espinhos presentes nas hastes da taboca.

- Paka kasha

Tabocal no baixo – Vegetação com predominância de taboca (*Guadua* sp.), localizada no baixo (várzea).

- Hene paka

Tabocal na beira da água – Vegetação com predominância de taboca (*Guadua* sp.), localizada nas margens dos rios e igarapés.

- Paka manã

Tabocal no lombo de terra – Vegetação com predominância de taboca (*Guadua* sp.), localizada na terra alta ou terra firme.

- Matas com predominância de cipó

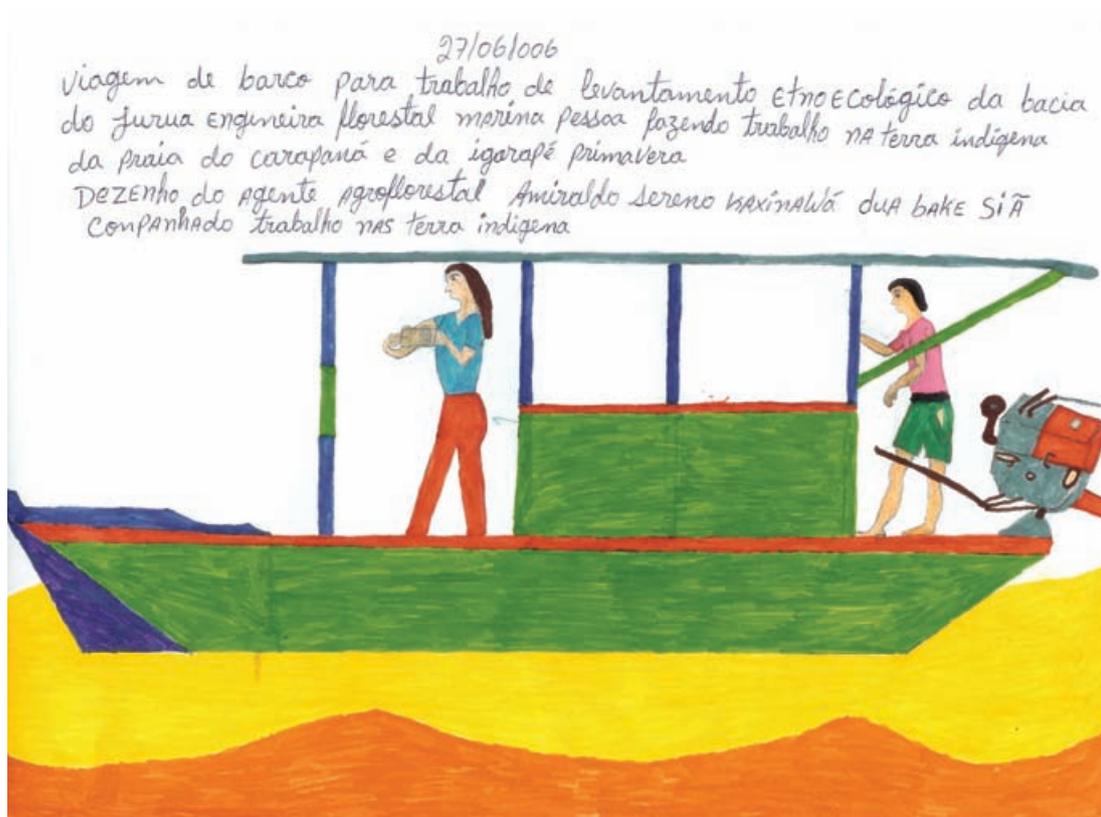
- Manã mabunishiya

Cipoal na terra firme – Vegetação com predominância de cipós, localizada na terra alta ou terra firme.

- Mabunishi napãmpa

Cipoal no baixo – Vegetação com predominância de cipós, localizada na várzea.





Transporte

O transporte para a Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã se dá por via fluvial através do Rio Tarauacá.

Numa canoa com capacidade para 02 toneladas, com motor de rabeta de 9,5 HP - YANMAR, a viagem do município de Tarauacá até os limites inferiores da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã é realizada, em média, em dois dias, viajando-se o dia todo (de manhã bem cedo até o fim da tarde).

Todas as aldeias desta terra indígena possuem, ao menos, um motor de barco, seja ele comprado pelos próprios moradores, doado pelo Governo, ou obtido em algum projeto da associação de moradores da terra indígena.

A viagem da terra indígena à sede do município de Tarauacá é feita com frequência por seus moradores, principalmente pelos aposentados, professores, agentes agroflorestais e agentes de saúde, que vão todos os meses à cidade para receber seus pagamentos e benefícios.



Recursos hídricos

Os recursos hídricos da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã são classificados por seus moradores nas seguintes categorias: rios, lagos, igarapés, igapós e cacimbas (olhos d'água). Quando se referem à pesca, os moradores indicam espécies de peixes predominantes em cada um destes habitats.

Segundo o cacique Jorge Leme Ferreira, há uma classificação para o tipo de água de cada categoria de recurso hídrico.

A água mais grossa que tem é a água do rio, que não presta para beber. Você pode até beber dessa água, mas só se não tiver outra água melhor. Daí nos rios menores, a água vai afinando, vem a água do paranã, que também é grossa e não é tão boa de beber, depois vem a água do igarapé pequeno, que é mais fina e já é boa de beber, mas a melhor de todas, a mais fina, é a água da cacimba (olho d'água), que a gente chama de txa-txa e a água da chuva também é bem fininha. Só que a água da chuva, nibã umpash, criança não pode beber, porque se não fica fraca (Jorge Leme Ferreira, Aldeia Água Viva).

Classificação dos recursos hídricos segundo os Kaxinawá da Praia do Carapanã:

- Rio – Hene

Os grandes rios, como o Rio Tarauacá, o Purus e o Juruá, são chamados na língua Kaxinawá de *Hene Kayá*. A água desses rios é chamada de *kaya umpash* (literalmente, água de rio). Por ser amarela e barrenta, a água desses rios também recebe o nome de *umpash mushiu* (água suja) ou *umpash tui* (água grossa) e não é considerada muito boa de beber.



O Rio Tarauacá é denominado pelos Kaxinawá de *Hene Kaya Tarayá*, que quer dizer “rio grande de muitos paus”.

- Paranã (Igarapé grande) – Pashku iwopá

A água dos grandes igarapés não é considerada boa de beber, por ser escura e possuir muitos sedimentos.

- Igarapés – Pashku

Os igarapés são pequenos cursos d’água que geralmente possuem água mais clara e com menos sedimentos que a água dos rios e, por isso, são mais adequadas ao consumo.

Os igarapés podem ser grandes – *pashku iwopá* – ou pequenos – *pashku iwopamá*. A água dos igarapés é chamada de *pashku umpash* e é uma água transparente, clara, boa de beber.

Também existem os afluentes dos igarapés, chamados de *pashku ribu*, que possuem água muito boa de beber. Esses afluentes são bons locais para fazer cacimba, mas corre-se o risco deste tipo de cacimba secar, pelo fato de não serem olhos d’água.

- Cacimba – txa txa

As cacimbas, regionalmente chamadas de “olhos d’água”, são as cabeceiras (nascentes) dos igarapés, que nunca secam e de onde, de preferência, se tira a água de beber. A água de cacimba é chamada de *txa txa umpash* e é considerada uma água fina, limpa transparente – a melhor água para se beber.

A água da cacimba é boa porque ela não esquenta nunca, de jeito nenhum e é bem limpinha, bem fininha. Meu avô, sempre que terminava de derrubar o roçado, tirava o cabo do machado dele e enterrava [a lâmina do] o machado no olho d’água e só ia tirar o machado de lá no outro ano, para derrubar roçado novamente. Ele fazia isso para conservar o machado dele, que ficava sempre que nem novo (Jorge Leme Ferreira, Aldeia Água Viva).



Segundo alguns Kaxinawá da Praia do Carapanã, existe uma folha, também chamada de *txa txa*, que nasce em volta dos olhos d'água e que dá energia para o olho d'água não secar.

- Igapós – shuna iã

Os igapós são áreas que ficam inundadas no inverno, mas que podem secar no período do verão, quando não há ocorrência de chuvas. Existem diversos tipos de igapó, classificados pelos Kaxinawá:

- *Bana iã* – igapó que não seca no verão.
- *Manã iã tetsaumeã* – igapó que fica na descida de terra firme.
- *Shanã iã* – igapó que só enche no inverno e seca no verão.

- Lagos – iã

Os principais lagos da região são formados pelas antigas voltas do rio que se separaram do leito principal, mas que se interconectam com o rio na época das cheias (inverno). Com passar do tempo, em geral, o capim vai crescendo dentro dos lagos, tornando-os cerrados e, quando isto acontece, os lagos vão se tornando cada vez mais impróprios para a pesca, pois os peixes se escondem no meio do capim, dificultando a pescaria.

Os lagos grandes e “cerrados” são chamados de *iã newã* e não são considerados bons para a se mariscar, pois além dos peixes se esconderem, existem muitas “feras” nesses locais, como é o caso de jacarés e cobras grandes. A água dos lagos não é apropriada para o consumo.



Utilização dos recursos hídricos nas aldeias

- **Segredo Artesão** – Não existe cacimba nas proximidades da Aldeia Segredo Artesão. Portanto, seus moradores usam a água do Igarapé Mina, que passa bem próximo às casas, para beber, lavar roupa e tomar banho. Estão com problema na qualidade da água deste igarapé, pois na margem oposta, um pouco acima da aldeia, residem algumas famílias de “brancos” (não-índios) que poluem a água com fezes, lixo e restos de animais mortos.

- **Morada Nova** – Nesta aldeia existe uma cacimba próxima ao Rio Tarauacá, que os moradores utilizam para beber água e lavar roupa.

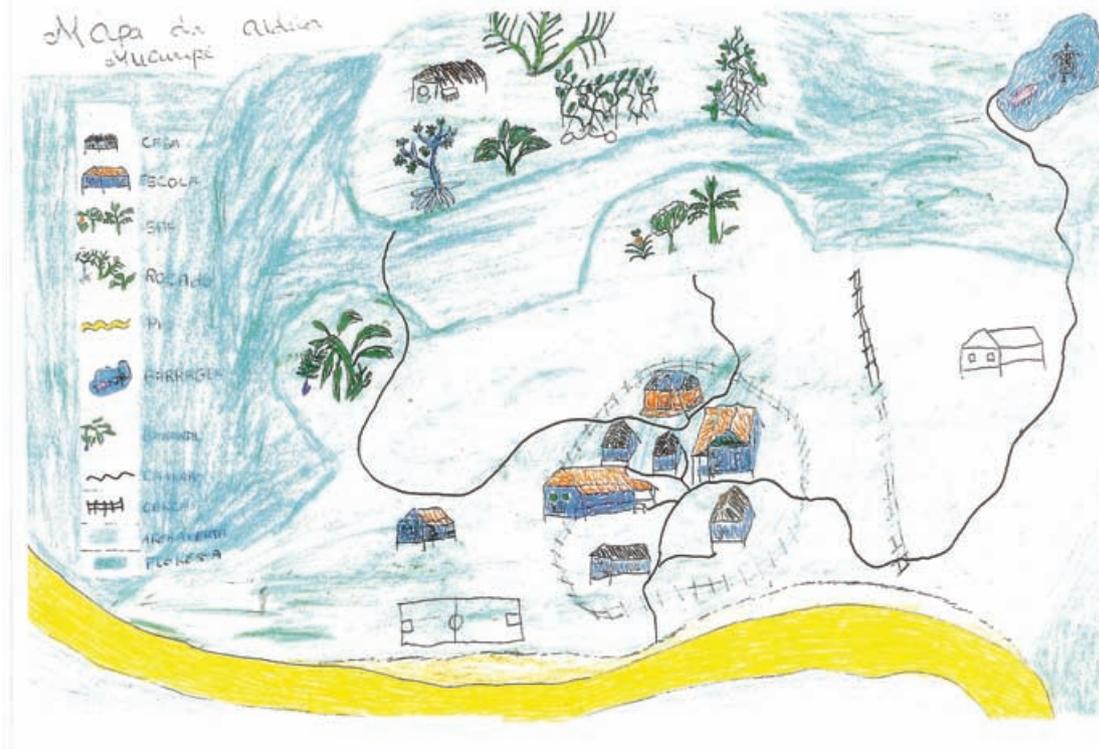
- **Água Viva** – Existe uma cacimba próxima ao Rio Tarauacá, de onde os moradores tiram água para beber. Também utilizam o Igarapé Sumaré, localizado ao lado da aldeia, para tomar banho e lavar roupa.

- **Cocameira** – Existe uma cacimba nesta aldeia e seus moradores também utilizam o igarapé Cocameira para lavar roupas e tomar banho.

- **Goiânia** – Nesta aldeia existe uma cacimba que fica a cerca de 10 minutos de caminhada, a partir da aldeia, no interior da mata. Os moradores da aldeia utilizam a água desta cacimba para beber, mas as mulheres a consideram longe demais para caminhar esta distância carregando o peso dos vasos de água. Pelo fato da cacimba ser pequena, sua água é utilizada apenas para beber. As mulheres lavam roupa no Lago Turuiã e os moradores da aldeia, em geral, tomam banho no Rio Tarauacá.



- **Carapanã** – Pelo fato de não haver cacimba nas proximidades da sede da Aldeia Carapanã, foi construído um poço e um banheiro (chamado por seus moradores de “chafariz”) com todo o sistema de encanamento, através de um projeto da FUNASA. Portanto, a água utilizada para o consumo dos moradores desta aldeia é proveniente deste poço. No núcleo de casas



do Carapanã de cima, existem duas cacimbas. Uma delas é utilizada para obtenção de água potável e a outra é utilizada para banho e lavagem de roupas.

- **Mucuripe** – Pelo fato de não haver cacimba nas proximidades da Aldeia Mucuripe, foi construído um poço e um banheiro (chamado por seus moradores de “chafariz”) com todo o sistema de encanamento, através de um projeto da FUNASA. Portanto, a água utilizada para o consumo dos moradores desta aldeia é proveniente deste poço.

- **Nova Vida** – Não existe cacimba nas proximidades da Aldeia Nova Vida. Portanto, seus moradores usam a água do Igarapé São Joaquim, que passa bem próximo às casas, para beber, tomar banho e lavar roupa.





Caça

A carne de caça, chamada de nami, é a principal fonte de proteína da dieta dos Kaxinawá da Praia do Carapanã.

Técnicas e instrumentos utilizados

Na Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, a espingarda é o principal instrumento de caça e a grande maioria das famílias dispõe de pelo menos uma espingarda, que pode ser compartilhada entre os homens da família. A munição, geralmente, é comprada na cidade de Tarauacá. Alguns animais menores também podem ser caçados com faca ou terçado.

Os Kaxinawá desta terra indígena utilizam diversas maneiras de caçar, sendo as mais comuns:

- **Caçada a curso** – Na caçada a curso, o caçador caça sozinho, sem cachorro, andando na mata, procurando o animal, até encontrar. Os caçadores da TI Kaxinawá da Praia do Carapanã consideram esta a melhor forma de caçar e, por isso, é a que mais utilizam.

Ocasionalmente, caça-se com um companheiro, mas os companheiros de caçadas se separam depois de caminharem juntos por algumas horas, cada qual caçando em um *txashi bain*, e só se encontram depois, ao final da caçada, para juntos retornarem para casa.

Quando nós saímos para caçar com companheiro, o nosso costume é trocar os animais que cada um matou. Eu chamo o meu companheiro para carregar a minha caça e ele me chama para carregar a caça dele. Essa é a brincadeira que a gente faz com os nosso txai (Francisco Macário, Aldeia Nova Vida).

- **Caçada de Espera** – Na caçada de espera, o caçador vai esperar no local onde sabe que o animal freqüenta para obter alimento, que pode ser num barreiro (lugar na beira de um curso d'água, onde os animais vão lamber barro) ou em uma “comida”, ou seja, ao redor de uma árvore que esteja frutificando.

As caçadas de espera, geralmente, são realizadas à noite. Para “esperar” a caça, o caçador coloca a sua rede na forquilha de uma árvore, próxima à “comida”, e fica dentro da rede para não ser percebido pelo animal.

- **Caçada de Tocaia** – Na caçada de tocaia, o caçador constrói uma pequena casa de palha de jarina, coberta por todos os lados, deixando apenas um pequeno buraco onde ficará o cano da espingarda. O animal não enxerga o caçador dentro desta casa de palha. A tocaia deve ser feita num local de “comida”, no horário de alimentação do animal que se pretende caçar.

- **Caçadas com cachorro** – Na caçada com cachorro, forma-se uma equipe de dois ou mais caçadores; um deles é acompanhado pelos cachorros e fica responsável por encontrar e perseguir as caças, enquanto o(s) outro(s) fica responsável por esperar a caça em pontos de fugas habituais, na margem do rio. Os cachorros são usados, principalmente, nas caçadas de paca, na beira do rio. As caçadas com cachorro não são praticadas na maioria das aldeias da terra indígena, pois seus moradores acreditam que os cachorros espantam as caças para cada vez mais longe das aldeias.





Locais de caçada

Para se atingir os locais das caçadas, são usados os “caminhos de caça”, que são caminhos de uso comunitário, abertos no interior da mata. O caçador segue estes caminhos até o local que achar mais adequado “entrar no mato” e, a partir daí, cada caçador toma o rumo que melhor lhe convier em caminhos menores, que geralmente vão terminar em um igarapé.

Em alguns destes caminhos, os Kaxinawá mantêm “acampamentos de caça”, que são “tapiris” (casas de palha), utilizados nas ocasiões em que realizam caçadas de mais de um dia ou caçadas noturnas, nas quais os caçadores dormem na mata.

Os espaços de caça são comunitários, apesar de que os caçadores, em geral, preferem caçar nas áreas mais próximas às suas aldeias, o que acaba resultando, naturalmente, numa divisão dos territórios dentro da terra indígena.

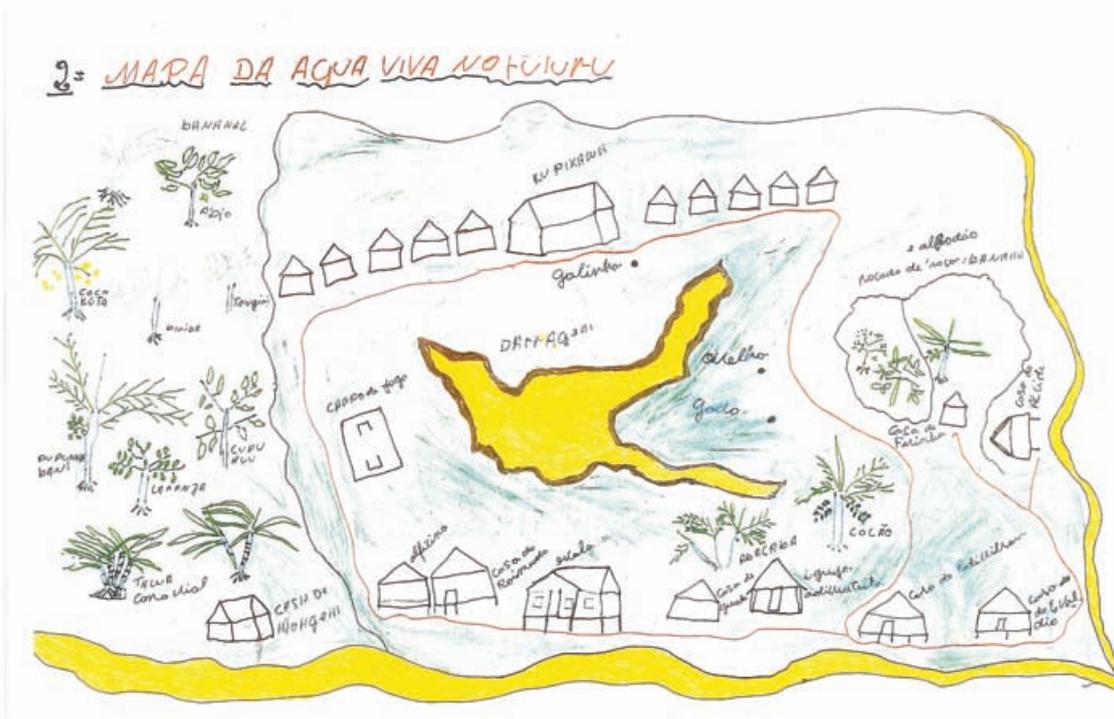
A principal unidade de medida para se determinar a abundância de caça em uma área é a distância que se tem que caminhar na mata até encontrar caça. O máximo que os caçadores caminham no interior da mata para caçar é a distância percorrida em 03 horas de caminhada, pois não há necessidade de se ir mais longe para encontrar caça e, também, porque, se forem mais longe, fica muito difícil de carregar a caça de volta para a aldeia.

Os moradores da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã não caçam fora dos limites da terra indígena. Os principais locais utilizados para caçadas pelos moradores das aldeias são:

- **Segredo Artesão** – Os moradores da Aldeia Segredo Artesão geralmente caçam nas proximidades do Igarapé Mina. Existem sete igarapés principais que eles também usam para caçar, que ficam no centro (interior da mata). São eles: Igarapé Ponte do Murmurú, onde há um barreiro bom de matar paca à noite; Igarapé Ponte de Aricuri; Igarapé Chico Velho; Igarapé Ingazeira; Igarapé do Jabuti; Igarapé Jacamim, onde há um acampamento de caça e um barreiro bom; Igarapé de Barreiro, onde há um barreiro bom. O mais distante é o Igarapé de Barreiro, que fica a 03 horas de caminhada no interior da mata.

- **Morada Nova** – A Aldeia Morada Nova localiza-se entre os igarapés Mina e Lupuna, portanto, estes dois igarapés são os principais pontos usados como referência para as caçadas. O local de caçada preferido dos moradores desta aldeia é o Igarapé São Francisco, nas margens do qual possuem um acampamento de caça, que fica a 03 horas de caminhada para o centro da mata. Também costumam caçar no Igarapé Ponte da Raiz, a 02 horas de caminhada para o centro. Caçam, ainda, nos igarapés da Anta e do Jacaré, que são afluentes do Igarapé Mina. Possuem um acampamento de caça na beira do Igarapé Mina, a 03 horas de caminhada. Acima do Mina, vão até a colocação Cachoeira, onde há outro acampamento, localizado no “barreiro da anta”.

- **Água Viva** – O principal ponto de caçada da Aldeia Água Viva é o Igarapé Sumaré, cuja foz fica a 100 metros da aldeia. Também utilizam o Igarapé Lupuna (nas margens do qual possuem um acampamento de caça), o Igarapé Bolívia e o Igarapé Mina. No Igarapé de Pedra, tem um “barreiro bom de anta” e, bem no centro, na colocação Fundozinho, possuem um acampamento de caça.



Restrições alimentares

Em diferentes épocas ou fases da vida das pessoas, ou para pessoas que se encontram enfermas, os Kaxinawá possuem restrições alimentares referentes a alguns animais. A maioria das caças grandes – *yuinaka wapabu* – é considerada reimosa.

A carne de onça também não é apreciada, pois, segundo os moradores desta terra indígena, quem come a sua carne, dali a 15 dias, fica cheio de berne.

Existem alguns tipos de restrição: a) animais que não podem ser comidos por pais de crianças pequenas; b) animais que não podem ser comidos por crianças; c) animais ou partes de animais que só podem ser comidos por pessoas idosas; d) animais reimosos que não podem ser comidos por pessoas enfermas, principalmente pessoas que apresentem alguma infecção.

Recursos utilizados

Nos meses de inverno, de outubro a março, as caças engordam pela disponibilidade de frutas maduras na floresta e essa é a melhor época para se caçar, pois se torna mais fácil “rastejar” (rastrear) as pegadas dos animais silvestres na terra molhada.

Nas matas às margens do Rio Tarauacá existe farta disponibilidade de embiaras (caças pequenas), como pacas, cutias, cutiarias, tatus, quatipurús, macacos e aves como a nambu, juriti, arara, jacu.



As caças grandes só são encontradas nos fundos da terra indígena, ao longo de importantes afluentes do Rio Tarauacá e ao longo das terras dos divisores de águas que compõem os limites naturais da terra indígena. Dentre as principais caças grandes estão a anta, queixada, porquinho caititu e veado.

As caças mais consumidas na terra indígena são o jacu e o quatipuru, e as caças mais raras são a anta e o mutum. Entre os anos de 2005 e 2006, apenas 04 antas foram abatidas na área.

As caças grandes são divididas entre os moradores de uma aldeia, onde cada casa recebe uma parte do animal abatido. As caças pequenas não são divididas entre as casas, mas muitas vezes são compartilhadas entre os moradores da aldeia.

Há alguns anos, era muito raro encontrar onças nesta terra indígena, pois segundo o cacique Jorge Leme Ferreira, nas décadas de 50 e 60, muito antes da demarcação da terra indígena, havia um intenso comércio de pele de animais (onça, gato do mato, lontra, etc.) entre os ribeirinhos, com os marreteiros que subiam o Rio Tarauacá.

Apesar de as onças serem raras, sempre que um Kaxinawá encontra uma, ele a mata, pois esses animais apresentam grande perigo para a população, assim como para os animais de criação das aldeias. Juntamente com o tamanduá bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) – Shae, as onças também são consideradas os chefes das caças.

A onça era muito difícil de encontrar, mas agora elas tão chegando mais perto. Isso nós acha bom, porque a onça é que nem um chefe das caças. Onde tem onça sempre tem muita caça por perto, porque a onça sempre anda onde tem caça (Valdo Pereira Sabino, Aldeia Carapanã).

Se algum Duá Bake mata uma onça, ele não pode carregar a onça para a aldeia. Quem tem que trazer a onça é um *Inu Bake*. Já se o *Inu Bake* mata a onça, quem tem que carregar é um *Duá Bake* (Francisco Macário, Aldeia Nova Vida).

O tamanduá bandeira é considerado o chefe das caça. Se o cabra atirar no bandeira, tem que matar, porque se o bandeira fugir, ele leva as caça tudo junto com ele, leva tudo embora, num sobra nada. Ele é o chefe mesmo. O bandeira nós considera uma fera porque se ele abraça uma pessoa, ele mata, com as unha dele. Até a onça tem medo dele, nem a onça num meche com ele (Jorge Leme Ferreira, Aldeia Água Viva).

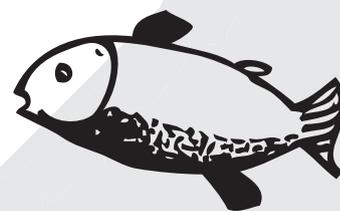
Há alguns anos atrás, o cacique Jorge Leme Ferreira permitia que alguns *nawá* conhecidos seus caçassem dentro dos limites da terra indígena, mas começaram a criar problemas, caçando em grande quantidade e chamando outros *nawá* para participarem das caçadas, sem autorização dos moradores da terra indígena.

Os brancos não vem caçar aqui. Antes eu deixava, mas eles começaram a faltar com respeito e caçavam demais. Daí eu proibi. Hoje em dia não deixo mais branco entrar pra caçar aqui mais não, de jeito nenhum (Jorge Leme Ferreira, Aldeia Água Viva).

Os moradores da Aldeia Segredo Artesão se queixaram a respeito da pouca quantidade de caça nas proximidades de sua aldeia, que, antes da demarcação da terra indígena, era ocupada por não-índios, que caçam muito com cachorro. Porém, no ano de 2005, os bandos de porquinho do mato (*Tayassu tajacu*) começaram a comer roça (macaxeira) no aceiro dos roçados da aldeia. Segundo Amiraldo Sereno Kaxinawá, isso é um bom sinal de que as caças estão começando a se aproximar da aldeia. Para que o número de animais nas proximidades da aldeia aumente, os moradores não caçam os animais que se aproximam, para não correr o risco de espantá-los novamente.

Segundo os moradores da terra indígena, há muitas invasões de caçadores não-índios dentro dos limites da terra indígena. Os principais pontos de invasão observados são nos igarapés São Joaquim, Chico Luiz e Apuanã.

Pesca



Na língua Kaxinawá, os peixes são chamados genericamente de *baka* e representam uma importante fonte de proteína animal na dieta dos moradores da Praia do Carapanã.

Técnicas e divisão social do trabalho

A pesca é uma atividade praticada tanto por homens como por mulheres. As crianças, desde cedo, acompanham os pais durante as pescarias, que podem ser individuais ou coletivas. Geralmente, o produto da pesca individual é de apropriação familiar e o da pesca coletiva é dividido entre as famílias dos pescadores.

Os Kaxinawá da Praia do Carapanã pescam com tarrafa, malhadeira (rede), espingarda, flecha e anzol, nos lagos, no rio e nos igarapés. Também pescam com zagaia, principalmente para matar arraia e, quando o rio está raso, pescam peixes grandes utilizando zagaia e/ou arpão.

Os principais instrumentos de pesca utilizados pelos Kaxinawá da Praia do Carapanã são:

- **Anzol:** A pesca com anzol é mais utilizada pelas mulheres para pescar no rio e nos igarapés e, geralmente, a isca utilizada é o tapuru do cocão. Os anzóis são confeccionados com arame ou comprados na cidade.

- **Flecha:** A flecha é um instrumento de pesca utilizado apenas pelos homens, nas pescarias de peixes grandes no rio.

- **Zagaia:** A zagaia é uma espécie de arpão, confeccionada com prego ou um pedaço de ferro fino, amarrado na ponta de uma vara, que é arremessada sobre o peixe. Em geral, é uma técnica usada somente pelos homens para matar arraia ou pescar peixes grandes. Também é utilizada nas pescarias de mergulho, onde os homens mergulham nos balseiros do rio e pescam os peixes com a zagaia ou arpão.

- **Tarrafa:** A tarrafa é uma rede circular com chumbo nas bordas e um fio comprido no meio, por onde o pescador segura para lançá-la sobre o cardume de peixes, que ficam presos dentro da rede. As tarrafas podem ser usadas em lagos, rios e igarapés, e podem apresentar diversos tamanhos. As grandes geralmente são utilizadas por homens, mas as pequenas podem ser usadas por mulheres e até crianças. Os Kaxinawá da Praia do Carapanã, geralmente, compram as tarrafas na cidade.

- **Malhadeira:** A malhadeira é uma rede grande, que chega a atingir até 40 metros de comprimento e é colocada nos lagos ou no rio, em locais específicos como balseiros e tronqueiras.

- **Plantas tóxicas – Oaca/Tingui:** Um outro método de pesca utilizado pelos Kaxinawá é a pescaria com plantas tóxicas, como a oaca e o tingui. A oaca e o tingui são plantados em quase todos os roçados da terra indígena e só são utilizados para pescarias em igarapés. Apenas o tingui denominado de siká é usado em locais de água parada, como igapós e açudes. Nas pescarias com oaca, geralmente, os peixes são capturados com as mãos, pois ficam entorpecidos pela ação da planta.

No plano de manejo desta terra indígena, elaborado pelos próprios moradores, definiu-se que não se deve usar oaca nos lagos, para não acabar com os peixes, o que demonstra um importante conhecimento tradicional sobre manejo de recursos naturais. Porém, segundo o cacique Jorge Leme Ferreira, alguns moradores “teimosos” ainda pescam de oaca nos lagos, de vez em quando.

Restrições alimentares

Algumas espécies de peixe são contra indicadas para pessoas que se apresentam enfermas. Estes são denominados peixes reimosos e não devem ser comidos por pessoas que estejam de resguardo ou com machucado, infecção ou mordida de cobra.

Os peixes considerados reimosos são: arraia, curimatã, jundiá preto, mandim, mapará, piramutamba e pirarucu.

Recursos utilizados

Os principais ambientes para a pescaria são: rios, lagos, igarapés e igapós. Os balseiros de rio são considerados lugares “bom de peixe”.

O Rio Tarauacá e os lagos formados em suas margens quando uma volta é sacada pela força das águas constituem importantes nichos para a obtenção de proteína animal.

O Rio Tarauacá é utilizado para pescaria pelos habitantes de todas as aldeias da terra indígena, porém, durante o levantamento, muitas pessoas disseram que a quantidade de peixes deste rio vem diminuindo consideravelmente com o passar dos anos.

Nos limites da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, existem nove lagos naturais,

sendo que grande parte deles já está cerrada, portanto, os lagos mais utilizados para pesca, atualmente, são o Lago Novo, o Lago Urubu e o Lago Continental, onde existem peixes de couro, peixes de escama, animais de casco e insetos (cobras). Os lagos e igarapés são usados conforme a proximidade das aldeias.

Segundo alguns moradores, a quantidade de peixe nos lagos está diminuindo por dois motivos:

I) Os lagos estão se tornando cerrados (cheios de capim/mato). Neste caso, os peixes se escondem no meio do capim, dificultando a pesca e, por isso, os lagos cerrados não são considerados “bons de peixe”; II) A intensidade de pescarias nos lagos da terra indígena tem aumentado bastante nos últimos anos. Há alguns anos atrás só se usava tarrafa, ninguém usava malhadeira nos lagos, mas, atualmente, o uso de malhadeira vem sendo cada vez mais praticado, diminuindo a quantidade de recursos pesqueiros nos lagos.

Tem muito lago perto do Carapanã, mas é difícil chegar até lá. Morada Nova tem um lago, mas é cerrado, difícil de pescar, mas é bom de peixe. No rio também é difícil de pescar; antigamente tinha muito peixe no rio, agora quase não tem mais. Quando encontra, é só peixe pequeno (Jorge Leme Ferreira, Aldeia Água Viva).

Os lagos aqui tão se acabando, tão ficando cada vez mais cerrados e os peixes se escondem no meio do capim. Tá cada vez pior de pescar nos lagos daqui. O que resta mesmo é só o Lago Novo e o Urubu, o resto tá tudo cerrado (José Rodrigues da Silva, Aldeia Carapanã).

Locais e métodos de pesca utilizados pelos moradores de cada aldeia⁴

- **Segredo Artesão** – pescam de linha e de tarrafa no Igarapé Mina e seus afluentes.

- **Morada Nova** – pescam de malhadeira e, às vezes, de tarrafa, no Igarapé Lupuna e no Lago Brando. Este lago, segundo os moradores desta aldeia, está cada vez pior de peixe, pelo fato de ser um lago cerrado (cheio de capim), os peixes ficam espantados e se escondem no meio do capim.

- **Água Viva** – pescam de malhadeira e tarrafa, nos igarapés Sumaré e Lupuna. Pelo fato dos moradores dessa aldeia pertencerem à religião Adventista do Sétimo Dia, não podem comer peixe de couro, portanto, só comem peixe de escama.

- **Cocameira** – pescam de malhadeira e, às vezes, de tarrafa, no Igarapé Lupuna e no Igarapé Sumaré.

- **Goiânia** – Segundo Aldenir Rodrigues, o Lupuna é o “chefe” dos igarapés para os moradores desta aldeia. Mas a pesca também é praticada nos igarapés Paxiúba, Vai-quem-quer e Mamoeiro. Também pescam de tarrafa e de malhadeira no Lago Turuiã, mas este lago é cerrado (cheio de

4. Além do Rio Tarauacá, que é utilizado para pesca pelos moradores de todas as aldeias da terra indígena.

capim) e, por isso, não é considerado bom de peixe, já que os peixes se escondem no meio do capim.

- **Carapanã** – Pescam de tarrafa e malhadeira nos igarapés Consulta, Côco, Mamoeiro e Lupuna, sendo este último considerado o melhor igarapé para pesca em toda a terra indígena, pois, tanto no inverno quanto no verão, é o mais farto de peixe.

Os lagos mais utilizados para a pesca pelos moradores desta aldeia são: o Lago Novo e o Lago Urubu. Os outros lagos já estão cerrados, portanto, têm menos peixes e, por isso, são menos utilizados. Segundo os moradores da aldeia, o Lago Mucuripe era bom de peixe, mas, há alguns anos, “varou” (se juntou com o rio) e os peixes acabaram.

No núcleo do Carapanã de cima, foi construído um açude, no ano de 2005, durante um curso de formação de agentes agroflorestais indígenas (AAFI), ministrado pela CPI/AC. O responsável por este açude é o AAFI Valdo Pereira Sabino e, segundo ele, os animais encontrados atualmente no açude são: 06 tartarugas (começou a criação com 24 tartarugas, mas a maioria fugiu); 526 tracajás, 04 pirarucus, 1000 curimatãs, além de inúmeros peixes como bodós, bodós siringueiros, mocinhas, traíras, carás, piabas e puraqués.

- **Mucuripe** - pescam de malhadeira e, às vezes, de tarrafa, no Igarapé Heneinuyá e no Igarapé Colônia, conhecido na terra indígena como igarapé de lontra. Pescam também no Lago Urubu.

- **Nova Vida** - pescam de malhadeira e, às vezes, de tarrafa, no Igarapé São Joaquim e seus afluentes.

Dentre o rio, lagos e igarapés, existe uma enorme variedade de peixes, classificados como peixes de couro – *baka bitxia* (pirarucu, surubim, mandim, bico de pato e mapará), peixes de escama – *baka shakaya* (tambaqui, mocinha, curimatã, piau, piranha, pirapitinga, pacu, pescada, traíra, cará, etc.), peixes de casco – *ipu* (cachimbo, bode e cuiucuiu), jacarés (jacaré tinga e jacaré preto) e insetos – *mabu txacabu* (arraia, poraquê e cobra d’água).

Para os Kaxinawá, o peixe agulha – *pinutsatsa* fala a língua de todos os outros peixes e, por este motivo, é o chefe de todos os peixes e o comandante da piracema.

Durante o levantamento, foram identificados 40 animais que vivem em ambientes aquáticos.

Segundo alguns moradores, há pouca quantidade de peixes de couro nos limites desta terra indígena. Por este motivo, não estão mais pescando pirarucu e acreditam que, se fizerem o manejo adequado da espécie, este peixe irá repovoar os lagos da terra indígena num futuro próximo.



Agricultura e horticultura/manejo da terra

A agricultura e a caça são as principais fontes de obtenção de alimento e subsistência entre os Kaxinawá da Praia do Carapanã. As plantas cultivadas nos roçados são chamadas, de forma genérica, de “legumes”.

O roçado Kaxinawá, chamado *Bai kuin* (roçado de terra firme ou verdadeiro), é de propriedade familiar e pode ser plantado tanto na mata bruta ou virgem, como nas capoeiras ou nos barrancos e praias do rio.

De preferência, os roçados devem ser localizados próximos às aldeias, mas muitas vezes, no caso de haver criação de animais como o porco e o gado, que podem estragar o plantio, os roçados são colocados do outro lado do rio, ou em um lugar distante da aldeia, onde os animais não possam chegar.

No verão, os Kaxinawá também cultivam os roçados de praia – *mashi bai*, que incluem as praias e os barrancos (encostas da margem do rio) e são muito importantes para a obtenção de grande diversidade de produtos.





Técnicas e divisão social do trabalho

O trabalho de implantação do roçado de terra firme é quase que inteiramente realizado pelos homens, sendo que as mulheres ajudam apenas no plantio do algodão.

A abertura dos roçados é feita na época do verão, quando não há chuva. Na maioria das vezes, os homens se reúnem para abrir as áreas de roçado em conjunto. Este trabalho é feito em “adjunto”, ou seja, todos os homens da aldeia se reúnem para trabalharem juntos e trocam as diárias de trabalho entre si.

Em geral, os roçados de terra firme – *Bai Kuin* – da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã medem em torno de 1 a 1,5 hectare e são familiares, ou seja, cada núcleo familiar possui o seu.

Para a implantação de um roçado, primeiro faz-se um pequeno “pique” na mata para definir os limites e extensão do roçado. Logo após, define-se claramente o *Manã Bai*, como é chamado o “caminho do meio” do roçado, que divide a área de cultivo em duas “bandas”. Este caminho ajuda na locomoção dentro do roçado, facilitando a colheita dos legumes cultivados, porém, também possui uma função espiritual.

Se a pessoa não abrir o *Manã Bai*, que é o caminho no meio do roçado, quando ela morrer, o espírito dela fica perdido, sem saber o caminho para ir embora para o outro mundo. Antigamente, todo mundo sabia da importância do *manã bai*, mas hoje em dia não é todo mundo que faz o caminho no seu roçado (Jorge Leme Ferreira, Aldeia Água Viva).

Após a demarcação da área e a definição do *Manã Bai*, a próxima atividade é brocar o terreno e fazer a derrubada das árvores. Quando a área já está brocada e derrubada, espera-se alguns dias para que a vegetação seque e logo após é realizada a queima do roçado. Depois da queima, é feita a coivara e, então, espera-se alguns dias para que a terra esfrie, quando é feito o plantio.

Muitos moradores da terra indígena, principalmente os mais idosos, consideram que a melhor época para se plantar os “legumes” é quando a cinza ainda está quente.

Ao longo do ano, são feitas três limpas no roçado, para a retirada do capim que pode prejudicar o crescimento das plantas.

Os primeiros “legumes” plantados nos roçados, antes de coivarar, quando as cinzas ainda estão quentes, são os diversos tipos de cará, inhame e taioba, assim como o milho e o algodão. Depois de coivarar o roçado, planta-se então a macaxeira e a banana.

Os Kaxinawá atribuem inteligência às plantas que cultivam, portanto, para cada espécie cultivada, existe uma técnica apropriada para fazer com que o “legume” cresça de forma mais adequada e produtiva.

Depois que o roçado está pronto, a tarefa da colheita cabe às mulheres que, sempre acompanhadas de outras mulheres e das crianças, fazem a caminhada da casa para o roçado, quase todos os dias, a fim de trazer macaxeira (também denominada de roça), ingrediente fundamental da alimentação Kaxinawá, assim como a banana e, eventualmente, o milho, o amendoim e outros produtos.

Portanto, as mulheres são responsáveis por arrancar e carregar a macaxeira para casa, tirar os cachos de banana (se for muito pesado ela deixa para o homem carregar), arrancar cará e quebrar milho. Também faz parte de sua rotina ajudar na limpeza do mato que cresce nos roçados.



A única ocasião em que o homem arranca macaxeira é para a produção de farinha, regionalmente chamada de “farinhada”. Essa atividade é realizada conjuntamente por homens e mulheres.

Os roçados são utilizados para “arrancar” macaxeira durante 02 anos e, após este período, quando a macaxeira acaba, os roçados são abandonados, a não ser que ainda estejam produzindo banana, abacaxi ou cará.

Todo ano são abertos roçados novos e, numa dada situação no tempo, cada grupo familiar maneja simultaneamente três roçados de terra firme: um



com roça nova, outro com roça madura e o terceiro denominado de arrancador. No roçado arrancador, conforme a mulher vai tirando a macaxeira, em cada cova que foi “arrancada” ela coloca um novo pedaço de maniva, a fim de se ter uma reserva de macaxeira antes do roçado novo começar a produzir. Mesmo que estes roçados sejam abandonados, se forem brocados depois de alguns anos, voltarão a produzir macaxeira e mamão.

No verão, de abril a setembro, são cultivados os roçados de praia – *mashi bai*, onde se planta mudubim (amendoim), jerimum (abóbora), melancia, milho, feijão de praia e, eventualmente, espécies de macaxeira de rápido crescimento.

O principal legume cultivado nestes roçados é o mudubim (amendoim), muitíssimo apreciado pelos Kaxinawá e, por este motivo, os roçados de praia também podem ser chamados de *tama bai* (literalmente roçado de mudubim).

Os roçados de praia são de cultivo anual: todo ano os Kaxinawá limpam a praia, plantam os “legumes”, fazem a limpeza do mato que cresce e fazem a colheita, que deve ser feita até o mês de outubro, antes do rio começar a encher novamente.

Os roçados de praia também são de posse familiar e o seu plantio é feito por todos os membros da família. Cada grupo familiar Kaxinawá é dono de certo número de praias e barrancos, não necessariamente contíguos ao seu terreiro ou às suas áreas de cultivo em terra firme. Também pode ocorrer das famílias terem que dividir a mesma praia e, nesse caso, cada família fica com o seu pedaço de praia para plantar, pois segundo os moradores desta terra indígena, principalmente os mais velhos, há escassez de praias na área.

Há um consenso de que cada praia ou pedaço de praia e seus respectivos barrancos pertencem a um determinado grupo familiar extenso, não podendo, desta forma, ser plantado pelos membros de qualquer outro grupo familiar daquela ou de outra aldeia.

Além dos roçados de terra firme e de praia, muitas famílias cultivam bananais, onde são

plantadas diversas variedades de banana, especificamente para a produção da fruta. Os bananais, em geral, são plantados próximos às margens do Rio Tarauacá, pois isto facilita o transporte dos cachos de banana, no caso de comercialização.

No passado, a banana era plantada juntamente com a roça, nos roçados de terra firme.



Recursos utilizados

Os roçados de terra firme podem ser plantados tanto na mata bruta ou virgem, como nas capoeiras. Na maioria das aldeias da Praia do Carapanã, o roçado é aberto em áreas de mata bruta, pois segundo os moradores: “a mata bruta tem mais força e dá legumes mais fortes”.



Tradicionalmente, as áreas escolhidas para se colocar roçado são áreas de terra firme, os lombos de terra – *manã*, que não estão sujeitos ao perigo de alagação no período das chuvas.

A escolha do local para a implantação dos roçados de terra firme também está relacionada com o tipo de solo, sendo que o preferido é o solo “areíusco”, um solo arenoso, de areia solta, misturada com pouco barro, que facilita o crescimento da macaxeira, assim como torna mais fácil o trabalho de arrancar suas raízes, depois de crescidas. O solo bom para o cultivo é chamado pelos Kaxinawá de *mashi mesu* e o solo preferido para o plantio dos roçados é chamado de *mashi manã* (solo areíusco no lombo de terra).

O solo muito argiloso, de “barro liguento”, não é muito apreciado, pois “agarra a raiz da roça”, tornando o trabalho de arrancar a macaxeira muito mais difícil.

A distribuição dos roçados na Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã se dá da seguinte forma:

- **Segredo Artesão** – Estão plantando os roçados na capoeira, pois não tem mais mata bruta perto da aldeia. Quando chegaram neste local, em 2002, fizeram um roçado comunitário, para as três famílias. Atualmente, cada família tem o seu roçado.

- **Morada Nova** – Até agora, sempre colocaram seus roçados na mata bruta.

- **Água Viva** – Até hoje, os moradores desta aldeia sempre colocaram seus roçados na mata bruta, pois na capoeira cresce muito capim e tem formiga de roça. Além disso,



acreditam que é difícil o milho produzir na capoeira. Porém, estão pensando em começar a botar os roçados nas capoeiras velhas, para não acabar com a mata bruta perto da aldeia.

- **Cocameira** – Colocam seus roçados em áreas de mata bruta.

- **Goiânia** – Colocam seus roçados em áreas de mata bruta. Só aproveitam a capoeira para o plantio de milho.

- **Carapanã** – Colocam roçado na mata bruta. Apenas os moradores do núcleo do Carapanã de cima estão aproveitando as áreas de capoeira para implantação dos roçados.

O agente agroflorestal indígena (AAFI) Valdo Sabino está orientando os moradores deste núcleo a utilizar as capoeiras, para não acabar com as áreas de mata bruta próximas à aldeia.

- **Mucuripe** – No ano de 2006, estavam colocando os roçados em áreas de capoeira, mas antes disso sempre colocaram em áreas de mata bruta.

- **Nova Vida** – Estão colocando os roçados em áreas de capoeira. Os roçados são plantados um pouco distantes da aldeia (cerca de 15 minutos de caminhada). Segundo o agente agroflorestal indígena (AAFI) Francisco Macário, o solo perto da aldeia não é bom para roça, pois alaga no inverno. Apenas os bananais são plantados próximos a aldeia.



O principal produto agrícola cultivado nos roçados Kaxinawá é a macaxeira – atsa, também denominada de roça. A macaxeira é parte fundamental de qualquer refeição Kaxinawá e, geralmente, é consumida cozida, sem ser transformada em farinha. Mas, apesar de não ser

um costume tradicional, os Kaxinawá da Praia do Carapanã produzem tanto a farinha branca como a farinha puba (farinha d'água) nas aldeias. Segundo os moradores da terra indígena, a farinha que produzem é destinada principalmente para o consumo interno, sendo raras as oportunidades de comercializar.

No levantamento etnoecológico realizado entre



os moradores da TI Kaxinawá da Praia do Carapanã, foram identificados 21 variedades de macaxeira. Destas 21 variedades, apenas a macaxeira milagrosa é considerada “brava”, ou seja, imprópria para o consumo, a não ser em forma de farinha.

A macaxeira é plantada nos meses de setembro a novembro e, dependendo da variedade, pode ser “arrancada” (colhida) de seis meses a dois anos após o plantio. Algumas variedades podem ser arrancadas com quatro meses, mas a maioria das variedades atinge a maturação um ano após o plantio e só são arrancadas antes disso se houver muita necessidade de consumo entre os moradores da aldeia.

Se a mulher tiver que arrancar roça verde, ela tem que cantar uma música para dar mais batata, se não, as batatas ficam tudo finas e não cresce mais (Maria Ana Paulino, aldeia Nova Vida).

Além das macaxeiras mansa e brava, existem dois outros tubérculos que os Kaxinawá denominam de “macaxeira doce”: a macaxeira doce de planta – *nia yushu*, e a macaxeira doce de rama – *yushu*. Ambas são plantadas no mesmo período que a roça normal, porém em locais separados do restante da macaxeira. A macaxeira doce é consumida crua e, para que sua batata fique doce, os Kaxinawá colocam a semente de molho no açúcar ou no caldo de cana, antes de plantá-la.

A banana também é um item fundamental na dieta Kaxinawá e, durante o levantamento, foram identificadas 18 variedades de banana cultivadas na terra indígena. As bananas são divididas em dois grupos, as bananas para se fazer mingau e as bananas para se comer “in natura”.

O grupo das bananas para se fazer mingau é composto pelas seguintes bananas: grande (banana comprida), chifre de bode, baié e tosquina.

A banana baié que a gente chama de Babu mani é o chefe das bananas e por isso é que deve ser plantada no centro do roçado, porque do centro ela vai poder olhar as outras. A banana maçã que a gente chama de Kuru mani ou Muka mani deve ser plantada no aceiro do roçado, porque é ela quem cuida das outras bananas. Se for plantada no meio, fica com raiva e não produz cacho. Já para plantar a banana najá, Shini mani, a pessoa tem que ter ciência para plantar, não é em qualquer lugar que ela nasce não, ela é difícil essa banana, só dá cacho se plantar no aceiro do roçado (Francisco Macário, Aldeia Nova Vida).

As bananas, em geral, podem ser plantadas em qualquer época do ano e, de preferência, devem ser plantadas poucos dias após a queima do roçado, quando a terra ainda estiver quente. As mudas devem ter cerca de 80 centímetros de altura, pois se forem plantadas com tamanho inferior, demoram muito para dar cacho.



Existe uma ciência para plantar a banana. Quando faz o buraco para plantar a bananeira, tem que colocar a muda da banana com cuidado no buraco. Se colocar com força, a banana fica dura, empedra e não presta pra comer (Francisco Macário, Aldeia Nova Vida).

As bananeiras começam a produzir cacho com 06 meses de idade, atingindo a maturação com, aproximadamente, 01 ano, porém algumas variedades de banana são colhidas e consumidas ainda verdes, antes de sua maturação.

Além da macaxeira e da banana, também são plantados uma grande variedade de frutas e “legumes” nos roçados, como a cana, o mamão, o cará, a batata doce, a taioba, o milho, etc. Produtos não alimentares, como o algodão, o tabaco, a oaca e o tingui (plantas ictiotóxicas, utilizadas na pescaria), também são plantados nos roçados.

Os terreiros também constituem unidades de manejo, onde são plantadas inúmeras espécies de árvores frutíferas, temperos e plantas medicinais, nativas ou exóticas. Em geral, este é o espaço de cultivo das mulheres, que plantam ao redor da casa.

Durante as visitas às aldeias, foram observadas as seguintes espécies de frutíferas nos terreiros: graviola, manga, jambo, goiaba, laranja, limão, tangerina, abacate, abacaxi, côco de praia, cupuaçu, cacau, biribá, caju, ingá, carambola, fruta pão, jaca, maracujá, açaí solteiro, açaí touceira e, inclusive, amora.



Muitas mudas são obtidas nas viagens para Tarauacá ou com os moradores vizinhos da terra indígena. Porém os assessores da CPI/AC, que prestam assessoria nesta terra indígena, regularmente trazem mudas e doam para as comunidades.

Nos terreiros também são cultivadas pequenas hortas, onde se destacam alguns pés de pimenta, tomate, couve, coentro, cebolinha, mastruz e o *nawãnti*, verdura coletada na mata bruta, que serve para temperar a macaxeira cozida. Estas hortas, quando não são cercadas, estão suspensas em canteiros, freqüentemente construídos sobre o casco de velhos ubás.

Criação de animais/manejo da terra

Todas as aldeias da terra indígena possuem algum tipo de criação de animais, sendo as mais comuns: galinha, ovelha, pato, capote (galinha d'angola), gado e porco. Todos estes animais são criados soltos durante o dia, beneficiando-se da fronteira livre com a floresta. Em geral, os animais de terreiro são criados e cuidados pelas mulheres e o gado é criado e cuidado pelos homens.

As galinhas, patos e capotes (galinhas d'angola) são os animais criados em maior abundância, sendo, pelo menos uma das espécies, presentes em todas as aldeias. São criados soltos no terreiro, se alimentam de restos de comida que são jogados próximos às casas e dormem, geralmente, embaixo das casas ou em galinheiros cercados, evitando ataques de predadores, tais como: mucas, raposas e gatos-do-mato.

Os porcos são criados apenas nas aldeias Segredo Artesão, Cocameira, Goiânia e Mucuripe. Vivem soltos e caminham pelos arredores das aldeias em busca de alimentos. Nessas aldeias, os roçados ficam distantes da área de perambulação dos porcos, pelo fato deles serem animais fuçadores que causam grandes danos às plantações.

Os moradores da Aldeia Água Viva não criam porcos, pois seguem a religião Adventista do Sétimo Dia, que considera os porcos animais "imundos". O cacique Jorge Leme Ferreira gostaria que não houvesse criação de porcos na terra indígena e, por este motivo, os moradores da Água



Viva têm problemas com os moradores das aldeias que criam estes animais.

Com exceção da Aldeia Nova Vida, atualmente, todas as aldeias da terra indígena possuem criação de gado. A quantidade de gado nas aldeias varia entre 02 e 20 cabeças.

De forma geral, a criação de animais domésticos é vista pelos Kaxinawá da Praia do Carapanã como mais uma fonte de proteína animal para a sua alimentação, já que a pressão historicamente exercida sobre as caças grandes (anta, veado, porquinho caititú e queixada) tem resultado em sua progressiva rarefação nas margens do Rio Tarauacá.

Apenas as galinhas e o gado são comercializados e, por isso, são tidos como uma “poupança”, ou seja, os animais são criados com a finalidade de ser uma fonte de renda ou uma moeda de troca, que possibilita a obtenção de produtos que não se pode conseguir na terra indígena.

Criação de animais nas aldeias

Aldeia/ Criação	Galinha	Pato	Capote	Ganso	Ovelha	Porco	Gado
Segredo Artesão	X	X			X	X	04 cabeças
Morada Nova	X	X			X		14 cabeças
Água Viva	X	X	X		X		09 cabeças
Cocameira	X	X	X		X	X	06 cabeças
Goiânia	X	X	X		X	X	02 cabeças
Carapanã	X	X	X		X		11 cabeças
Mucuripe	X	X	X	X		X	20 cabeças
Nova Vida	X	X	X				Não criam gado

Nesta terra indígena também há um projeto do IBAMA em parceria com AMAAI-AC e a comunidade, para a criação de tracajás em açudes, com os objetivos de alternativa alimentar nas aldeias e futuro repovoamento dos rios e lagos.

As aldeias onde há criação de tracajás são: Segredo Artesão, Carapanã, Mucuripe e Nova Vida.



Coleta e extração (uso não comercial de plantas silvestres)

É na floresta que os Kaxinawá obtêm grande parte dos recursos para a sua alimentação, através da caça e da coleta de frutas; assim como remédios, retirados das plantas medicinais; madeiras para construção das casas; tinturas para pintura do corpo e de tecidos; materiais para ornamentação, etc.

Técnicas e divisão social do trabalho

- Frutas

A coleta de frutas é uma atividade esporádica que depende da época de frutificação das espécies coletadas. Normalmente, as frutas são coletadas pelas mulheres, a não ser nos casos em que seja necessário subir na árvore para retirar a fruta, como, por exemplo, no caso do açaí e do buriti. Nessas situações, são os homens que realizam o trabalho, derrubando as frutas ou subindo nas árvores para tirar o cacho, que, na maioria das vezes, são as mulheres que carregam para casa.

Os homens também coletam frutas quando saem para caçar e não conseguem abater nenhum animal. Nessas ocasiões, onde falta carne de caça, as frutas são uma alternativa de alimentação.



- Cogumelos

Os cogumelos são coletados por homens e mulheres durante suas caminhadas no interior da mata. Os mais consumidos pelos Kaxinawá da Praia do Carapanã são: *Kunu* – orelha de pau; *Kunu pati* – cogumelo branco; *Kunu txura* – cogumelo vermelho; *Txashu tabinki* – cogumelo orelha de veado (só nasce em roçado novo).

- Madeira

A extração de madeiras e palhas para a construção de casas é uma tarefa exclusivamente masculina.

A maioria das aldeias desta terra indígena possui motosserra, adquiridas através de projetos financiados pelo governo. As motosserras, em geral, são os instrumentos utilizados para a extração de madeira na área; quando não é possível usar a motosserra, os moradores locais utilizam o machado.

- Plantas medicinais

Os Kaxinawá têm um largo conhecimento de plantas com propriedades medicinais, que são chamadas de “remédios da mata”. Geralmente, quando precisam destes remédios, vão buscar na floresta, porém as mudas de alguns deles são coletadas na mata e trazidas para serem plantadas perto das casas.

Existem remédios que são apenas de conhecimento dos homens, é o caso dos remédios utilizados para atrair caça, e outros que apenas as mulheres conhecem, como é o caso de remédios para evitar gravidez ou diminuir as dores do parto.

Existem, também, remédios que podem ser de conhecimento de ambos os sexos, como é o caso de remédios para a picada de “insetos” (cobras, aranhas, arraia e outros animais peçonhentos).

- Tinturas e corantes

Também são extraídos da floresta os recursos utilizados no tingimento de tecidos e pinturas corporais. As tinturas mais utilizadas pelos Kaxinawá para o tingimento de tecidos são: aguano (mogno) – *stinanti*, uma folha chamada *txashuanti*, açafroa, casca de cedro – *kuxá*, angico –

shatawã e maçaranduba – *tuixitimá*.

São os homens que vão para a mata buscar os corantes. Segundo eles, têm tido dificuldade de encontrar o aguano (*stinanti*), principal corante utilizado no tingimento dos fios, que só é encontrado muito longe da aldeia.

A açafroa é uma planta usada para tingir algodão. Atualmente, alguns moradores da terra indígena estão usando a açafroa para tingir a farinha, pois, no ano de 2005, fizeram um curso de produção e melhoria da qualidade da farinha (curso promovido pela Secretaria Estadual de Assistência Técnica e Extensão Agroflorestal – SEATER). Neste curso aprenderam que a farinha tingida com açafroa obtém uma coloração amarela, sendo preferida pelos consumidores “da cidade” e, portanto, mais fácil de ser comercializada.

O jenipapo (*Tocoyena* sp.) e o urucum (*Bixa orellana*) também são muito utilizados nas pinturas corporais.

Moradia

As casas tradicionais dos Kaxinawá eram coletivas, chamadas de *kupixawa*, nas quais moravam cerca de dez famílias ou, aproximadamente, cem pessoas.

Há muito tempo, os Kaxinawá adotaram o formato das casas dos seringueiros regionais e, atualmente, suas casas, chamadas de *hiwe*, são construídas sobre palafitas, ou seja, uma plataforma sobre barrotes, com aproximadamente um metro de altura a partir do chão e cobertura de palha.

A maioria das casas Kaxinawá apresenta o seguinte formato/distribuição: I) uma sala localizada sempre na parte da frente da casa. A sala é um local freqüentado, principalmente, pelos homens e, geralmente, seus únicos móveis são bancos de madeira; II) um quarto no meio da casa, com paredes feitas de paxiubinha, onde o casal e os filhos dormem, geralmente, em redes; III) uma cozinha localizada nos fundos da casa – não são raras as casas que possuem a cozinha fechada com paredes. A cozinha é o local onde



as mulheres se reúnem, comendo sentadas em círculos no chão, próximas ao fogão de lenha onde são preparados os alimentos.

O fogo de cozinhar é feito no fogão de barro dentro da cozinha, mas muitas mulheres também fazem uma fogueira no chão, na parte externa ao lado da casa, onde preparam os diversos tipos de caiçuma.

No entorno da casa, o terreiro constitui uma área de terra zelada e varrida periodicamente pelas mulheres. Consiste no lugar onde as crianças brincam e os homens constróem os galinheiros e chiqueiros.

Além das casas de moradia, existem os “tapiris”, que são pequenas e simples casas feitas de palha e de madeira leve, construídas em poucas horas e que são usadas apenas por alguns dias, provisoriamente, em acampamentos de caça.



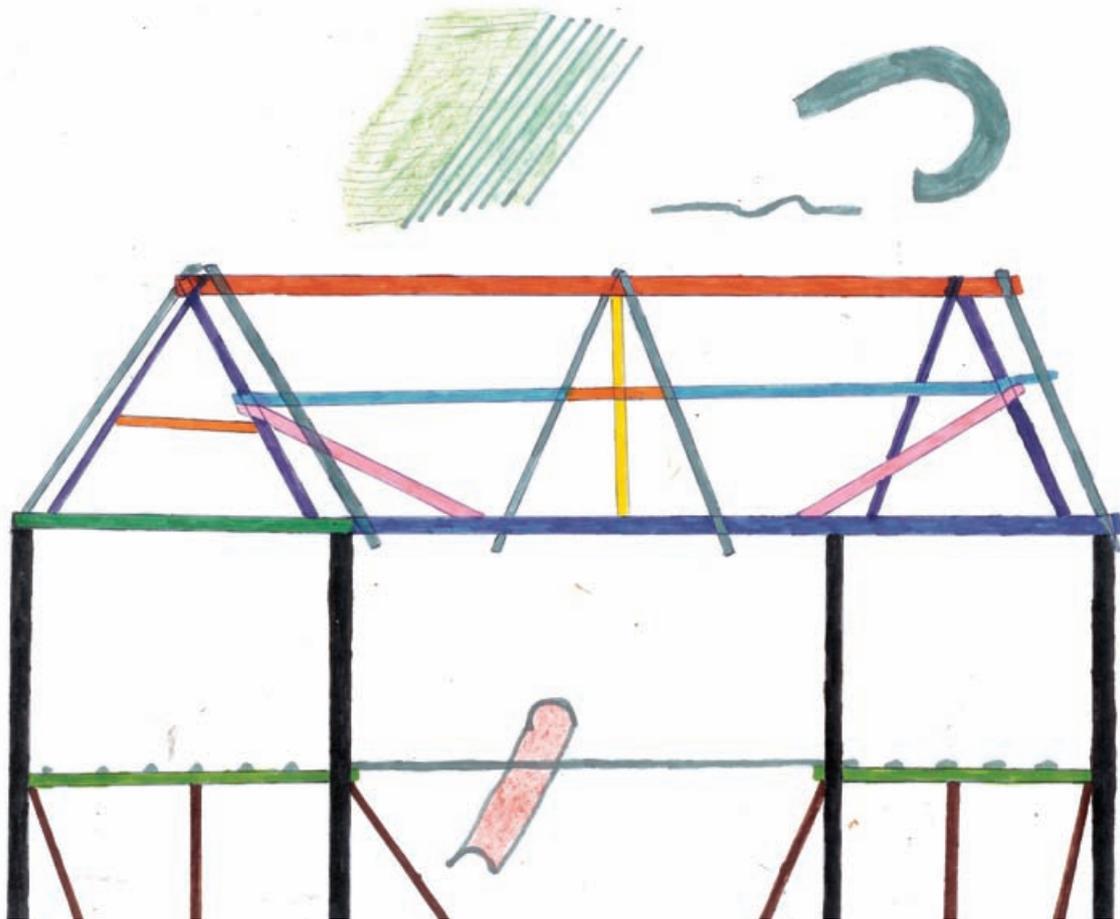
Técnicas e divisão social do trabalho

A construção de casas é uma tarefa predominantemente masculina e o verão é citado como o período mais favorável para a construção, embora possa ser realizada também no inverno.

Hoje em dia, quando há necessidade de se construir uma casa, os homens da aldeia se juntam para trabalhar em adjunto (mutirão) e, por isso, uma semana é o tempo que, em geral, é gasto para uma casa ficar pronta.

Segundo os moradores desta terra indígena, no tempo dos seringais, cada família tinha que construir sua casa sozinha, pois as colocações eram afastadas umas das outras, dificultando os trabalhos em conjunto.

Uma casa bem feita dura cerca de doze anos, mas a sua cobertura (telhado de palha) deve ser trocada a cada cinco anos, no máximo.



A casa – *hiwe* – começa a ser construída enterrando-se os esteios e os barrotes no chão. Os esteios e barrotes são as madeiras de sustentação da casa, que ficam em contato com o solo e que, portanto, devem ser resistentes a longos períodos sob a terra úmida.

Em seguida, as linhas são colocadas sobre os barrotes. As linhas são madeiras roliças que dão sustentação ao assoalho.

Depois das linhas, são colocados os caibros, a terça e as biqueiras, que são as madeiras que dão sustentação ao telhado de palha. Com esta estrutura colocada, pode ser feita a cobertura da casa, que, na Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, é feita, em geral, com a palha de jaci e dura, em média, cinco anos. Passado este tempo, as palhas precisam ser trocadas por palhas novas.

Para se fazer a cobertura das casas, os homens vão para a mata retirar a palha das palmeiras, que antes de serem utilizadas devem ficar secando no sol por um período de três a quatro dias.



Tem gente que tira a palha e já cobre a casa no mesmo dia, mas se fizer isso, quando a palha seca, a cobertura fica cheia de brecha e dá muita goteira. A cobertura fica bem melhor se deixar a palha secando uns 03 ou 04 dias, daí a cobertura fica muito mais bem feita e atura mais tempo (Francisco Edimilson Ferreira, Aldeia Água Viva).

A cobertura das casas também pode ser feita com as palhas de oricuri, jarina e cocão, porém, segundo os Kaxinawá, a palha de jaci é melhor por ser mais larga e mais comprida e, também, porque dura mais tempo que as palhas das outras palmeiras.

Por serem maiores, essas palhas são mais pesadas e o máximo de palhas que um homem pode carregar por vez são oito unidades. Para se cobrir uma casa padrão Kaxinawá, com cerca de 10 metros de comprimento por 07 de largura, são necessárias, em média, 220 palhas de jaci. Segundo Valdo Pereira Sabino, AAFI da Aldeia Carapanã, se esta mesma casa fosse coberta com palha de aricuri, seriam necessárias 600 palhas.

As palhas são amarradas aos caibros com envira de piriquiteira (que nasce na capoeira) ou envira de anta (que nasce na mata bruta).

Muitas vezes, por cima da cobertura é feito o capote, com palha de jarina. O capote irá preencher as emendas das palhas ao longo da cumeeira.

Depois que a casa está coberta, coloca-se o assoalho, feito de paxiúba, que é pregado nas linhas com pinos feitos de madeira ou pregos comprados na cidade. Em uma casa padrão Kaxinawá, com cerca de 10 metros de comprimento por 07 de largura, são necessárias, em média, 16 árvores de paxiúba para fazer o assoalho, que pode durar até 10 anos.

Por fim, são colocadas as paredes, feitas de paxiubinha, para se dividir os espaços internos da casa.





Utensílios

Os utensílios são classificados de acordo com seu uso e o tipo de material com que são feitos, portanto, neste item, separamos os utensílios por categoria de materiais. Os principais utensílios confeccionados na terra indígena são:

Cerâmica

A cerâmica é um trabalho feito exclusivamente pelas mulheres. O barro – *mapu* é a principal matéria prima para a fabricação de utensílios de cerâmica e as mulheres consideram que o melhor barro para isto é o barro vermelho, chamado na língua indígena de *mapu taxpa pe*. Mas também podem utilizar o barro branco de tabatinga – *mapu hushupa*, que deve ser misturado com areia.

Tradicionalmente, os Kaxinawá consideram que o barro é pertencente a dois “donos”: um deles é um ser “encantado”, chamado *Hiri*, e o outro, é um animal regionalmente chamado de embuá, da família dos miriápodes. As mulheres Kaxinawá, quando vão retirar barro para fazer cerâmica, pedem autorização aos “donos” do barro, através de um ritual específico. Depois de pedir autorização aos “donos” do barro, as mulheres retiram o barro do barranco do rio e trazem para casa. Se for o barro vermelho, não precisa de mistura, mas se for o barro branco de tabatinga é necessário misturá-lo com areia do rio.



Para dar o ponto no barro e para a cerâmica não rachar durante a queima, as mulheres misturam no barro fresco cacos de cerâmicas antigas, esmigalhadas a ponto de se tornarem um pó fino.

Para o vaso não rachar, tu mistura os cacos dos vasos velhos no barro. Tu pega os vasos quebrados tudinho e pisa (maceta) com um pedaço de pau. Tu pisa bem pisadinho os cacos velhos, até ficar um pó fino e daí penera e mistura no barro novo pra fazer cerâmica. Fazendo isso, os vasos não racham na hora de queimar (Erondina Carlos, Aldeia Mucuripe).

As mulheres iniciam o trabalho amassando o barro com as mãos e, quando o barro atinge o ponto ideal, começam a dar forma aos objetos que desejam confeccionar. Depois de darem forma, raspam o objeto com um instrumento feito de um pedaço da casca do fruto de coité (*Crescentia cujete*), até obterem a espessura ideal de cada utensílio. Então, as peças são deixadas na sombra, por alguns dias, a fim de que sequem, e é neste período que as mulheres corrigem eventuais defeitos nas peças. As peças pequenas, como pratos e tibungos, levam de três a quatro dias para secar, e as grandes, como panelas e vasos, levam de seis a sete dias para ficarem secas.



Quando as peças estão secas, é hora de pintá-las com cinza de fogueira misturada com sal. Os motivos utilizados na pintura da cerâmica são chamados de kenes, o mesmo nome dos motivos usados nas redes e nas pinturas corporais.

A última etapa do processo é a queima das peças. Para queimar, as mulheres colocam as peças no chão e preparam uma fogueira por cima das mesmas.

Segundo dona Erondina, as peças devem ser queimadas de manhã bem cedo, em dia de lua nova e, durante a queima, é necessário muito silêncio, ninguém pode falar, para que as peças não rachem.

Utensílios tradicionais feitos de cerâmica

Nome do utensílio em Kaxinawá	Nome do utensílio em Português
Kétxa	Prato
Képu	Tibungo
Kêti	Panela
Tubati	Bacia
Pūriiti	Buzino



Tecidos

A tecelagem é uma atividade desenvolvida exclusivamente pelas mulheres e a principal matéria-prima utilizada na fabricação dos tecidos é o algodão – *shapu*.

Antonia Pereira (Aldeia Carapanã), uma mulher de 75 anos, participou de dois cursos do Projeto de comercialização de tecidos, promovido pela APAMINKTAJ (Associação das Produtoras de Artesanato Mulheres Indígenas Kaxinawá de Tarauacá e Jordão). Porém, segundo ela, atualmente, na Aldeia Carapanã, não há algodão suficiente para a confecção de tecidos. Há um ano, plantaram bastante algodão nos roçados e estão esperando a safra para começarem a produção de tecelagem.

Algumas das mulheres entrevistadas durante o Levantamento Etnoecológico alegaram que, apesar de terem sido convidadas, não quiseram ou não puderam participar dos cursos promovidos pela APAMINKTAJ, porque têm filhos pequenos e não podem deixá-los para ir até a cidade de Tarauacá, onde são realizados os cursos.





Dá muito trabalho trabalhar com o algodão, tem que fazer o roçado, tem que plantar os caroços, limpar, colher, descarregar, bater, fiar, tingir, tecer... E as mulheres têm muitos outros trabalhos para fazer, como ir no roçado, cuidar da casa, cuidar dos filhos. Quem tem filho pequeno fica muito difícil de trabalhar com algodão (Maria Carlo da Silva, Aldeia Mucuripe).

“A capanga, a gente faz em dois, três dias, vai rápido. Agora, a rede leva mais tempo. Para fazer rede, a gente gasta bem uns quinze dias, trabalhando direto” (Maria Ana Paulino, Aldeia Nova Vida).

Utensílios feitos de tecido

Nome do utensílio em Kaxinawá	Nome do utensílio em Português
Haki Mabu Nane	Capanga
Hutekereiti	Tapete
Bunesheketi	Tiara
Desi	Rede
Mebi	Pulseira
Hashkāti	Faixa
Tani	Camisa
Shāpānā	Saia





Cestaria

A fabricação de cestos de palha ou cipó é uma atividade que pode ser realizada por mulheres e homens, porém as mulheres são responsáveis pela confecção de alguns tipos de cestos, enquanto os homens são responsáveis por outros.

As mulheres fabricam os cestos *txixan*, que são cestos de uso doméstico de tamanhos variados, uns para guardar e servir comida, outros, grandes e abertos, para colocar o algodão, e outros ainda para guardar coisas pessoais. Também são as mulheres quem produzem os abanos – *paiati*, usados na cozinha, e as esteiras – *pixin*.

Os cestos fabricados pelos homens são: o *kakã*, um cesto grande para transportar lenha, e o *kuki*, regionalmente chamado de “paneiro”, utilizado para transportar os produtos do roçado. Ambos os cestos podem ser pendurados na testa ou carregados nas costas.

O *kunpax* é uma cesta provisória, feita de folhas de palheira, que serve para transportar a caça da mata para casa.

Utensílios feitos de palha ou cipó

Nome do utensílio em Kaxinawá	Nome do utensílio em Português
Txitxan	Cesto
Paiati	Abano para fogo
Pixin	Esteira
Kakã	Cesto para transportar lenha
Kuki	Paneiro (cesto para transportar produtos do roçado)
Kunpax	Cesta para transportar caça



Culinária

A culinária Kaxinawá é bem diversificada, porém a macaxeira, a carne de caça e os peixes são os principais ingredientes de sua alimentação.

Técnicas e divisão social do trabalho



O homem é responsável por prover a família de alimentos, caçando, tirando o couro de alguns animais grandes e plantando o roçado. Porém, o preparo da comida é uma tarefa essencialmente feminina, que exige bastante destreza das mulheres.

A macaxeira – atsa pode ser preparada de diversas maneiras, muitas vezes é cozida só na água ou cozida com a folha verde da própria macaxeira – *atsa newa* ou com outras folhas do mato chamadas de *nawanti* ou *xiwan*, que dão um sabor especial à macaxeira e ajudam a conservá-la por até quatro dias.

A macaxeira também é consumida na forma de mingau, caiçuma mansa (*mabush*), caiçuma brava (forte), massa para criança, biju, tapioca, pão e bolo.

A folha faz a macaxeira cozida aturar até quatro dias sem estragar e quanto mais dia passa, mais gostosa ela fica de comer, vai pegando gosto de folha. Mas para não estragar a macaxeira, tem que esquentar todo dia, de manhã e de tarde (Maria Aldenira, Aldeia Carapanã).

A macaxeira também pode ser cozida com amendoim torrado e moído. O amendoim é tão importante na dieta e na cultura Kaxinawá que, quando eles se referem aos roçados da praia, usam também a expressão *tama bai*, literalmente roçado de amendoim.

A banana é outro elemento de fundamental importância na dieta Kaxinawá. Algumas espécies de banana são utilizadas pelas mulheres para preparar o *Mani mutsá* (mingau de banana). Para prepará-lo, cozinha-se grandes quantidades de banana madura, adiciona-se água e depois amassa com um pedaço de pau, até que se obtenha a consistência de mingau.

A carne pode ser preparada moqueada na folha de sororoca, assada ou cozida. A carne

moqueada atura muito tempo, principalmente se for esquentada diariamente, de manhã e de tarde. Os mais velhos dizem que, se esquentar a carne desta forma, ela pode durar até três meses.

O peixe pode ser assado quando é grande, mas geralmente é preparado em caldo ou, quando miúdo, assado numa folha de bananeira ou sororoca, com ou sem cogumelos.

O palmito das palmeiras cocão, açai, murmurú e paxiubão pode ser comido assado na folha de sororoca e também pode ser usado ralado na sopa *yutxi*. Esta sopa é feita de palmito ralado, folha *nawãnti*, carne e pimenta forte para temperar a sopa.

Os Kaxinawá também comem cogumelos moqueados na folha de sororoca ou misturados nas sopas. Os cogumelos costíveis são: *Kunu* – orelha de pau; *Kunu pati* – cogumelo branco; *Kunu txura* – cogumelo vermelho; *Txashu tabinki* – cogumelo orelha de veado.

Sazonalidade e o calendário/clima

Apenas duas estações são citadas pelos Kaxinawá da Praia do Carapanã: inverno e verão.

O Verão – *Bariã* começa em maio e vai até fim de setembro. É a época em que para de chover e começam as friagens. Para os Kaxinawá, o verão é considerado a época de botar os roçados de terra firme e de praia, construir casas e fazer pescarias nos lagos, rios e igarapés, que ficam com a água mais limpa e mais clara nesse período.

A florada de algumas árvores indica que o verão está começando, como é o caso da mutamba (*Guazuma ulmifolia*), acompanhada do mulateiro (Família Fabaceae) e do calango cego. Segundo o cacique Jorge Leme Ferreira, a chegada do verão é percebida quando o passarinho *uishabu puitxaka* começa a cantar. “*Esse é um passarinho que só canta no verão*”.

Ainda segundo Jorge Leme Ferreira, quando a samaúma pequena (*bui*) flore a mata com suas flores vermelhas, é tempo de plantar mudubim (amendoim). E quando um passarinho chamado de *Buruxtû* começa a cantar, é o aviso de que chegou o tempo de botar roçado de terra firme.

O Inverno – *Uiã* começa em outubro, se estendendo até fim de abril. É a época das grandes chuvas – *ui*. O inverno é considerado o melhor período para “bater” bananal: abrir novos bananais e limpar os bananais antigos, assim como limpar e plantar mudubim (amendoim) no roçado de terra firme e colher milho.

Os Kaxinawá relacionam a chegada do inverno com a manifestação de alguns animais.



Quando a gia manahiu começa a cantar em cima da terra firme e a gia bakahiu começa a cantar no baixo, estão avisando que o inverno chegou. O sapo boi, cara, também canta nesta época (Jorge Leme Ferreira, Aldeia Água Viva).

Os Kaxinawá também classificam as fases da lua e recorrem a elas para a realização de algumas tarefas, como colher milho, tirar palha e madeira para a construção das casas. Estas atividades só devem ser realizadas na lua nova (“quando a lua está escura”), caso contrário, o milho é atacado por gorgulho, assim como a madeira, que é atacada tanto por gorgulho como por cupim, e a palha é atacada por lagartas. Os utensílios de cerâmica também devem ser queimados nesta fase da lua, caso contrário, racham.



Assuntos de gênero

A divisão entre os sexos é fundadora da sociedade Kaxinawá e marca mais a vida cotidiana do que qualquer outra divisão e metades, seções ou idades (Silva, 2003). Os Kaxinawá possuem uma distinção muito clara entre os trabalhos executados pelos homens e pelas mulheres, porém esta divisão do trabalho entre homens e mulheres é complementar, e não conflitiva, na organização social do grupo familiar.

Os principais trabalhos das mulheres são: cuidar da limpeza da casa, tirar macaxeira e trazer para casa, cozinhar, cuidar das crianças, lavar roupa, carregar água de beber para dentro de casa, cuidar do terreiro (varrer e ajudar o homem a capinar), cuidar das criações de animais (exceto o gado, que é o homem quem cuida), limpar o roçado, fazer artesanato (algodão, cerâmica, cestaria).

A maior parte das tarefas femininas é realizada dentro de casa, no terreiro ou nas imediações da casa, apesar de que também ajudam no plantio e na colheita de certos gêneros agrícolas dos roçados e, muitas vezes, participam das pescarias coletivas.

Os principais trabalhos dos homens são: fazer roçado de terra firme e de praia, limpar roçado, caçar, cortar madeira para lenha e carregar para casa, construir e fazer a manutenção da casa.



Associações espirituais/rituais

Na terra indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, existe uma grande diversidade de costumes e tradições, pelo fato da área possuir moradores de diversas famílias com histórias e trajetórias variadas.

Aparentemente, as famílias que vieram mais recentemente das terras indígenas do Jordão e que atualmente vivem nas aldeias Segredo Artesão, Mucuripe e Nova Vida, são as que mais mantêm os costumes tradicionais Kaxinawá.

Contudo, na Aldeia Água Viva, as tradições têm mudado bastante, pois, nesta aldeia, há uma forte influência da doutrina da Igreja Adventista do Sétimo Dia, adotada especialmente na família extensa do cacique Jorge Lemes Ferreira. Os seguidores desta doutrina não têm permissão para comer certas carnes de caça, que, no caso, são preferenciais na cultura Kaxinawá tradicional, como o porquinho, a queixada, a anta, o tatu e a paca.

Uma das festas mais importantes na cultura Kaxinawá é a festa do *Katxanawa*, que implica



numa invocação dos espíritos de todos os “legumes”⁵ dos roçados de terra firme (*bai kuin*) e de praia (*mashi bai*), para que suas plantações nasçam e cresçam com “boas energias” e para que haja sempre muita fartura de comida nas casas. Além da dança e do canto pela produção agrícola abundante, o *Katxanawa* também implica na troca ritual de carne de caça entre as metades clânicas, ou seja, entre os homens que se chamam de *txai*.

A troca de carne sempre é precedida de uma caçada coletiva dos homens das duas metades e da preparação de caiçuma, mingaus, macaxeira cozida e caldo de mudubim, pelas mulheres.

Nesta festa, os homens de uma “metade” se reúnem para caçar e, ao sair da mata cobertos de palha, imitando os espíritos da floresta (*yuxin*), são aguardados na aldeia pela “metade” oposta, que os aguardam armados com espingardas, arcos, flechas e lanças, representando o papel de caçador para receber a carne que “os espíritos” trazem.

Um outro ritual muito importante na cultura Kaxinawá é o *Nixpu pimá*, que consiste no batismo das crianças, realizado com o “filhote da pimenta longa” (*Piper aduncum*).



5. A maior parte dos produtos agrícolas cultivados nos roçados é denominada, de forma genérica, de “legumes”.



Gestão na Terra Indígena: perspectivas e questões ambientais

Comercialização

Anteriormente à demarcação da terra indígena, os Kaxinawá precisavam produzir um mínimo de borracha para adquirir a estiva básica (sal, querosene, sabão e munição), os instrumentos de trabalho importados, os tecidos e confecções (tergal, mescla, chita) e as miúdezas (pilhas, papelim, agulhas e linhas de costura, perfumes, batons). Dentre os denominados instrumentos de trabalho incluem-se: insumos importados para a fabricação da borracha (facas e tigelinhas de seringa, baldes, bacias de alumínio e tecidos para a confecção de sacos encauchados); insumos para a consecução das atividades agrícolas (terçados, machados, enxadas, facas-peixeiras); insumos para caça (espingardas, pólvoras, chumbos, espoletas e cartuchos); insumos para pesca (anzóis, linhas de nylon e tarrafas); e insumos para casa (diversos utensílios domésticos e roupas) (Aquino e Iglesias, 1995).

Atualmente, o corte de seringa, a produção e a venda de borracha não são mais atividades realizadas nesta terra indígena e as principais fontes de renda de seus moradores são aposentadorias, salários de professores e de Agentes Agroflorestais Indígenas (AAFIs) e a comercialização de produtos agrícolas, animais de criação e artesanato.

Os moradores da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã possuem um padrão cultural que privilegia as atividades de subsistência, porém, também realizam comércio, principalmente de produtos agrícolas, no mercado regional.

Em geral, a comercialização é realizada quando os moradores da terra indígena vão à cidade de Tarauacá para receber salários e aposentadorias, fato que ocorre mensalmente. Outra forma de comercialização é com os marreteiros que sobem o Rio Tarauacá, com os quais vendem ou trocam produtos.

Em todas as aldeias da terra indígena é realizada alguma forma de comércio e a maioria dos moradores não encontra muita dificuldade para vender os produtos que produzem, mas o principal problema que enfrentam está nos preços baixos pagos pelos comerciantes locais. Somado a isso, também têm dificuldade de organizar a produção, que em geral não atinge quantidades suficientes e nem continuidade para suprir a demanda dos comerciantes. Além disso, o transporte é muito caro.

Os sócios da ASKAPA pretendem organizar a produção para comercializarem os produtos conjuntamente, garantindo, assim, maiores quantidades e continuidade de produção e, com isso, desejam conseguir maior confiança dos comerciantes regionais e mais espaço para seus produtos no mercado.

Eventualmente, alguns homens trabalham na “diária”, onde são contratados para realizarem serviços como: implantar roçados, serrar madeira, ou “bater campo” e plantar pasto, em colocações fora dos limites da terra indígena.



Entretanto, os benefícios de aposentadoria e os salários de professores e agentes agrofloretais são as principais fontes de renda dos moradores da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, onde, atualmente, existem 31 aposentados (5,8% da população), 15 professores e 08 Agentes Agrofloretais Indígenas (AAFI). Estes benefícios constituem uma alternativa segura para a obtenção de mercadorias e bens industrializados.

Principais produtos comercializados

De forma geral, os moradores da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã comercializam produtos agrícolas, carne de gado, animais de criação de pequeno e médio porte e artesanatos.

Para os Kaxinawá da Praia do Carapanã, a banana e o mudubim (amendoim) são os produtos comerciais mais importantes. O carvão também é importante e, para produzi-lo, os moradores da terra indígena só utilizam paus já caídos.

A maioria das aldeias produz farinha de mandioca e gostariam muito de comercializar, mas, segundo seus moradores, a concorrência com a farinha “dos brancos” (não-índios, que têm mais experiência e prática na produção) torna muito difícil a comercialização deste produto.

Algumas aldeias que possuem moendas estão fazendo doce de cana (rapadura), mas ainda não levaram para vender na cidade.

A fim de organizar a comercialização dos produtos produzidos na terra indígena, os sócios da Associação Kaxinawá de Produtores Agrícolas da Praia do Carapanã – ASKAPA – elaboraram uma tabela de preços baseada nos preços dos produtos na região.

Perspectivas

Ao longo do tempo, têm sido implantados vários projetos, pequenos e pontuais, de infraestrutura na terra indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, com o objetivo de melhoria da qualidade de vida de seus moradores.

Em 1998, foram instaladas placas solares em seis aldeias. A validade das placas é limitada e está chegando ao seu final. Em duas aldeias, as instalações das placas foram queimadas por relâmpagos. Em junho de 2006, apenas a Aldeia Mucuripe possuía eletricidade. As comunidades pretendem restaurar a luz elétrica nas suas aldeias usando os geradores que recentemente chegaram com o projeto de melhoramento da merenda escolar.



Originalmente, o projeto de regionalização da merenda escolar indígena foi pensado no contexto da Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas (SEPI) do Governo do Acre, que foi criada no fim de 2002. O projeto original previa o redirecionamento da verba disponível para a compra da merenda escolar, constituída de produtos industriais, para a compra da produção local, como tentativa de criar um mercado local e permanente para a produção agro-florestal, incluindo produtos processados, dos produtores na terra indígena. A primeira oficina preparatória para este projeto foi realizada em junho de 2003, mas, apesar do que se investiu nos estudos, planejamento, preparação e capacitação, além da constituição de um conselho escolar que se responsabilizaria pela produção e compra dos produtos, o conjunto de instituições governamentais envolvidas, entre elas o Tribunal de Contas e a Secretaria Estadual de Educação, não priorizou o projeto.

Ao ver que o projeto não seria posto em prática pela SEPI, o coordenador da ASKAPA apresentou o projeto à outra fonte financiadora, que o aprovou e, atualmente, o projeto está sendo posto em prática.

O projeto preliminar, elaborado pelos moradores da Praia do Carapanã, consiste de duas partes: uma solicitação em função das prioridades da ASKAPA, e outra parte que é voltada para as iniciativas de produção de cada aldeia. O conteúdo da versão preliminar recapitula as experiências anteriores de atividades produtivas que receberam algum apoio na terra indígena: as áreas de sistemas agro-florestais (SAFs); criação de tracajá e tartaruga; produção de mel de cana de açúcar (garapa); produção de farinha; artesanato de algodão; beneficiamento para polpa de açaí; criação de animais como porco, galinha, pato e gado.

Entre as atividades novas que são propostas, estão: criação de frango caipira em criatórios; construção de barragem manual para criação de peixes e quelônios; aperfeiçoar o artesanato de sementes e algodão através da aquisição de ferramentas especializadas e a compra de uma canoa para o transporte da produção.

Segundo Joaquim Maná, foi a Secretaria de Povos Indígenas que sugeriu estas atividades, com base em uma avaliação positiva de algumas experiências realizadas nas áreas da etnia Katukina.

Várias aldeias da terra indígena têm problemas de acesso à água potável e, por este motivo, pretendem elaborar um projeto para a construção de poços artesianos em todas as aldeias.

A criação de gado também foi apresentada por alguns moradores da terra indígena como uma alternativa de geração de renda. Atualmente, sete das oito aldeias criam gado, totalizando 66 cabeças na terra indígena.

Diante desta perspectiva, seria muito importante que houvesse uma cuidadosa discussão com os moradores da terra indígena a respeito de planejamento da exploração e gestão dos recursos naturais.

Os Kaxinawá, de forma geral, são exímios artesãos e, no seu dia a dia, confeccionam tecidos de algodão, com os quais fazem redes, capangas (bolsas), etc. Também produzem cestos feitos de palhas e cipós, assim como adornos que usam como colares feitos de penas e sementes variadas. Porém, a comercialização destes produtos é muito difícil, pois o mercado local não absorve e nem valoriza este tipo de produtos. Porém, reconhecendo o potencial da comercialização de tecidos, existe uma pretensa possibilidade da ASKAPA se responsabilizar pela comercialização dos tecidos e outros artesanatos produzidos na terra indígena.



Agentes externos atuando na área

No Complexo Bacia do Rio Juruá, a Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã é, com certeza, a mais assistida por instituições governamentais e não governamentais.

A equipe de saúde da FUNASA (composta apenas por enfermeiros) visita as aldeias duas vezes ao ano, para realizar vacinação e eventuais consultas aos moradores. Se houver alguma emergência em que o paciente precise ser levado à cidade de Tarauacá, cada aldeia possui um Agente Indígena de Saúde (AIS), que acompanha o paciente até a cidade. O fornecimento do barco e do combustível, assim como o pagamento dos AIS, é de responsabilidade da FUNASA, porém, desde 2005, a instituição não vem cumprindo com suas obrigações perante esses pagamentos.

Com exceção da Aldeia Nova Vida (que oficialmente não é considerada aldeia), todas as aldeias da terra indígena possuem um AIS, sendo que o AIS da Aldeia Mucuripe está atendendo os moradores da Aldeia Nova Vida. No total, são sete AIS na terra indígena, em diferentes estágios de formação.

No ano de 2004, a FUNASA construiu um módulo sanitário na Aldeia Carapanã e outro na Aldeia Mucuripe. Esses módulos são divididos em duas partes: área de banho e área de vasos



sanitários; com duas caixas d'água de 1000 L (mil litros), um poço, encanamento e uma bomba para puxar água do poço até as caixas d'água.

O módulo da Aldeia Mucuripe foi planejado para ser construído na Aldeia Água Viva, mas, pelo fato de ter cacimba na Água Viva e não ter no Mucuripe, os moradores da terra indígena fizeram um acordo e acharam melhor que o módulo sanitário fosse construído na aldeia com mais dificuldade na obtenção de água potável.

De modo geral, o uso dos banheiros e chuveiros não faz parte dos costumes da população Kaxinawá e, apesar da presença dos módulos sanitários, os moradores das aldeias preferem se banhar no rio. As instalações são, principalmente, usadas como mecanismo de captação de água potável.

Em relação à educação escolar, todas as oito aldeias da terra indígena possuem escolas, sejam construídas pelo Governo Estadual, Municipal ou pelos próprios moradores das aldeias. As contratações dos professores podem ser através da Prefeitura Municipal de Tarauacá ou da Secretaria Estadual de Educação do Acre.

No total, existem quinze professores na terra indígena, sendo alguns formados pela organização não governamental Comissão Pró-Índio do Acre e outros formados, ou ainda em formação, pela Secretaria Estadual de Educação. Também existem seis professores que estão sendo formados pelo programa federal Alpha – 100.



Até o ano de 2006, só existia o ensino fundamental nas escolas das aldeias, porém, ainda neste ano, o professor Joaquim Paulo de Lima (Aldeia Mucuripe) irá se formar em magistério indígena na UNEMAT e, em breve, poderá lecionar o ensino médio. Atualmente, Joaquim Paulo de Lima é coordenador da Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC), que atua também na formação, organização e assessoria dos professores da Praia do Carapanã. Segundo ele, no ano de 2006, 237 alunos foram matriculados na terra indígena.

Uma outra fonte de apoio e assessoria considerada muito importante para os moradores da terra indígena, principalmente os agentes agro-florestais, é o Projeto de Implantação de Tecnologias de Manejo Agroflorestal em Terras Indígenas do Acre, iniciado pela Comissão Pró-Índio (CPI/AC),

no ano de 1996, visando a formação de Agentes Agroflorestais Indígenas (AAFIs) e Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (AMAAI-AC), fundada em 2002 pelos próprios AAFIs. Em 2006, existiam mais de 100 AAFIs no Estado do Acre e, entre eles, oito homens da Terra Indígena Praia do Carapanã (um em cada aldeia).

Os AAFIs estão lutando pelo reconhecimento de sua categoria profissional por parte do Governo do Estado do Acre. Apesar da fundação da AMAAI-AC ter possibilitado novas oportunidades de negociação com o poder público, ainda não se conseguiu este reconhecimento profissional a nível estadual.

A cada ano, os AAFIs recebem capacitação de 300 horas no Centro de Formação dos Povos da Floresta, em Rio Branco, e também recebem visitas de assessores da CPI/AC em suas aldeias.

Estas atividades fazem parte de um curriculum integrado que tem como objetivo geral possibilitar que os povos indígenas da Amazonia, por meio de processos participativos e educacionais culturalmente fundados, façam a identificação, sistematização, valorização e o uso dos conhecimentos e tecnologias relativos ao ambiente para a gestão e proteção de seus territórios e recursos naturais (Renato Gavazzi, Comissão Pró-Índio do Acre, 2005).

Um elemento central da formação dos AAFIs é a implantação e manejo de diversos modelos de produção agroflorestal adaptados, em termos ecológicos, aos parâmetros do meio ambiente local, os chamados SAFs (Sistemas Agro Florestais), que podem ser consorciados com piscicultura, suinocultura e quelonicultura. Em muitos casos, a presença dos AAFIs também estimula o debate sobre o manejo do território nas aldeias.

Em suas aldeias, os AAFIs enriquecem capoeiras com espécies frutíferas, criando sistemas agroflorestais cuja produção melhora a qualidade de vida de suas família e da comunidade, diminuindo a pressão sobre os recursos naturais.

Em 2004, os AAFIs da Praia do Carapanã, através da AMAAI-AC, com apoio do Ministério do Meio Ambiente e do IBAMA, iniciaram um projeto de criação e manejo de quelônios com os objetivos de alternativa alimentar nas aldeias e futuro repovoamento dos rios e lagos. Os insumos para este projeto foram executados em 2004, mas a criação e distribuição de filhotes nas aldeias continuam.

Quando a ASKAPA foi fundada, recebeu R\$ 10.000,00 do Governo Estadual para compra de material para o processamento da cana de açúcar, incluindo uma verba para a compra de uma moenda de cana para cada aldeia.

Em 2006, a ASKAPA iniciou um projeto, com apoio da Secretaria de Agro-Extrativismo do Ministério de Meio Ambiente, no



valor de R\$ 63.000,00, que tem por objetivo melhorar a qualidade da merenda escolar das comunidades indígenas, substituindo os alimentos industriais por produtos regionais.

Seis aldeias irão participar deste projeto, a saber: Morada Nova, Água Viva, Cocameira, Goiânia, Carapanã e Mucuripe. As aldeias Segredo Artesão e Nova Vida não serão beneficiadas, pelo fato de serem comunidades novas, que não são reconhecidas oficialmente como aldeias.

Em junho de 2006, foram entregues seis geradores e seis máquinas despolpadeiras (para processar açaí e outras frutas) para a Terra Indígena Praia do Carapanã. Cada aldeia “oficial” recebeu um gerador e uma despolpadeira, que ainda não foram instalados por falta de assistência técnica especializada.

Este projeto também inclui dois barcos (que ainda não foram comprados), para o transporte da merenda. Também havia sido solicitada verba para a compra de sementes de frutas, mas o MMA não aprovou este item e, portanto, a Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC) irá fornecer as sementes necessárias.

A APAMINKTAJ – Associação das Produtoras de Artesanato Mulheres Indígenas Kaxinawá de Tarauacá e Jordão – é uma organização dirigida por mulheres Kaxinawá, que interage, principalmente, com as mulheres artesãs das terras indígenas Kaxinawá, capacitando-as para a produção e comercialização de artesanato, através de cursos e distribuição de material como teares. Muitos moradores da Praia do Carapanã criticam a APAMINKTAJ por não consultar as bases no desenho e elaboração dos projetos e outras decisões. Segundo Pessoa, M. (2006), uma das principais demandas em relação à APAMINKTAJ, citada em grande parte das aldeias, é o apoio da associação na obtenção de mais materiais e equipamentos que auxiliem na confecção de artesanato. Também foi demandado um maior apoio na obtenção de meios de comunicação e transporte.

Joaquim Maná, presidente da ASKAPA, também é o representante legal da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã em um Termo do Acordo entre o Estado do Acre e a Terra Indígena. Termo este, registrado no município de Tarauacá em 15/05/2002, que trata da ampliação da Terra Indígena através da aquisição, por parte do Estado, de um terreno de 130.274 hectares localizado entre as Terras Indígenas Kaxinawá da Praia do Carapanã, Kampa do Igarapé Primavera e Rio Gregório, do qual a Terra Indígena Praia do Carapanã irá se beneficiar com 18.143 hectares.

Segundo o Termo de Acordo, esta ampliação “visa garantir a integração social, econômica e ambiental do Povo Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã e das comunidades ribeirinhas ocupantes da área em referência”.

Principais impactos, ameaças externas e vigilância (poluição, invasão)

Segundo os moradores da terra indígena, há muitas invasões de caçadores não-índios dentro dos limites da terra indígena. Na maioria das vezes, estes caçadores realizam caçadas com cachorro dentro do território indígena, o que acaba afugentando as caças para ainda mais longe das aldeias.

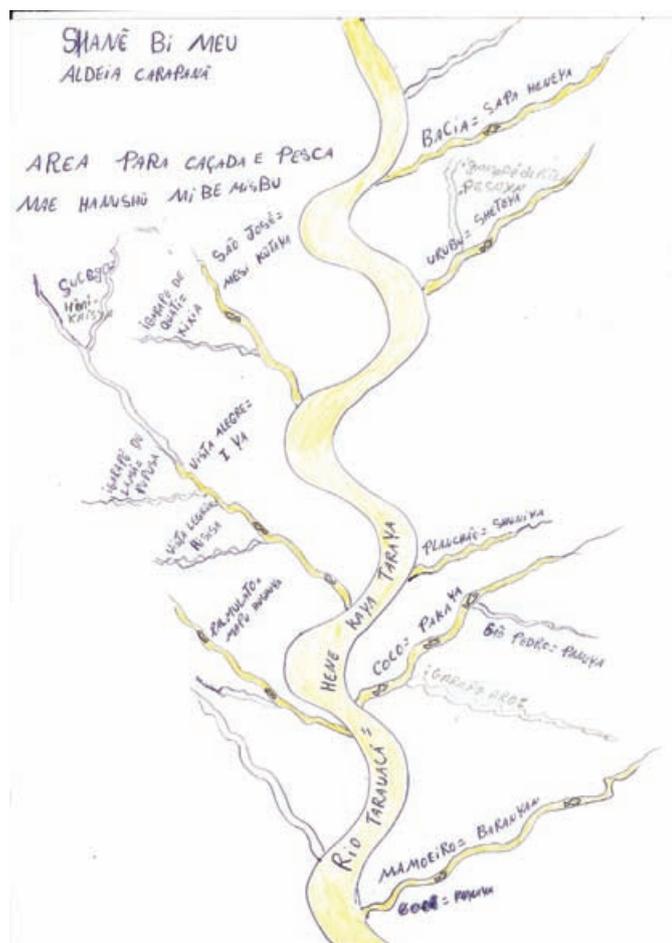
Os principais pontos de invasão observados são nos igarapés São Joaquim, Chico Luiz e Apuanã.

Também afirmam que têm dificuldade para encontrar árvores de cedro e de aguano na área e, quando as encontram, é muito longe da aldeia. Este fato se deve aos antigos moradores da área, que, antes da demarcação, serraram a maioria das árvores destas espécies para comercializar.

Além disso, a pecuária pode vir a se tornar um problema no futuro, pela conseqüente conversão de áreas de floresta em pasto, sendo grande parte desta área constituída por vegetação de mata ciliar, às margens do Rio Tarauacá.

Embora haja, atualmente, um número quase insignificante de indivíduos, se comparado ao tamanho da área, a criação de gado pode vir a aumentar progressivamente, pois o gado é bastante valorizado na região.

Nos últimos anos, muitas aldeias adquiriram motosserra e, com este instrumento, a derrubada das árvores se tornou muito mais rápida e ágil.





Organização e dinâmicas políticas

Segundo um grupo de moradores, antes da demarcação da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, em 2000, os moradores desta terra indígena não tinham projetos e nem uma associação ou organização que os representasse.

A Associação Kaxinawá de Produtores Agrícolas da Praia do Carapanã (ASKAPA) foi criada em 2003 e, desde então, tem como presidente Joaquim Paulo de Lima Kaxinawá (professor da Aldeia Mucuripe), conhecido como Joaquim Maná. Até o ano passado, a associação reunia sócios de todas as oito aldeias da terra indígena, porém, em 2005, um grupo de moradores da Aldeia Água Viva, liderados pelo cacique Jorge Leme Ferreira, se retirou da associação com o intuito de formarem uma cooperativa própria, independente da ASKAPA. Contudo, a ASKAPA tem um papel importante na elaboração, captação e implementação de projetos na terra indígena.

A participação de mulheres no desenvolvimento de projetos é bastante complexa. Os parâmetros de aceitação da participação de mulheres nas atividades fora da família e da aldeia são muito mais limitantes que para os homens. É aceitável que um marido se ausente por várias semanas da sua casa, mas isso não é o caso para as mulheres. Esta diferença se justifica, entre outros motivos, pelo papel da mulher no funcionamento da casa familiar e nos cuidados dos filhos, e, por outro lado, pelo controle da sua sexualidade por parte do marido.

Um argumento, do ponto de vista masculino, foi formulado desta forma:

Os homens aqui tem muitos ciúmes, É por isso que a todo as capacitações, de AAFIs, de Agente de Saúde, vão tudo homens, porque quando a mulher volta, o marido já não quer mais saber dela. Porque pode ter estado namorando com outro. Então ela já não serve (José Carlos, Aldeia Mucuripe).

A Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã também faz parte da Organização dos Povos Indígenas de Tarauacá (OPITAR).



Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera

Os Kampa, em sua própria língua, autodenominam-se Ashaninka, que se pode traduzir por “seres humanos”, ou simplesmente “gente”, “povo”. Portanto, Ashaninka é a autodenominação de um povo de língua Arawak, que os regionais costumam chamar de “Kampa”, termo que figura também nos documentos coloniais. Há quatro séculos em contato com os colonizadores, os Ashaninka, na sua expansão territorial desde o sopé andino em direção ao oriente, ultrapassaram o Rio Ucayali, no Peru, para ocupar o alto curso do Rio Juruá; nesse processo, mantiveram sua identidade política e cultural de uma forma característica e fortemente marcada, constituindo nos dias atuais um dos maiores grupos indígenas da floresta tropical sul-americana. Com uma população de cerca de 30 mil indivíduos, os Ashaninka ocupam uma área extensa, de aproximadamente 100 mil quilômetros quadrados, localizada entre os paralelos 10 e 14 latitude Sul, e a Oeste, entre os meridianos 71 e 76.

Em território brasileiro, os Ashaninka constituem uma presença singular dos Arawak pré-andinos numa área em que predominam grupos de filiação lingüística Pano. Distribuem-se em pequenas aldeias, ao longo dos rios Breu, Amônia e Arara, afluentes do Juruá, e do Rio Envira e Igarapé Primavera, tributários do Tarauacá.

A presença dos Ashaninka em território acreano data do início do século XX, quando foram trazidos por caucheiros peruanos da região do Alto Ucayali e do Gran Pajonal (região aos pés dos Andes) para as cabeceiras do Juruá e alguns de seus afluentes.

Na região do Alto Juruá, estima-se que existam cerca de 700 índios Ashaninka, para quem a FUNAI reconheceu, até o presente, quatro terras indígenas no Acre, a saber: Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, Terra Indígena Kaxinawá-Ashaninka do Rio Breu, Terra Indígena Kampa e Isolados do Envira e Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera.

Definição e localização geográfica da Terra Indígena

A Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera localiza-se no município de Tarauacá, às margens do Rio Tarauacá e é habitada por índios Ashaninka, que se autodemominam Ashaninka. Segundo o seu decreto de homologação, datado de 23/04/2001, esta terra indígena possui uma área de 21.987,23 hectares e perímetro de 79.926,82 metros.





Aspectos sociais do grupo Ashaninka

Língua

Os estudiosos que se dedicaram à classificação linguística dos Ashaninka, quase sempre os consideram como um grupo vinculado ao tronco Aruaque (Aruak ou Arawak).

Os Ashaninka falam diversos dialetos de uma língua que é partilhada por uma das maiores populações indígenas da América do Sul, que vive dispersa desde os pés das Cordilheiras dos Andes e das cabeceiras de inúmeros afluentes do alto Rio Ucayali, no Peru, até nos afluentes do Alto Juruá, no Acre, e no Rio Madre de Dios, na Amazônia boliviana. Dificilmente se encontra um índio Ashaninka que não saiba falar a sua própria língua. Alguns homens falam português e espanhol, embora não fluentemente, mas as mulheres e crianças são quase sempre monolíngues. Esse fato também explica a resistência deste povo face ao processo de desintegração cultural provocado pela sociedade ocidental, que vem avançando progressivamente sobre seus territórios e florestas há quase quatro séculos.



Etnologia e organização social atual

As sociedades interfluviais, como a dos Ashaninka, vivem geralmente dispersas pelo território, e a unidade de organização social por excelência é a família extensa. Para poder defender-se melhor, é comum que o eixo deste tipo de unidades residenciais pequenas seja um grupo de irmãos homens. Neste tipo de sociedade, as formas de diferenciação social são limitadas, concentrando-se no patriarcado, no parentesco e na diferenciação de idade e desigualdade de gênero.

Nestas sociedades, a difusão, a manutenção e a inovação da cultura, realiza-se, em grande parte, através das visitas. Os visitantes e os anfitriões alternam-se e formam uma rede flexível através da qual trocam-se alguns produtos privilegiados, como sal, cal, tecidos, adornos, veneno para caçar, armas e ferramentas para a caça. A dinâmica serve ainda para que homens jovens estabeleçam relações com sogros potenciais que estejam à procura de genros novos para cumprir alguns anos de trabalho requeridos a um homem jovem solteiro, como forma de pagamento por uma esposa. Uma vez estabelecido o casamento através do nascimento de dois filhos, a nova família vai morar com a família do marido.

Por outro lado, as sociedades interfluviais, sem considerar as visitas amistosas, também tendem a estar envolvidas em inimizades entre famílias do mesmo grupo étnico no mesmo território que, periodicamente, levam a ataques dirigidos a outras famílias com o objetivo principal de matar algum membro homem selecionado. Paralelamente, o resultado é o deslocamento involuntário das mulheres para as casas dos atacantes, caso estes sejam vitoriosos, e a incorporação delas



na unidade familiar como esposas. As famílias dos grupos interfluviais são muito vulneráveis a ataques em suas casas ou na mata, sendo o assassinato ou o roubo de um familiar acontecimento comum na história de vida destas pessoas.

Algumas características dos grupos interfluviais, como o dos Ashaninka, de não possuir uma liderança central, o baixo grau de especialização social e técnica, e a dispersão de unidades domésticas pelo território, foram favoráveis para a busca de estratégias frente às ameaças constantes a sua sobrevivência coletiva e individual.

Os Ashaninka organizam-se em pequenos grupos locais, espacialmente espalhados pelas cabeceiras dos rios, constituídos por uma a cinco famílias conjugais. Poucas comunidades são suficientemente grandes para serem chamadas de aldeias. Estes pequenos grupos locais, hoje em dia, são as maiores unidades políticas Ashaninka (Weiss, 1969).

Para os Ashaninka da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera, a unidade de parentesco linguisticamente identificada “*nosheninka*”, literalmente “minha família”, é também a unidade econômica efetiva, que, em geral, é constituída por um homem, sua esposa, seus filhos solteiros e filhas (solteiras e/ou casadas), além dos genros. O grupo local pode ocupar a mesma casa ou um conjunto de casas ligadas entre si por laços de parentesco, situadas numa mesma colocação ou aldeia. Vários grupos locais podem formar um território político, porém, cada um desses grupos familiares possui os seus roçados e é independente do ponto de vista econômico.

Devido ao tamanho muito reduzido de seus grupos locais, observa-se uma larga incidência de casamentos exogâmicos, combinada a uma tendência a endogamia de território. A residência, logo após o casamento, é uxorilocal, ocasião em que é cumprido o “bride service”, período em que os genros prestam serviços aos sogros, principalmente no campo econômico. Terminado esse período, a residência será o resultado de uma negociação política entre a parentela do marido e a da esposa (Weiss, 1969). Entre os Ashaninka do Igarapé Primavera, a tendência tem sido a atração do genro para o grupo local da esposa.

No passado, os Ashaninka utilizavam o termo “pinkatsari” (“aquele que é temido”) para designar seus chefes. O papel dos chefes estava estritamente vinculado às atividades guerreiras. Dentre as qualidades mais apreciadas de um chefe Ashaninka estavam, em primeiro lugar, a sua coragem e sagacidade como guerreiro; em seguida, a sua capacidade de tecer redes de troca com o exterior, por meio de seus parceiros comerciais, ou ayumpari; por fim, o prestígio de um chefe dependia de seu notável poder de cura como xamã. Todos estes atributos atraíam muitos seguidores, ampliando os limites do grupo local e o território político (Iglesias, M., 1995).

Na região do Alto Juruá, os patrões seringalistas usavam a palavra “kuraka” para designar “aquele que recruta homens sob sua chefia”. Nesse sentido, os chefes atualizavam seus papéis como intermediários entre os grupos locais Ashaninka e os patrões de seringais. Hoje em dia, a autoridade que o chefe Ashaninka exerce sobre os grupos familiares não é marcada por atributos de cargo. Sua autoridade depende do seu prestígio, de sua habilidade política e da capacidade de manter a estabilidade e a extensão do grupo. Atualmente, “a existência de um chefe ou kuraka dentro do grupo local não é obrigatória” (Mendes, 1991).



Relacionamentos interétnicos ou intercomunitários

Embora todos os Kampa sejam considerados Ashaninka, isso não significa dizer que exista, necessariamente, uma solidariedade tribal entre eles. Há, ao contrário, constantes rivalidades intertribais, cujos conflitos têm diminuído consideravelmente ao longo do tempo, dada à grande dispersão espacial de suas comunidades e ao processo de apropriação de seus territórios tradicionais por integrantes das frentes de expansão, tanto brasileiras como peruanas. O termo “tribo”, utilizado para classificar o povo Ashaninka, é apenas uma referência etnolinguística. De fato, não existe uma organização tribal comum para as suas distintas unidades territoriais. (Iglesias, M., 1995):

Na região do Alto Juruá, no estado do Acre, costumam utilizar a denominação “Kamparia” para designar os Ashaninka, de forma geral. Mas estes não aceitam a designação de “caboclos”, como são chamados pela população regional todos os povos indígenas, indistintamente. Para os Ashaninka, “caboclo” é termo pejorativo, que tende a negar sua identidade étnica, enquanto um povo culturalmente diferenciado. Sobretudo agora, quando estão lutando pelos seus direitos à terra, estão começando a resgatar sua própria autodenominação Ashaninka.





População, assentamento e ocupação demográfica

Segundo os dados coletados durante o levantamento etnoecológico em 2006, existem 33 habitantes na Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera, distribuídos em 07 famílias e 04 colocações, sendo duas colocações às margens do Rio Tarauacá (Aldeia Primavera e colocação Centrinho) e duas no centro da mata (colocação Paranãzinho e colocação Torre da Lua).

Distribuição dos habitantes da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera

	Localidade	Habitantes	Casas	Famílias	Homens	Mulheres	Meninos < 15 anos	Meninas < 15 anos	Aposentados
01	Aldeia Primavera	12	03	03	04	03	02	03	01
02	Colocação Centrinho	07	01	01	01	03	01	02	0
03	Colocação Paranãzinho	07	01	01	01	01	03	02	01
04	Colocação Torre da Lua	07	02	02	02	02	01	02	0
	Total	33	07	07	08	09	07	09	02



Uso do espaço: ambientes, recursos e conhecimento tradicional

Unidades de paisagem e vegetação

- **Terra baixa/Baixo:** As terras baixas correspondem à “várzea”, ou seja, às planícies de inundação que são representadas por uma faixa de largura variável ao longo dos rios e igarapés.

- **Terra alta:** A terra alta consiste nas áreas que não são comumente inundadas pelas enchentes dos rios. É considerado o local mais adequado para a construção de casas e implantação dos roçados.

- **Praia:** As praias são pequenas extensões de areia fina, distribuídas ao longo das margens dos rios, que, na época das chuvas, são fertilizadas pelos nutrientes provenientes das enchentes do rio.

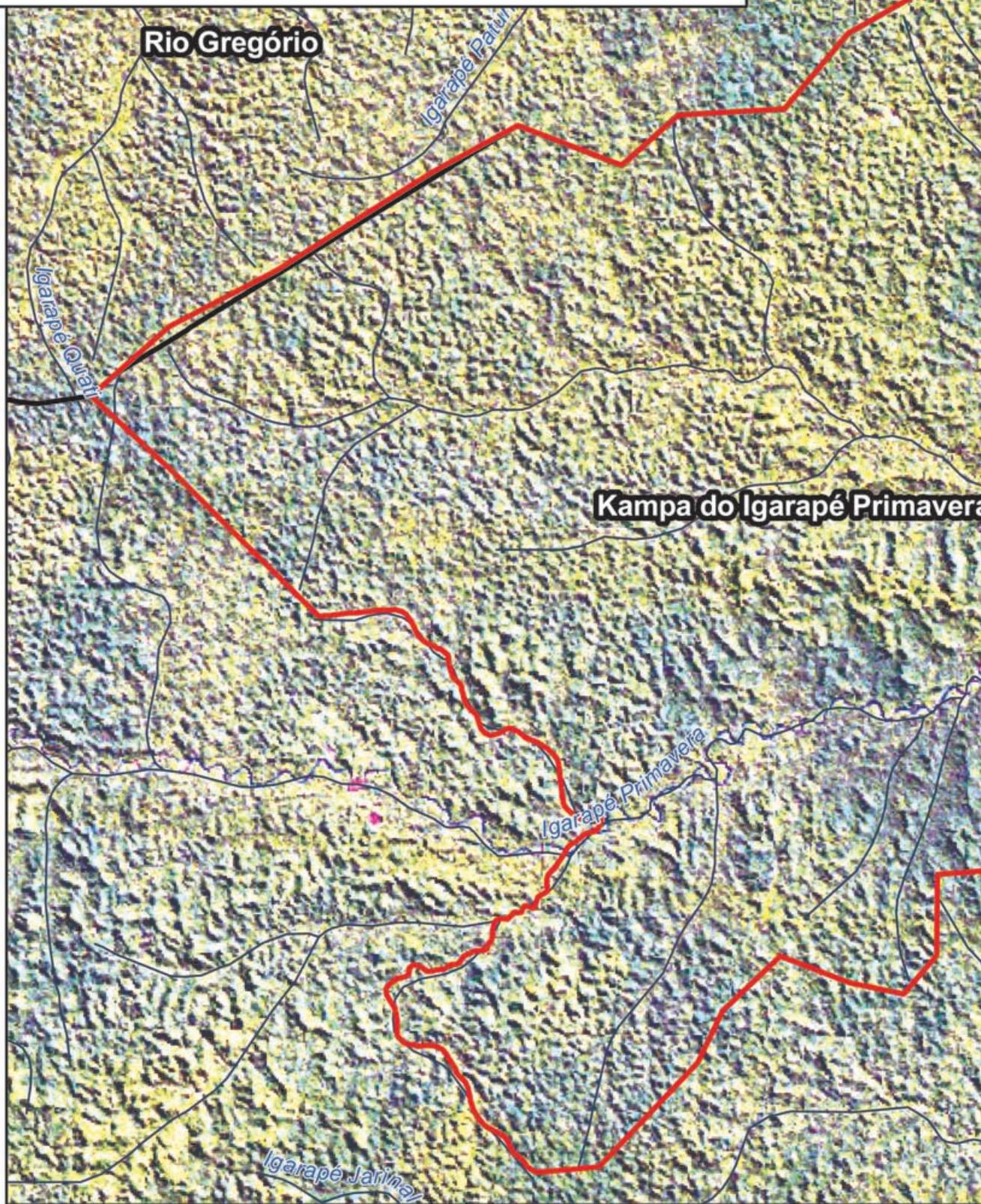
Vegetação

Segundo os moradores da terra indígena, existe muita “madeira” na área, mas essa madeira não se encontra perto dos locais de moradia, pois os antigos moradores da área serraram as espécies de maior valor econômico para comercializar. Tanto na terra alta, como na terra baixa, pode-se encontrar as seguintes vegetações:





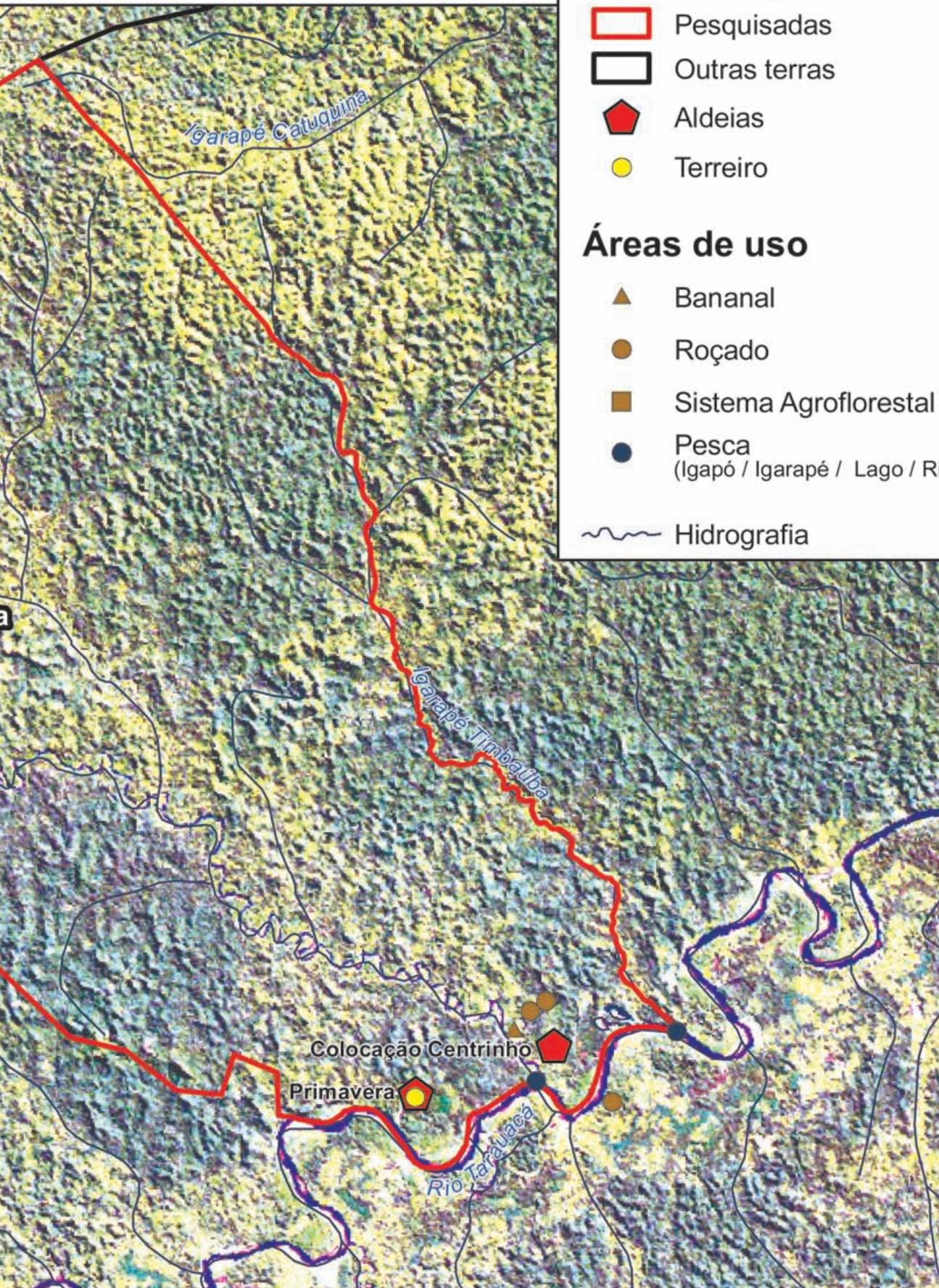
Uso e ocupação da TI Kampa do Ig. Primavera



0 5 km

Elaboração: Funai / PPTAL

Fontes: Bases ca



Terras Indígenas

- Pesquisadas
- Outras terras
- ▬ Aldeias
- Terreiro

Áreas de uso

- ▲ Bananal
- Roçado
- Sistema Agroflorestal
- Pesca
(Igapó / Igarapé / Lago / Rio)

~ Hidrografia





- **Mata bruta:** Mata que não foi mexida pelo homem, o mesmo que “mata virgem”.

- **Capoeira:** Vegetação de origem antropogênica, onde provavelmente já existiu um antigo roçado ou pasto de criação de gado, que foram abandonados e, portanto, a vegetação natural voltou a se desenvolver.

Transporte

O transporte para a Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera se dá por via fluvial através do Rio Tarauacá.

Numa canoa com capacidade para 02 toneladas, com motor de rabeta de 9,5 HP - YANMAR, a viagem do município de Tarauacá até a Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera é realizada, em média, em quatro dias, viajando-se o dia todo (de manhã bem cedo até o fim da tarde), entretanto, a viagem pode demorar mais na época do “verão”, dependendo da quantidade de água no rio.

Porém, na Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera, apenas os moradores da Aldeia Primavera possuem um barco com motor, fato este que, somado ao alto preço do combustível na região, torna muito difícil o transporte dos moradores desta terra indígena a longas distâncias.

Pode-se considerar que o transporte nesta terra indígena se dá, basicamente, através de canoas sem motor.

Técnicas e divisão social do trabalho

A confecção de canoas é um trabalho predominantemente masculino, pelo fato de exigir muita força física. Para a fabricação das canoas, regionalmente chamadas de ubá, os Ashaninka do Igarapé Primavera utilizam machado e enxó, adquiridos no município de Tarauacá.

O transporte nas ubás pode se dar através de remo ou com o “varejão”. O “varejão” é uma forma típica de locomover a canoa nos rios acreanos, que consiste em empurrar a canoa com um “varejão”, que nada mais é do que uma vara comprida, geralmente feita de tacana (cana-brava), utilizada para fazer uma alavanca na areia do fundo do rio, empurrando a canoa sobre a água. Essa técnica só é possível pelo fato dos rios acreanos serem relativamente rasos.

Recursos utilizados

São diversas as madeiras indicadas para a fabricação das canoas Ashaninka. Porém, segundo João Paulo (Aldeia Primavera), as árvores de cedro e de aguano são escassas na terra indígena e se encontram muito longe da aldeia, pois os antigos moradores da área serraram a maioria das árvores destas espécies para comercializar.



Recursos Hídricos

Os recursos hídricos da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera são classificados por seus moradores nas seguintes categorias: rios, lagos, igarapés, igapós e cacimbas (olhos d'água). Quando se referem à pesca, os moradores indicam espécies de peixes predominantes em cada um destes habitats.

- Rio – Antawani

Os grandes rios, como o Rio Tarauacá, o Envira e o Juruá, são chamados na língua Ashaninka de Antawani. A água desses rios não é muito boa de beber, por ser amarela e barrenta.



- Igarapés – Rinha áteni

Os igarapés são pequenos cursos d'água que geralmente possuem água mais clara e com menos sedimentos que a água dos rios. A água dos igarapés é uma água transparente, clara, boa de beber.

- Cacimba – Uiápiani

As cacimbas, também chamadas de olhos d'água, consistem nas cabeceiras (nascentes) dos igarapés, que nunca secam e de onde, de preferência, se tira a água de beber.

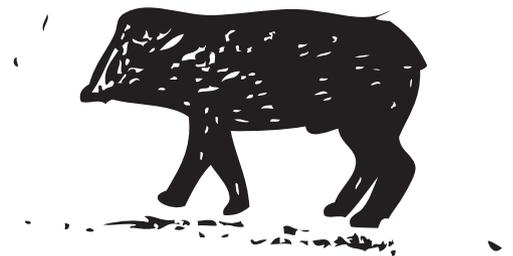
Na Aldeia Primavera, existe uma cacimba que fica a cerca de cinco minutos de caminhada das casas, onde os moradores retiram água para beber, porém, também bebem água do Igarapé Primavera.

Na colocação Centrinho, há uma cacimba onde os moradores retiram a água de beber, mas seus moradores também costumam beber água do Igarapé Primavera.

Nas colocações Paranãzinho e Torre da Lua, os moradores bebem água do Igarapé Primavera.

Caça

A carne de caça, chamada de *poshiniri*, é a principal fonte de proteína da dieta dos Ashaninka do Igarapé Primavera.



Divisão social do trabalho

Entre os Ashaninka, a caça é uma atividade exclusivamente masculina, que requer força e disposição do caçador e que, apesar de depender bastante tempo dos homens, é uma atividade muito apreciada por eles. O ato de caçar é praticado ao longo de todo o ano, tanto no inverno quanto no verão, mas não se caça todo dia, e sim de duas a três vezes por semana.

Apesar de que os homens sejam os caçadores, cabe às mulheres a partilha da carne de caça entre as famílias do mesmo grupo local, pois sempre que uma caça grande é abatida, todas as casas da aldeia recebem um pedaço de carne.

Técnicas e instrumentos utilizados

O fato de uma área ser farta de caça é um importante requisito para a escolha do local de moradia dos Ashaninka. A principal unidade de medida para se determinar a abundância de caça em uma área é a distância que se tem que caminhar na mata até encontrar caça.

Na Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera, algumas famílias dispõem de espingarda e as famílias que não possuem esse artefato caçam com arco e flecha.

As flechas são feitas de taboca e suas hastes podem ser feitas de cana brava – sawopi ou de chicosa – *topiroshi*. Os arcos são feitos da haste da pupunha brava (*Bactris acanthocarpa*) – *kiri*.

Os Ashaninka desta terra indígena utilizam diversas maneiras de caçar, as mesmas descritas para os grupos Madija e Kaxinawá: caçada a curso, caçada de espera, caçada de tocaia e caçadas com cachorro.



Locais de caçada

A gente tem caçado mais é pro centro, porque aqui na margem tem pouca caça. A caça aqui na margem é pouca porque o antigo morador caçava muito com cachorro e espantou tudo a caça pra longe. Aqui na margem, só encontra mais é embiara (João Paulo Ashaninka, Aldeia Primavera).

Lá para o centro é muito bom de caça e nem precisa ir muito longe para matar caça aqui nesse Primavera. Aqui tem muito porco, tem queixada, tem veado, tem anta. Também tem todo tipo de embiara, tem paca, cutia, quatipurú, nambu, jacú, jacamim e todo tipo de macaco (Wagner Ashaninka, Aldeia Primavera).

- **Aldeia Primavera:** Turiano afirma que já está muito velho para caçar e, por isso, há alguns anos, não caça mais. Apenas seus filhos João Paulo e Nonato, assim como seu genro, Wagner, caçam nesta aldeia. Os locais mais utilizados pelos caçadores da Aldeia Primavera são: Igarapé do Boi, Igarapé Rio Branco, Igarapé Regresso – chamado pelos moradores da aldeia de Breguesso – Igarapé Salão e Igarapé Ubá. Quando moravam mais próximos ao “centro”, caçavam nos igarapés Galego, Paranãzinho e Água fria.

- **Colocação Centrinho:** Por ser o único homem adulto desta colocação, apenas Maciel caça para a sua família e, como referência de caçada, utiliza o Igarapé Timbaúba.



- **Colocação Torre da Lua:** Caçam nos igarapés Galego, Paranãzinho e Água fria.

- **Colocação Paranãzinho:** Caçam nos igarapés Galego, Paranãzinho e Água fria.

Restrições alimentares

Em diferentes épocas ou fases da vida das pessoas, ou para pessoas que se encontram enfermas, os Ashaninka possuem restrições alimentares referentes a alguns animais, como as onças vermelha e pintada, gato maracajá, tatú canastra, tamanduá, urubú, preguiça, gambá, gavião, coruja, pavão, tejuacu, lagarto, rato e cigana.

Recursos utilizados

Nos meses de inverno, de outubro a março, as caças engordam pela disponibilidade de frutas maduras na floresta e essa é a melhor época do ano para se caçar, quando se torna mais fácil rastrear as pegadas dos animais silvestres na terra molhada.

Os moradores consideram a área da terra indígena boa de caça. Apesar de os antigos moradores da área terem espantado a caça pela prática das caçadas com cachorro, os Ashaninka acham que, nos últimos anos, a caça tem se aproximado cada vez mais das aldeias.

Nas matas às margens do Rio Tarauacá, existe farta disponibilidade de embiaras (caças pequenas), como pacas, cutias, cutiaras, tatu, quatiurús, macacos e aves, como a nambu, juriti, arara e jacu.

As caças grandes são encontradas, principalmente, no “centro” da terra indígena, ao longo de importantes afluentes do Rio Tarauacá e ao longo das terras dos divisores de águas que compõem os limites naturais da terra indígena. Dentre as principais caças grandes, estão a anta, queixada, porquinho caititu e veado.

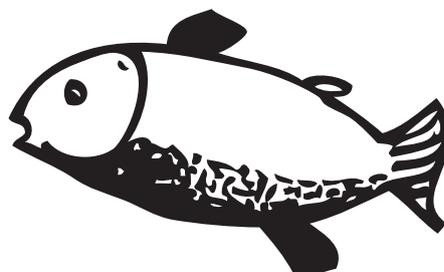
No período em que estávamos realizando o levantamento etnoecológico nesta terra indígena, uma onça estava rondando a Aldeia Primavera e havia matado cinco porcos de criação nos últimos dias.

Pelo fato da terra ser bastante farta de caça, frequentemente há invasões por parte dos caçadores moradores do entorno da terra indígena.

O pessoal do [seringal] Redenção entra aqui para caçar. No [igarapé] Timbaúba ta cheio de rastro de cachorro. É tudo cachorro dos moradores do [seringal] Redenção e do São Luiz. Também tem invasão no [igarapé] Jacamim e na cabeceira do Breguesso. Nós falamos com esse pessoal, mas não adianta, eles entram mesmo (João Paulo Ashaninka, Aldeia Primavera).

Pesca

Durante o verão, a pesca é a principal fonte de proteína animal para os Ashaninka do Igarapé Primavera. Neste período, os Ashaninka costumam acampar nas praias, pescando e comendo peixes cozidos, moqueados em folhas de sororoca, assados no cano da taboca ou assados na brasa. Os peixes são denominados, de forma geral, de *shima*, apesar de cada espécie ter seu nome específico.



Técnicas e divisão social do trabalho

A pesca é uma atividade praticada tanto por homens como por mulheres. As crianças, desde cedo, acompanham os pais durante as pescarias, que podem ser individuais ou coletivas. Geralmente, o produto da pesca individual é de apropriação familiar e o da pesca coletiva é dividido entre as famílias dos pescadores.

Os Ashaninka do Igarapé Primavera pescam com arco e flecha, anzol, tarrafa e plantas ictiotóxicas (oaca e tingui) nos lagos, no rio e nos igarapés.

- Anzol - *katxawõntsi*

A pesca com anzol é mais utilizada pelas mulheres e crianças para pescarem no rio e nos igarapés. Os anzóis são confeccionados com arame ou comprados na cidade e, geralmente, a isca usada no anzol é o tapuru do cocão.

- Cesto - *Kātsiri*

A pesca com cesto é mais utilizada pelas mulheres e crianças para pescarem em igarapés e igapós. Os cestos são feitos de cipó ou palha trançados e amarrados na ponta de uma vara, por onde o pescador segura para colocar o cesto na água e capturar os peixes em seu interior.

- Flecha - *Moshimatatxeia*

A flecha, geralmente, é utilizada nas pescarias de peixes grandes no rio e é um instrumento de pesca utilizado apenas pelos homens.

- Tarrafa - *shiriamentostsi*

A tarrafa é uma rede circular com chumbo nas bordas e um fio comprido no meio, por onde o pescador segura para lançá-la sobre o cardume de peixes, que ficam presos dentro da rede. Pode ser usada em lagos, rios e igarapés.

As tarrafas podem apresentar diversos tamanhos. As grandes, geralmente, são utilizadas por homens, mas as pequenas podem ser usadas por mulheres e até crianças.

Os Ashaninka, em geral, compram a tarrafa na cidade e apenas os moradores da Aldeia Primavera possuem este artefato.

- Plantas tóxicas

Um outro método de pesca utilizado pelos Ashaninka é a pescaria com plantas tóxicas, como a oaca – *waakashi*, o tingui – *koieneri* e o leite de assacu – *wakikawana*. Estas pescarias, geralmente, são feitas em grupo, com a participação de toda a família.

Segundo Nonato (Aldeia Primavera), a oaca e o tingui são plantados em quase todos os roçados da terra indígena.

Recursos utilizados

Os principais ambientes para a pescaria são: rios, lagos, igarapés e igapós.

No verão, o Rio Tarauacá e seus inúmeros igarapés afluentes permanecem secos e rasos, propiciando diversos tipos de pescaria, sobretudo as pescarias coletivas de “oaca”, as pescarias de arco e flecha e as pescarias com anzol.

No verão, o bom é ficar na praia, mariscando, comendo peixe, comendo tracajá, ovo de tracajá. Nós tamo aqui faz é tempo, pastorando os tracajás, daqui a um pouco eles começam a subir na praia para botar e aí vai ter muito ovo para nós comer. Também é bom de mariscar, pegar muito peixe, é bom de comer peixe. As mulher e os meninos prefere mais comer peixe do que a carne de caça. No verão tem é muito peixe. É bom (Maciel Ashaninka, colocação Centrinho).

Os igarapés Primavera e Paranãzinho são os mais usados para pesca pelos moradores da terra indígena e sua utilização se dá conforme a proximidade das aldeias/colocações.

Os moradores da Aldeia Primavera costumam pescar no Rio Tarauacá, com tarrafa e anzol. Também pescam no Igarapé Primavera e nos igarapés do Boi, Rio Branco, Regresso (Breguesso), Salão e Ubá, com oaca, tingui, arco e flecha, anzol e tarrafa.

Os moradores da colocação Centrinho costumam pescar no Rio Tarauacá e, também, nos igarapés Primavera e Timbaúba, com oaca, tingui, arco e flecha ou anzol.

Já os moradores do “centro”, que vivem nas colocações Paranãzinho e Torre da Lua, pescam nos igarapés Paranãzinho, Água fria e Galego e utilizam apenas arco e flecha, anzol ou as plantas ictiotóxicas.

Dentro dos limites da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera, existem dois lagos naturais, porém, segundo Turiano, estes lagos já estão cerrados (cheios de capim/mato) e, por isso, não são considerados “bons de peixe”, pois os peixes se escondem no meio do capim, dificultando a pesca.





Agricultura e horticultura/manejo da terra

A agricultura, a caça e a pesca são as principais fontes de obtenção de alimento e subsistência entre os Ashaninka do Igarapé Primavera. O roçado de terra firme Ashaninka é chamado de *Uãntsi*.

Técnicas e divisão social do trabalho

Os roçados da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera medem em torno de 01 hectare e cada núcleo familiar possui o seu roçado. A abertura dos roçados é feita na época do verão, quando não há chuva. Este trabalho é feito individualmente, ou seja, cada homem abre o seu roçado e planta os “legumes” sozinho. O trabalho de implantação do roçado é quase que inteiramente masculino, sendo que as mulheres ajudam apenas no plantio de algumas plantas como o algodão, a batata-doce e a pimenta.

Depois que o roçado está pronto, a tarefa da colheita cabe às mulheres. Porém, seus maridos, eventualmente, podem ajuda-las a arrancar a macaxeira, que elas carregam para casa. As mulheres Ashaninka fazem a caminhada da casa para o roçado quase todos os dias, a fim de trazer a macaxeira (também denominada de roça). A limpeza do mato que cresce nos roçados também faz parte de sua rotina.

Todo ano são abertos roçados novos e, numa dada situação no tempo, cada grupo familiar maneja simultaneamente três roçados de terra firme: um com roça nova, outro com roça madura



e o terceiro denominado de arrancador. No roçado arrancador, conforme a mulher vai tirando a macaxeira, em cada cova que foi “arrancada” ela coloca um novo pedaço de maniva, a fim de se ter uma reserva de macaxeira antes do roçado novo começar a produzir.

Os Ashaninka do Igarapé Primavera também plantam feijão poroto em roçados denominados de “porotais”, que são cultivados separadamente dos roçados de macaxeira. O feijão poroto pode ser plantado tanto na terra firme, como no bojo do rio e nas encostas das praias dos igarapés Primavera e Paranãzinho.

Segundo Turiano, o feijão poroto é plantado em dois momentos do ano: i) no mês de março, é plantado na terra firme, e ii) no mês de junho, é plantado no bojo do rio. Portanto, anualmente, no Igarapé Primavera, são produzidas duas safras de feijão poroto, que, em geral, é comercializado na cidade de Tarauacá ou com os marreteiros que sobem o Rio Tarauacá.

Para o plantio do feijão poroto na terra firme, os Ashaninka brocam uma pequena área de, aproximadamente, 0,5 hectare, onde semeiam o feijão e só depois derrubam as árvores por cima das sementes semeadas. Desta forma, o feijão cresce trepando nos paus das árvores derrubadas e três meses depois, em junho, está pronto para ser colhido.

Já no bojo do rio, o feijão poroto é plantado nas áreas ocupadas naturalmente pelos “tacanais”, que devem ser removidos para o plantio do feijão, que três meses depois de semeado, ou seja, no mês de setembro, já pode ser colhido. Pelo fato de que a colheita do feijão poroto exige muita mão de obra, combinado à pequena quantidade de moradores na terra indígena, este feijão não é plantado em grandes quantidades.



Segundo Turiano, somente após a primeira colheita de feijão poroto que ele e seus parentes colocam seus roçados de terra firme, aproveitando e, muitas vezes, ampliando as áreas de “mata bruta” derrubadas para o cultivo do feijão.

Para Turiano, o tempo ideal do plantio dos roçados de terra firme é em agosto, porque nesse mês, tido como auge do verão, tudo que for plantado nasce bem em seus roçados.

No verão, de abril a setembro, são cultivados os roçados de praia, nas praias do Rio Tarauacá e dos igarapés Primavera e Paranãzinho, onde os Ashaninka plantam feijão de praia, jerimum (abóbora), melancia e milho.

Recursos utilizados

Os roçados de terra firme – *Uãntsi* podem ser plantados tanto na mata bruta ou virgem, como nas capoeiras. A escolha do local para a implantação dos roçados de terra firme também está relacionada ao tipo de solo, sendo que o preferido é o solo “areiúsko”, um solo arenoso, de areia solta, misturada com pouco barro, que facilita o crescimento da macaxeira, assim como torna mais fácil o trabalho de arrancar suas raízes depois de crescidas.

Geralmente, os roçados Ashaninka são plantados muito próximos às casas. Mas na Aldeia Primavera, pelo fato de haver criação de gado e de porcos, os roçados ficam a cerca de quinze minutos de caminhada da aldeia, do outro lado do Igarapé Primavera, para que os animais não possam alcançá-los. Neste local, existem quatro roçados contíguos, emendados um no outro, e cada um pertencente a uma família.



Segundo João Paulo, os roçados Ashaninka são grandes, pois é preciso muita macaxeira para o feitiço da *caičuma* – *piarentsi* e, além disso, os animais silvestres comem uma grande quantidade da macaxeira plantada.

Aqui, a gente só colhe metade do que planta, porque a outra metade fica para os bichos que vem aqui comer também. É muito bicho que vem comer roça, é porquinho, cotia, paca, paca de rabo, rato. Por isso que a gente planta esses roçados grandes desse jeito (João Paulo Ashaninka, Aldeia Primavera).

A macaxeira – *kaniri* é o principal produto cultivado nos roçados Ashaninka e nos roçados da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera, são plantadas nove variedades de roça (macaxeira).

A macaxeira é plantada nos meses de setembro a novembro e, dependendo da variedade, pode ser “arrancada” (colhida) de seis meses a dois anos após o plantio. Algumas variedades podem ser arrancadas com quatro meses, mas a maioria das variedades atinge a maturação um ano após o plantio e só são arrancadas antes disso se houver muita necessidade de consumo entre os moradores da aldeia.

A macaxeira é parte fundamental de qualquer refeição Ashaninka e, geralmente, é consumida cozida, juntamente com carne de caça ou peixe. Os Ashaninka também apreciam profundamente a *caičuma* brava (forte), feita a partir da macaxeira fermentada e denominada por eles de *piarentsi*.

Apesar de não ser um costume tradicional, existe produção de farinha na Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera, onde são produzidos dois tipos de farinha: a farinha branca e a farinha *puba*. Segundo os moradores da terra indígena, a farinha que produzem é destinada apenas ao consumo interno, sendo raras as oportunidades de comercializar.

Além da macaxeira, também são plantados uma grande variedade de frutas e “legumes” nos roçados, como a banana, a cana, o mamão, o cará, a batata doce, a taioba, o milho, etc. Produtos não alimentares, como o algodão, o urucum, o tabaco, a oaca e o tingui, também são plantados nos roçados e terreiros desta terra indígena.

O plantio do algodão é uma atividade exclusivamente feminina, as mulheres cultivam o algodão tanto nos roçados como nos terreiros e o utilizam para a confecção de linha, túnicas para vestimenta – *cusmas* e *capangas*. As mulheres também cultivam muitos pés de urucum – *potótsi*, cujas sementes são transformadas numa pasta, utilizada para pintura facial.

Em lugares separados dos roçados e terreiros, também são plantados alguns pés de *Kuká*, um arbusto cujas folhas são mascadas em ocasiões especiais, misturadas com um cipó chamado *txamairo* e com um pó branco, denominado *ishiko*, que é feito de uma pedra branca.



Criação de animais/manejo da terra

Apenas os moradores da Aldeia Primavera e da colocação Paranãzinho criam animais domésticos. Na Aldeia Primavera, há criação de galinha, pato, gado e porco. Na colocação Paranãzinho, criam somente galinha e pato. Todos estes animais são criados soltos durante o dia, beneficiando-se da fronteira livre com a floresta. Em geral, as mulheres são responsáveis pela criação e cuidados com os animais de pequeno e médio porte, enquanto os homens são responsáveis pela criação e cuidados com o gado.

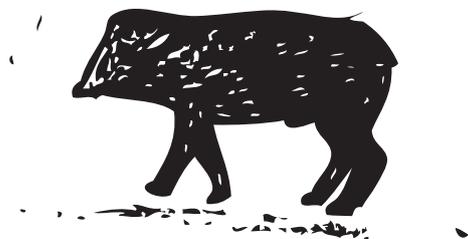
As galinhas e patos são criados soltos no terreiro, se alimentam de restos de comida que são jogados próximos às casas e dormem, geralmente, embaixo das casas ou em galinheiros cercados, evitando ataques de predadores, tais como: mucuras, raposas e gatos-do-mato.

A família de Turiano possui 18 cabeças de gado, o que, apesar de não ser uma quantidade muito grande, gera um considerável dano ao meio ambiente, devido ao desmatamento necessário para a implantação de pastos. Na antiga aldeia em que viviam, já tinham desmatado cerca de 05 hectares para a implantação de pastos. Agora que se mudaram, já brocaram 08 hectares de “mata bruta” na beira do rio e pretendem derrubar esta mata antes da estação de inverno começar. No início de 2006, João Paulo comprou uma motosserra e, segundo ele, em menos de quinze dias, derrubaria os 08 hectares de mata.

Ocasionalmente, os moradores comem algum animal de criação, mas, na maioria das vezes, esses animais são trocados ou vendidos para os marreteiros que sobem o Rio Tarauacá vendendo uma grande variedade de produtos.

Criação de animais nas aldeias

Aldeia/Criações	Galinha	Pato	Porco	Gado
Aldeia Primavera	X	X	X	18 cabeças
Colocação Paranãzinho	X	X		Não criam gado





Coleta e extração (uso não comercial de plantas silvestres)

É na floresta que os Ashaninka obtêm grande parte dos recursos para a sua alimentação, através da caça e da coleta de frutas, assim como remédios retirados das plantas medicinais, as madeiras para construção das casas e embarcações, tinturas para pintura do corpo e de tecidos, materiais para ornamentação, etc.

Também costumam coletar mel de abelha, palmito, castanha e diversas espécies de larvas (de tanajura, de besouros e de borboletas), iguarias muito apreciadas pelos Ashaninka.

Técnicas e divisão social do trabalho

- Frutas

A coleta de frutas é uma atividade esporádica, que depende da época de frutificação das espécies coletadas. Normalmente, esta é uma atividade feminina, a não ser nos casos em que seja necessário subir na árvore para retirar a fruta, como, por exemplo, no caso do açaí e do buriti. Nessas situações, são os homens que realizam o trabalho, derrubando as frutas ou tirando o cacho, que, na maioria das vezes, são as mulheres que carregam para casa. Geralmente, as frutas são coletadas durante as caminhadas das mulheres pela floresta.



- Madeira

A extração de madeiras e palhas para a construção de casas e de embarcações é uma tarefa exclusivamente masculina.

Na Aldeia Primavera, Neca produz carvão para consumo próprio e, principalmente, para comercialização. A madeira utilizada para fazer o carvão é a do cumarú (árvore da família Fabaceae) - *sātsimatsiki*, muito abundante na terra indígena. Segundo Neca, depois que seu filho João Paulo comprou a motosserra, ele derruba as árvores e corta a madeira para ela.

- Plantas medicinais

Os Ashaninka, assim como os Madija e os kaxinawá, têm um largo conhecimento de plantas com propriedades medicinais, que são chamadas de “remédios da mata”. Geralmente, quando precisam destes remédios, vão buscá-los na floresta, porém as mudas de alguns deles são coletados na mata e trazidos para serem plantadas perto das casas.

- Tinturas e corantes

Também é da floresta que os Ashaninka extraem os recursos utilizados tanto no tingimento de tecidos, como nas pinturas corporais.

No Igarapé Primavera, a tintura mais utilizada para o tingimento de tecidos é a casca de uma árvore, chamada na língua Ashaninka de *patistaki*. Eventualmente, a casca do aguano (*cedro - Cedrela odorata L.*) – *iopu* – também é utilizada para este fim, mas, segundo Néca, o aguano só é encontrado muito distante da aldeia. Para o tingimento, as mulheres colocam o tecido, juntamente com a casca destas árvores, em grandes panelas, nas quais adicionam água e deixam no fogo para cozinhar até que o tecido atinja a coloração desejada.

Para as pinturas corporais, as sementes do urucum – *potótsi* são transformadas numa pasta de coloração vermelha, que é utilizada, diariamente, por homens e mulheres de todas as idades. Em geral, os Ashaninka utilizam o urucum para pintarem seus rostos com bonitos desenhos feitos da seguinte forma: primeiramente, espalham a pasta de urucum por todo o rosto, formando uma base uniforme de cor vermelha não muito escura, sobre a qual são feitos desenhos variados que, aparentemente, não seguem um padrão definido.

Segundo Neca (Aldeia Primavera), a primeira coisa que os Ashaninka fazem pela manhã é pintarem seus rostos com urucum.



A primeira coisa que faz quando acorda é pintar o rosto com potótsi, para ficar bonito. Mas agora, meus meninos tão deixando de pintar, pintam mais não. Minha menina, essa uma, chamada Mônica, ela gostava muito pintar na cara, todo dia queria pintar, a cara tudinho, mas desde quando começou ir à escola, não quer mais pintar o rosto, de jeito nenhum. Diz que tem vergonha. Meu outro menino, que vai à escola, também não pinta mais o rosto. O Osvaldo, esse meu filho mais velho, se juntou com nawá [não-índia] e não pinta de jeito nenhum, nem usa mais cusma também não. Não sei... parece que não gosta mais, parece que tem vergonha (Neca, Aldeia Primavera).

Moradia

Há muito tempo, os Ashaninka adotaram o formato das casas dos seringueiros e, atualmente, suas casas são construídas sobre palafitas, ou seja, uma plataforma sobre barrotes, com aproximadamente um metro de altura a partir do chão e cobertura de palha. As casas Ashaninka são quadrangulares e totalmente abertas, ou seja, sem paredes ou divisórias internas. As redes de dormir ficam suspensas durante o dia, sendo baixadas durante a noite. O fogo da cozinha pode ser tanto dentro de casa, sobre um fogão feito de barro, como no chão do terreiro.

No entorno da casa, o terreiro constitui uma área de terra zelada e varrida periodicamente pelas mulheres. Consiste no lugar onde as crianças brincam e os homens constroem os galinheiros e chiqueiros. Os terreiros constituem, também, unidades de manejo, onde são plantadas árvores frutíferas, tabaco e algumas plantas medicinais.

Além das casas de moradia, existem os “tapiris”. No verão, os Ashaninka têm o costume de acampar na praia e podem ficar alguns meses morando nos “tapiris”.





Utensílios

As mulheres Ashaninka são consideradas exímias tecelãs e os Ashaninka, de forma geral, são ótimos artesãos e chamam atenção pela exuberância com que se vestem e se enfeitam. Segundo Néca, todas as mulheres da terra indígena sabem fiar e tecer.

Culinária

A culinária Ashaninka é bem diversificada, porém a macaxeira – *kaniri*, a carne de caça – *poshiniri* e os peixes - *shima*, são os principais ingredientes de sua alimentação.

Técnicas e divisão social do trabalho

O homem é responsável por prover a família de alimentos, caçando, tirando o couro de alguns animais grandes e plantando o roçado. Porém, o preparo da comida é uma tarefa essencialmente feminina e que exige bastante destreza das mulheres.

A macaxeira, na maioria das vezes, é cozida só na água ou preparada na forma de caiçuma brava (forte) – *piarentsi*. Para o preparo do *piarentsi*, as mulheres descascam, lavam a macaxeira e a cozinham numa panela coberta com folhas de sororoca. Depois de cozida, escorrem a água

do cozimento e colocam a macaxeira numa gamela de madeira. Com um pilão de madeira, amassam bastante a macaxeira cozida, até que ela obtenha a consistência de uma massa grossa. Depois disso, as mulheres colocam porções dessa massa na boca e mastigam junto com uma mistura de batata doce crua. Quando a mistura atinge uma consistência pastosa, as mulheres cospem-na de volta na gamela de madeira e voltam a misturá-la com a massa grossa, até que toda a massa da gamela atinja a consistência de pasta. O próximo passo consiste na fermentação da pasta. Para isto, cobre-se a gamela de madeira com folhas de bananeira, deixando a massa fermentar por 01 ou 02 dias. Por último, adiciona-se água na macaxeira fermentada e, então, o *piarentsi* está pronto. Quando as mulheres vão servi-lo, coam a bebida com uma peneira feita de cipó.

A carne pode ser preparada moqueada na folha de sororoca, assada na brasa, assada no espeto, assada na taboca, ou cozida. Já o peixe pode ser assado quando é grande, mas geralmente é preparado em caldo ou, quando miúdo, assado numa folha de bananeira ou assado no cano da taboca. Outras especialidades da culinária Ashaninka são os tracajás cozidos no próprio casco, além de ovos e cogumelos moqueados na folha de sororoca.

Sazonalidade e o calendário/clima

Apenas duas estações são citadas pelos Ashaninka do Igarapé Primavera: inverno e verão.

O Verão – *Osarenti* – começa em maio e vai até fim de setembro. É a época em que para de chover e começam as friagens, chamadas de *katsinkaitere*. O verão é considerado pelos Ashaninka como a época de botar roçado, fazer roçado de praia, construir casas e fazer pescarias nos lagos, rios e igarapés, que ficam com a água mais limpa e mais clara nesse período. É nessa época que os Ashaninka costumam acampar nas praias para coletar ovos de tracajá e também realizar viagens pelo rio, em suas canoas.

Para o Ashaninka, a florada de algumas árvores indica que o verão está começando, como é o caso da mutamba (*Guazuma ulmifolia*) – *inpowätoteya*, acompanhada do mulateiro (Família Fabaceae) – *mesha oteyaki*.

O Inverno – *Kiawõntsi* – começa em outubro, se estendendo até fim de abril. É a época das grandes chuvas. O inverno é considerado o melhor período para “bater” bananal, ou seja, é época de abrir novos bananais e de limpar os bananais antigos, assim como limpar o roçado de terra firme.



Os Ashaninka identificam a chegada do inverno quando as árvores do taxi (*Triplaris surinamensis*) – *kenentoki oteiaki* florescem e a gíria do baixo – *homo* começa a cantar, assim como o pássaro chamado *katsinarite*, que só canta nesta época.

Assuntos de gênero

A divisão sexual do trabalho é o princípio básico organizador da vida econômica dos grupos familiares Ashaninka. As distintas atividades desempenhadas pelos homens e pelas mulheres são complementares, e não conflitivas, na sociedade Ashaninka.

Os principais trabalhos das mulheres são: cuidar da limpeza da casa, tirar macaxeira e trazer para casa, cozinhar, preparar o *piarentsi*, cuidar das crianças, lavar roupa, carregar água de beber para dentro de casa, cuidar do terreiro (varrer e ajudar o homem a capinar), cuidar das criações de animais (exceto o gado, que é o homem quem cuida), limpar o roçado, fazer artesanato (algodão, cerâmica, cestaria). E, sobretudo, as mulheres plantam e fiam o algodão para a tecelagem de cusmas e capangas.

A maior parte das tarefas femininas é realizada dentro de casa, no terreiro ou nas imediações da casa, apesar de que também ajudam no plantio e na colheita de certos gêneros agrícolas dos roçados e, muitas vezes, participam das pescarias coletivas.

Os principais trabalhos dos homens são: fazer roçado de terra firme e de praia, plantar os porotais, limpar roçado, caçar, cortar madeira para lenha, construir e fazer a manutenção da casa.

O fornecimento de carne de caça é uma tarefa masculina. Porém, atualmente, devido à redução dos territórios e do número de animais e, ainda, por questões de segurança, eles não caçam muito. A mitologia Ashaninka adaptou-se a esta nova realidade, fornecendo bases mitológicas ao status que os homens podem conseguir desempenhando atividades agrícolas com fins comerciais.



Associações espirituais/rituais

Tradicionalmente, a relação dos Ashaninka com os recursos naturais se caracteriza pela subutilização destes, facilitada pela dispersão da população no território e socialmente elaborada pelo sistema mítico-religioso. No plano horizontal do mundo conceitual dos Ashaninka, os recursos mais importantes têm “donos”, ou seja, protetores míticos, que exigem a sub-utilização dos recursos, como, por exemplo, animais de caça. Um caçador tem que negociar com este dono para poder matar animais sob o seu controle, sem ser castigado pelo dono. A negociação inclui um conjunto de regras, como ter que fazer dieta, observar abstinência sexual e indicações para a distribuição da carne, que, quando não forem observadas devidamente, podem causar a morte, a doença ou a incapacidade de caçar do caçador.

Os Ashaninka mantém relações deste tipo com as árvores cortadas, animais do bosque, peixes e outros recursos silvestres. Estes recursos/seres não são considerados de uma natureza diferente dos humanos, e os espíritos tutelares ou donos são considerados como se fossem parentes políticos, a categoria com quem se tem que negociar para obter esposas, apoio no trabalho e nos conflitos, etc. (ao contrário dos parentes consangüíneos, que intercambiam numa lógica de obrigação).

Com as plantas cultivadas se mantém uma relação social, mas análoga ao modelo de consangüinidade entre humanos. Mas, apesar de o espaço das plantações estar conceitualizado em oposição ao espaço da floresta, esta oposição é considerada transitória porque a plantação, ao longo do tempo, se transformará em floresta novamente e a relação de consangüinidade se transformará numa relação de afinidade, assim como as categorias de parentesco entre humanos, ao pular de uma geração para outra (Rojas Solezzi, 1994).

Em seu livro *La Sal de los Cerros*, o antropólogo peruano Stefano Varese explica que as relações dos Ashaninka com o mundo espiritual simboliza-se no plano vertical:

(...) o homem está na terra como um transeunte para outras zonas cósmicas, a que chegará independentemente de seu comportamento moral. A morte dará fim a este trânsito e abrirá um novo caminho. Mas há outras mortes na vida de um Campa, que o permitem ascender aos misteriosos espaços sagrados. O sonho, a visão (ajudado ou não pela ayhuasca), o mito vivido e diversos caminhos iniciáticos, podem dar ao homem contato com estes mundos do além. O mesmo espaço terreno onde se vive: a selva, os pequenos lagos, as cavernas, os espaços abertos dos pajonales, representam outras tantas aberturas para estes mundos extra-sensíveis. Não só a natureza oferece as vias iniciáticas, a sociedade mesma, ou seja, a cultura dispõe de portas de acesso (Varese, 1973, p. 84).

Já foi notado por muitos antropólogos, que estudaram esse povo tanto no Perú como no Brasil, que os Ashaninka gostam do estado “inebriante do espírito”. Quando não estão tomando *piarentsi*, estão mascando sua energética coca ou, então, fumando tabaco em seus cachimbos,



bebendo mel de tabaco ou, ainda, participando de dias seguidos da festa da ayhuasca, essa bebida mágica e sagrada da floresta, sobretudo, quando organizada pelos pajés (*shiripiari* e *antiviari*) em seções de curas (Iglesias, 1995).

Segundo Aquino e Iglesias (1995):

Na realidade, são os pajés Kampa os responsáveis pela vida religiosa de suas pequenas comunidades. Há dois tipos de xamãs, os *shiripiari* (aquele que é transfigurado pelo uso do tabaco) e, o mais importante deles, os *antiviari* (aquele que é totalmente transfigurado).

Todos os pajés Kampa são homens e só são considerados *shiripiari* ou *antiviari* (o mais importante deles) após um longo período de aprendizagem, que implica numa rigorosa dieta alimentar, abstinência sexual e usos contínuos de tabaco (*shiri*) e da ayhuasca (*Banisteriopsis* sp.).

São os pajés Kampa que dirigem os rituais da ayhuasca, uma bebida alucinógena preparada pela mistura das cascas masseradas de um cipó chamado *kamarambi* e das folhas de uma pequena árvore conhecida como *ruroa*. Estes dois vegetais, que podem ser misturados a cascas de determinadas árvores ou outros tipos de folhas, são cozidos em panelas grandes demoradamente ao fogo.

Turiano Luiz, pajé e chefe Kampa do Primavera, considera que o *kamarambi* é um ser encantado da floresta e que precisa ter muito cuidado e zelo durante a preparação desta bebida, também conhecida na região do Alto Juruá como "cipó": "Cipó não é brincadeira não, precisa ter muito respeito. Quando toma espia papai do céu (*pawa*), chama espírito do japó (*tseruango*), do *japiim*, da cobra d'água (*noronoya*) pra curar pessoa doente. *Kamparia* não toma cipó pra brincadeira não. Toma pra cantar e curar quem tá doente.

Ao cair da noite, quando a bebida da ayhuasca está completamente fria, o pajé toma uma certa quantidade deste chá e dar de beber às outras pessoas. Fica depois em completo silêncio, concentrado, fumando seu cachimbo. Só se levanta, quando é chamado para diagnosticar a causa da doença em uma pessoa. Sopra, então, fumaça de tabaco de seu cachimbo sobre a cabeça do doente, como estivesse defumando sua cabeça e a parte afetada do seu corpo. Canta algumas canções, bebe mel de tabaco, que guarda em canos de taboca, e faz uma série de sucções para retirar a doença da parte afetada do corpo.

Após a cura, retorna para seu lugar, numa esteira estendida no terreiro de sua casa, onde canta muitas canções de cipó, acompanhado ou não por outros homens e mulheres que participam da cerimônia da ayhuasca. Turiano, por exemplo, diz que quando ele canta está apenas repetindo as canções dos bons espíritos, chamando-os para virem também cantar e bailar no meio do seu terreiro. Afirma ainda que o consumo contínuo do tabaco e do cipó, permite-lhe ver os espíritos em sua forma humana. A cerimônia da ayhuasca é realizada frequentemente entre os Kampa do Primavera.

Turiano tem fama de ser um bom curador e cantor de *kamarambi*, ou seja, um grande *shiripiari*. E é essa sua condição que vem legitimando sua liderança política entre os grupos familiares Kampa do igarapé Primavera.



Gestão na Terra Indígena: perspectivas e questões ambientais

Comercialização

Os Ashaninka praticam duas formas de comércio: o interno e o externo. O comércio interno acontece somente entre os Ashaninka, que podem ser habitantes da mesma terra indígena ou de terras indígenas diferentes. Geralmente, esta forma de comércio se dá na base da troca, que pode ser por produtos confeccionados pelos próprios Ashaninka ou por produtos industrializados.

Em relação ao comércio externo, os Ashaninka, eventualmente, trabalham na “diária”, onde são contratados para realizarem serviços como: implantar roçados, serrar madeira, ou “bater campo” e plantar pasto, em colocações fora dos limites da terra indígena. Por estes serviços, recebem pagamentos em dinheiro ou produtos manufaturados.

Devido à: I) distância entre a terra indígena e a cidade de Tarauacá; II) escassez de transporte para percorrer este trajeto; e III) o alto preço do combustível na região, os Ashaninka do Igarapé Primavera raramente comercializam os produtos produzidos na terra indígena.

Eventualmente, os moradores do Igarapé Primavera comercializam alguns gêneros agrícolas, como o feijão poroto, quando vão à cidade de Tarauacá e vendem ou trocam esses produtos



com os marreteiros que sobem o Rio Tarauacá e que, em geral, não pagam bem pela produção. Quando têm oportunidade, os principais produtos comprados pelos Ashaninka são: chinelo, “terçado”, sal, munição, linha, anzol e sabão.

Perspectivas

A criação de gado foi apresentada pelos moradores da Aldeia Primavera como a principal alternativa de geração de renda no futuro. Atualmente, os moradores desta aldeia possuem 18 cabeças de gado e pretendem aumentar sua criação. Diante desta perspectiva, seria muito importante que houvesse uma cuidadosa discussão com os moradores da terra indígena a respeito do planejamento da exploração e gestão dos recursos naturais.

Os Ashaninka, de forma geral, são exímios artesãos e, no seu dia-a-dia, confeccionam tecidos de algodão, com os quais fazem *cusmas* (túnicas para vestimenta) e *capangas* (bolsas). Também produzem cestos feitos de palhas e cipós, assim como adornos, como colares feitos de penas e sementes variadas. Porém, a comercialização destes produtos é muito difícil, pois, segundo Neca, “*não têm aonde vender*” e o mercado local não absorve e nem valoriza este tipo de produtos.

Uma alternativa de geração de renda para os moradores desta área seria entrar em contato com seus parentes Ashaninka da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, que possuem uma cooperativa chamada *Apiwtxa*, a qual recebe assessoria de organizações governamentais e não governamentais, há alguns anos, para organizar a produção e comercializar o artesanato produzido na terra indígena. Esta alternativa foi discutida com os moradores da Aldeia Primavera, que a tomaram como uma possibilidade a ser pensada.



Segundo os Ashaninka, as maiores necessidades dos habitantes desta terra indígena são: I) uma canoa grande com motor para carregar a produção para ser comercializada na cidade; II) uma casa de farinha, com equipamento completo para cada aldeia/colocação da área; III) instalação de uma rede de radiofonia para comunicação externa.

Agentes externos atuando na área

A Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera é uma área extremamente desassistida pelas instituições governamentais e não governamentais.

A equipe de saúde da FUNASA (composta apenas por enfermeiros) visita as aldeias duas vezes ao ano, para realizar vacinação e eventuais consultas aos moradores. Porém, se houver alguma emergência em que o paciente precise ser levado à cidade de Tarauacá, não há meios de transporte para isto e os pacientes, em geral, ficam sujeitos à própria sorte. Até o presente momento, não há Agente Indígena de Saúde (AIS) na terra indígena.

Segundo Néca (Aldeia Primavera), o motivo de sua família ter se mudado para as margens do Rio Tarauacá foi a orientação da equipe de saúde da FUNASA, que alegou que, com a mudança da aldeia para a margem do rio, as visitas da equipe à aldeia seriam muito facilitadas, devido ao acesso mais fácil.

Em relação à educação escolar, não há escola e nem professor na terra indígena. Os únicos habitantes da área que estudam são Nonato, Mônica e Evania (filhos de Turiano e Neca), que freqüentam a escola do Seringal Redenção.

Há alguns anos, João Paulo (Aldeia Primavera) participou de um curso de formação de Agente Agroflorestal Indígena (AAFI), a convite da Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC), porém, depois deste primeiro curso, não participou mais das atividades, pois sempre tinha algum empecilho que o impossibilitava de participar.

O Primavera tá ficando pra trás. Aqui nós tamo como se fosse abandonado. Ninguém aqui recebe salário. Aqui nós não tem nenhum professor, nem agente que recebe salário. O pai ta ficando velho e já não corre mais atrás de projeto. O dinheiro aqui é muito pouco (João Paulo Ashaninka, Aldeia Primavera)

Principais impactos, ameaças externas e vigilância (poluição, invasão)

Alguns moradores desta terra indígena comentaram o fato de que os carιά (não-índios) que moram no entorno da terra indígena, algumas vezes, realizam caçadas com cachorro dentro do território indígena, o que acaba afugentando as caças para longe das aldeias.

Os moradores da Aldeia Primavera afirmaram ter dificuldade em encontrar árvores de cedro e de aguano nos limites da terra indígena. Quando as encontram, estão localizadas a uma grande



distância da área da aldeia. Isto se deve ao fato de que, antes da demarcação, os antigos moradores da área serraram a maioria das árvores destas espécies para comercializar. Além disso, a pecuária pode vir a se tornar um problema no futuro, pela conseqüente conversão de áreas de floresta em pasto.

Até o presente momento, os moradores da Aldeia Primavera já desmataram 13 hectares de floresta para a implantação de pastos, sendo grande parte desta área constituída de vegetação de mata ciliar, às margens do Rio Tarauacá.

Embora haja, atualmente, um número quase insignificante de indivíduos, se comparado ao tamanho da área, a criação de gado pode vir a aumentar progressivamente, pois o gado é bastante valorizado na região.

Organização e dinâmicas políticas

Ao contrário da maioria das terras indígenas acreanas, na Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera não há nenhuma organização social/política representativa da comunidade, como uma associação de moradores ou cooperativa. Porém, a Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera faz parte do conjunto de terras indígenas que compõem a Organização dos Povos Indígenas de Tarauacá (OPITAR), mas, até hoje, nenhum habitante desta terra indígena participou da coordenação da Organização.

De uma forma geral, os moradores desta terra indígena se mantêm afastados das decisões políticas dos povos indígenas da região, até porque não possuem a rede de radiofonia que possibilitaria maior agilidade na comunicação com os agentes externos à terra indígena.



Considerações Finais

O Complexo Bacia do Rio Juruá é formado por três terras indígenas, sendo elas: a Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau, habitada pelo povo Kulina, que se autodenomina Madija e pertence à família lingüística Arawá; a Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, habitada pelo povo Kaxinawá, que se autodenomina Huni Kuin e pertence à família lingüística Pano; e a Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera, habitada pelo povo Ashaninka, que se autodenomina Ashaninka e pertence à família lingüística Aruak.

Organização social

Os três grupos possuem diferentes históricos de contato. Os Kaxinawá e os Kulina já habitavam a região do Juruá quando foram contactados, enquanto os Ashaninka foram trazidos do Peru pelos caucheiros peruanos que vieram explorar o caucho na região do Juruá. Portanto, os três grupos possuem distintas condições de inserção na empresa seringalista da época.

Os três grupos estudados praticam variantes do sistema de parentesco dravidiano, no qual o matrimônio paradigmático entre primos cruzados (entre filhos de irmãos de sexo oposto) produz duas categorias inclusivas de parentes: consangüíneos e afins. De forma geral, a grande maioria dos casamentos se dá entre pessoas da mesma etnia e são muito raros os casamentos inter-étnicos, ou com “brancos” (não-índios) – chamados pelos moradores do Complexo de cariú, cariá ou nawá.



Ocupação territorial

Atualmente, a distribuição da maioria das aldeias nas três terras indígenas se dá ao longo das margens dos rios. Na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau, todas as aldeias se localizam às margens do Rio Envira; na Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, todas as aldeias se localizam às margens do Rio Tarauacá. A única exceção se dá na Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera, onde todos os habitantes, até o ano de 2005, habitavam colocações de “centro” (no interior da floresta), localizadas às margens do Igarapé Primavera. No entanto, no ano de 2005, a família extensa de Turiano mudou-se para as margens do Rio Tarauacá, fundando a Aldeia Primavera, e a família de Maciel Ashaninka passou a morar na colocação Centrinho, bem próxima à margem do Rio Tarauacá.

O fato das aldeias se encontrarem nas margens dos rios facilita o transporte, o comércio com marreteiros e o acesso a serviços como assistência médica e educação escolar. Além disso, a localização das aldeias nas margens dos rios possibilita que seus ocupantes tenham uma vida social mais intensa.

Por outro lado, a concentração das casas e aldeias ao longo das margens dos rios tem como resultado o uso mais intensivo da mata ciliar para a prática da agricultura e criação de animais.

Esse processo de sedentarização tem levado as terras indígenas do Complexo Bacia do Rio Juruá a um crescente comprometimento da cobertura florestal, assim como da proteção natural das margens dos rios, resultando na progressiva escassez de espécies florestais necessárias à construção de casas, canoas e outros instrumentos de uso cotidiano.



Transporte

O transporte no Complexo Bacia do Rio Juruá se dá, basicamente, por via fluvial.

Os moradores das Terras Indígenas Kulina do Igarapé do Pau e Kampa do Igarapé Primavera confeccionam canoas tradicionais, regionalmente chamadas de ubás, que são o seu principal meio de transporte. As canoas grandes e os motores de barco são bastante escassos nestas terras indígenas, o que, somado aos altos preços do combustível na região, restringe bastante o transporte de seus moradores a longas distâncias.

Já na Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, todas as aldeias possuem pelo menos um barco motorizado e a viagem da terra indígena à sede do município de Tarauacá é feita com frequência por seus moradores, principalmente pelos aposentados, professores, agentes agroflorestais e agentes de saúde, que vão todos os meses à cidade para receber seus pagamentos e benefícios. Porém, os moradores desta Terra Indígena não sabem mais confeccionar canoas e, por isto, compram seus barcos fora da terra indígena.



Vegetação

O Complexo Bacia do Rio Juruá apresenta duas grandes Regiões Fitoecológicas (ou Sistemas Ecológicos Regionais) – o Domínio da Floresta Ombrófila Densa (FOD) e o Domínio da Floresta Ombrófila Aberta (FOA) – onde a diferenciação apresentada é principalmente em relação a aspectos fisionômicos e estruturais, mais do que em aspectos florísticos. Portanto, pode-se afirmar que a homogeneidade botânica da região e de suas características ecológicas influencia os diferentes grupos indígenas a uma semelhança de hábitos alimentares e de moradia.

As palmeiras utilizadas para a cobertura das casas (jaci, aricuri e cocão), denominadas de “palheiras”, também estão escasseando nas áreas próximas às aldeias, pois, em geral, são derrubadas para a retirada das palhas. O manejo de “palheiras”, processo que não exige a derrubada das mesmas para a retirada da palha, possibilitando sua gradual recuperação e futuro aproveitamento, não é uma prática tradicional dos habitantes do Complexo, apesar de que os Agentes Agroflorestais Indígenas (AAFI) da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, eventualmente, praticam este tipo de manejo, pois este é um dos itens que aprendem nos cursos de formação.



Caça

A distribuição da caça não é homogênea nas terras indígenas do Complexo Bacia do Rio Juruá e tampouco é homogênea a pressão que as caças sofrem nos diferentes nichos ecológicos existentes.

Em todo o Complexo, as “embiaras” são mais facilmente encontradas nas matas próximas às aldeias; já as caças grandes, como o veado, a anta, a queixada e o porquinho caititú, são mais raras, sendo encontradas apenas em locais de mata bruta, no interior da floresta. Os animais utilizados na alimentação dos moradores das três terras indígenas são os mesmos, exceto algumas raras exceções, relacionadas, principalmente, a tabus alimentares de cada grupo.

De forma geral, o máximo que os caçadores caminham no interior da mata para caçar é a distância percorrida em três horas de caminhada, pois não há necessidade de ir mais longe para encontrar caça e também porque, se forem mais longe, fica muito difícil de carregar a caça de volta para a aldeia.

Pelo fato da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera possuir a menor densidade populacional dentro do Complexo, a pressão sobre a caça nesta terra indígena é menor e, portanto, há maior disponibilidade de animais de caça perto das aldeias.

Os moradores da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau consideram que há fartura de caça na região em que vivem, porém, os grandes animais de caça, geralmente, se encontram relativamente distantes das aldeias.

Na Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, a pressão historicamente exercida sobre as caças grandes tem resultado em sua progressiva rarefação nas margens do Rio Tarauacá e, para encontrar caça, são necessárias longas caminhadas para o interior da mata.



Segundo afirmaram moradores das três terras indígenas, a retirada de madeira e as constantes “caçadas com cachorro”, realizadas no passado (antes das áreas serem demarcadas) pelos antigos moradores da área e do entorno, espantaram as caças grandes das matas mais próximas às aldeias. Porém, atualmente, há indícios de que as caças grandes estão voltando a povoar as matas destas terras indígenas.

As técnicas de caçada são semelhantes nas três terras indígenas do Complexo, porém os moradores da Terra Indígena

Kulina do Igarapé do Pau caçam basicamente de arco e flecha, assim como a maioria dos moradores da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera. Na Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, as caçadas são realizadas, em geral, com espingardas.

A não utilização de espingardas, nas Terras Indígenas Kulina e Kampa, se dá pela dificuldade de aquisição de armas e munição, devido à escassez de dinheiro; mas ficou bastante claro o desejo de adquiri-las, por parte dos moradores.

Pesca

A pesca é uma atividade praticada tanto por homens como por mulheres nas três terras indígenas do Complexo. As crianças, desde cedo, acompanham os pais durante as pescarias, que podem ser individuais ou coletivas. Geralmente, o produto da pesca individual é de apropriação familiar e o da pesca coletiva é dividido entre as famílias dos pescadores.

A pesca é realizada principalmente no verão, quando os rios e seus inúmeros igarapés afluentes permanecem secos e rasos, propiciando diversos tipos de pescaria. Os igarapés, os rios e os lagos, formados em suas margens quando uma volta é sacada pela força das águas, constituem importantes nichos para a obtenção de proteína animal.

Os peixes e outros animais aquáticos citados por serem encontrados nas áreas levantadas e/ou por serem utilizados na alimentação dos moradores das três terras indígenas, são os mesmos, exceto algumas raras exceções.

Os três grupos do Complexo utilizam plantas ictiotóxicas, como o tingui e a oaca, para realizarem pescarias. Também utilizam arpão, zagaia, anzol e, eventualmente, tarrafa, malhadeira e espingarda. O número de materiais industrializados – como malhadeiras, tarrafas e espingardas – é maior entre os Kaxinawá da Praia do Carapanã.



Agricultura

No Complexo Bacia do Rio Juruá, a agricultura é feita de forma itinerante e, todos os anos, cada grupo familiar abre um novo roçado no período do verão.

De forma geral, a escolha do local para a implantação dos roçados está relacionada ao tipo de solo, sendo que o preferido é o solo “areíusco”, um solo arenoso, com pouco barro, que facilita o crescimento da macaxeira, assim como torna mais fácil o trabalho de arrancar suas raízes depois de crescidas.



De preferência, os roçados devem ser localizados próximos às aldeias, mas, muitas vezes, no caso de haver criação de animais como o porco e o gado, que podem estragar o plantio, os roçados são colocados do outro lado do rio, ou em um lugar distante da aldeia, onde os animais não possam chegar.

Nas três terras indígenas pesquisadas, o trabalho de implantação dos roçados é predominantemente masculino, cabendo às mulheres o trabalho de colheita e limpeza dos mesmos.

Os principais produtos cultivados nos roçados são: a macaxeira (também denominada de roça) e a banana, porém, em todo o Complexo, há uma grande variedade de gêneros agrícolas.

Em uma dada situação no tempo, cada família maneja simultaneamente três roçados de terra firme: um com roça nova, outro com roça madura e o terceiro denominado de arrancador. No roçado arrancador, conforme as mulheres vão tirando a macaxeira, em cada cova que foi “arrancada”, elas colocam um novo pedaço de maniva, a fim de se ter uma reserva de macaxeira antes do roçado novo começar a produzir.

Os roçados de praia também são cultivados anualmente pelos três grupos que compõem o Complexo, tendo especial importância para os Kaxinawá, que, além do milho, feijão, melancia e gerimum (abóbora), também plantam o mudubim (amendoim).

Assim como os roçados de terra firme, os roçados de praia também são de posse familiar e o seu plantio é feito por todos os membros da família. O homem e a mulher limpam a praia juntos e, depois, o homem faz as covas, enquanto a mulher e as crianças plantam as sementes.

Além dos roçados de terra firme e de praia, muitas famílias cultivam bananais, onde são plantadas diversas variedades de banana, especificamente para a produção da fruta, que, além de ser consumida internamente, em geral, também é destinada para comercialização. Quando há comercialização, esses bananais, geralmente, são cultivados nas margens do rio, para facilitar o transporte.

Criação de animais/pecuária

Praticamente todas as aldeias do Complexo possuem algum tipo de criação de animais, sendo as mais comuns: galinha, ovelha, pato, galinha d'angola, gado e porco. Todos estes animais são criados soltos durante o dia, beneficiando-se da fronteira livre com a floresta. Nas aldeias onde se criam ovelhas e gado, geralmente, é feita uma cerca para os animais não entrarem na área das casas e terreiro. Em geral, os animais de terreiro são criados e cuidados pelas mulheres, enquanto o gado é criado e cuidado pelos homens.

As criações são tidas pelos moradores do Complexo como uma “poupança”, ou seja, os animais são criados com a finalidade de ser uma fonte de renda ou uma moeda de troca, que possibilita a obtenção de produtos que não se pode conseguir na terra indígena.

Na Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, pelo fato da carne de caça ser escassa, a criação de animais é tida, também, como mais uma fonte de proteína animal para a alimentação de seus habitantes. Nas terras indígenas Kulina do Igarapé do Pau e Kampa do Igarapé Primavera, os animais de criação raramente são consumidos para alimentação, por parte dos moradores.

A criação de gado foi apresentada como uma alternativa de geração de renda no Complexo, pois a carne de gado é comercializada na região, o que é visto pelos moradores das terras indígenas como uma boa possibilidade de aquisição de renda.

Diante desta perspectiva, seria muito importante que houvesse uma cuidadosa discussão com os moradores das terras indígenas que compõem o Complexo, a respeito do planejamento da exploração e gestão dos recursos naturais, pois a pecuária pode vir a se tornar um grave problema no futuro, devido a conseqüente conversão de áreas de floresta em pasto.



Coleta e extração (uso não comercial de plantas silvestres)

Os habitantes do Complexo têm uma estreita ligação com a floresta, retirando dela, por meio da coleta e da extração, a maioria dos produtos de que necessitam para sua sobrevivência, como: grande parte dos recursos para a sua alimentação; madeiras para construção das casas e embarcações; remédios, preparados com plantas medicinais; tinturas para pintura do corpo e de tecidos; materiais para ornamentação, etc.

A coleta de frutas é uma atividade esporádica, que depende da época de frutificação das espécies coletadas. Normalmente, esta é uma atividade feminina, a não ser nos casos em que seja necessário subir na árvore para retirar a fruta, como, por exemplo, no caso do açaí e do buriti. Nessas situações, são os homens que realizam o trabalho, derrubando as frutas ou tirando o cacho, que, na maioria das vezes, são as mulheres que carregam para casa.

O crescente número de motosserras que vêm sendo adquiridas pelas aldeias do Complexo (principalmente nas Terras Indígenas Kaxinawá da Praia do Carapanã e Kampa do Igarapé Primavera) é um tema que deve ser discutido em futuros Planos de Gestão e Manejo destas terras indígenas, pois, a extração de madeira, que até há poucos anos, era feita exclusivamente com a utilização de instrumentos como o machado e o terçado, hoje em dia, vem sendo bastante facilitada pela utilização das motosserras.



Moradia

Os materiais utilizados nas construções são basicamente os mesmos nas três terras indígenas que compõem o Complexo Bacia do Rio Juruá, e, a maioria das casas segue o padrão de construção regional, nos moldes das casas dos seringueiros, sendo construídas sobre palafitas, ou seja, uma plataforma sobre barrotes, com aproximadamente um metro de altura a partir do chão e cobertura de palha. Porém, cada etnia adaptou este tipo de construção às suas necessidades e costumes: as casas Kulina são,

em geral, pequenas, sem divisórias e de construção mais precária; as casas Kaxinawá, em sua maioria, são grandes e divididas em três cômodos: sala, quarto e cozinha, apresentando paredes internas e externas; as casas Ashaninka são grandes e não possuem divisórias internas, nem paredes.

No entanto, o padrão de construção das casas tem sofrido alterações, devido à inserção de motosserras em várias aldeias da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã e na Aldeia Primavera – Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera. Nestas duas terras indígenas, as casas, que antes eram feitas de “pau roliço”, vêm sendo substituídas por casas feitas de “madeira serrada”.

Alimentação

A alimentação em todo o Complexo se dá, basicamente, à base de macaxeira, banana e carne de caça, sendo complementada pela pesca, frutos coletados e diversos gêneros agrícolas.

Na Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, a criação de animais domésticos é vista pelos moradores como uma importante fonte de proteína animal para a sua alimentação, já que as caças grandes (anta, veado, porquinho caititú e queixada) são raras e se encontram distantes das aldeias.

Saúde

A condição da saúde, de forma geral, é bastante precária em todo o Complexo. A única assistência médica aos habitantes das terras indígenas se dá nas raras visitas das equipes de saúde da FUNASA⁶, nas quais são realizadas vacinação e eventuais consultas aos moradores. Nas cidades de Feijó e Tarauacá existem Pólos Base da FUNASA, responsáveis pelo atendimento aos problemas mais graves de saúde da população indígena da região. Porém, se houver alguma emergência em que o paciente precise ser levado a estas cidades, não há meios de transporte específicos para isto, e os pacientes, em geral, ficam sujeitos à própria sorte, muitas vezes falecendo por falta de assistência médica.

Dentre as terras indígenas do Complexo, a situação da saúde é um pouco melhor na Terra

6. As equipes de saúde da FUNASA, responsáveis pelas visitas às aldeias, são compostas apenas por enfermeiros e não contam com nenhum médico em sua composição.



Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, onde todas as aldeias recebem assistência de Agentes Indígenas de Saúde (AIS), que são pessoas da comunidade, que, até o ano de 2004, eram contratadas pelo Convênio UNI/FUNASA e recebiam treinamento e salário para prestar assistência aos moradores de sua aldeia e, quando necessário, acompanhar os doentes até o Pólo Base na cidade de Tarauacá.



Na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau, cada aldeia elegeu um AIS, que espera ser contratado. Até 2006, nenhum dos AIS eleitos recebeu nenhum tipo de formação para exercer a função. Na Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera, não há AIS. Nessas duas terras indígenas, a situação da saúde e do saneamento básico chega a atingir o nível de calamidade.

Segundo a equipe de saúde do Pólo Base – FUNASA de Feijó, as principais causas de mortalidade nas terras indígenas da região do Juruá são: gripe, infecções respiratórias (pneumonia), infecções intestinais, parasitoses intestinais, malária e hepatite.

Comercialização

Atualmente, nenhum habitante das terras indígenas do Complexo tem se dedicado ao corte da seringa, devido aos preços extremamente baixos do quilo da borracha, aliados à atual desarticulação das redes comerciais.

Apesar dos três grupos praticarem comércio esporadicamente, cada grupo possui um nível diferente de articulação com o mercado regional. De forma geral, os moradores do Complexo comercializam produtos agrícolas, carne de gado, animais de criação de pequeno e médio porte e artesanatos.

Os Kaxinawá são mais envolvidos em atividades de comércio que os Ashaninka e os Kulina, sendo que estes últimos praticamente não comercializam.

Segundo os moradores do Complexo, as maiores limitações ao comércio estão na dificuldade

de transporte das mercadorias e nas proporções do mercado local, que é pequeno, restrito e não absorve a produção, causando a desvalorização e, conseqüentemente, baixando o preço dos produtos locais.

Eventualmente, alguns homens trabalham na “diária”, onde são contratados para realizarem serviços como: implantar roçados, serrar madeira, ou “bater campo” e plantar pasto, em colocações fora dos limites da terra indígena.



Organização e dinâmicas políticas

Nenhuma das terras indígenas do Complexo Bacia do Rio Juruá possui rede de radiofonia em condições de funcionamento, fato este que impossibilita a maior agilidade na comunicação com os agentes externos à terra indígena. Nas três terras indígenas visitadas, seus moradores consideram de extrema importância que este problema seja solucionado o mais brevemente possível.

As realidades sociais e políticas dos três grupos habitantes do Complexo são bastante diferenciadas, tanto pelo histórico e intensidade de contatos, como pelas diferenças de ocupação geográfica.





Observa-se uma diferença notável entre os três grupos, no que se refere ao grau de integração à sociedade envolvente, assim como o grau de acesso aos possíveis benefícios oferecidos por esta sociedade. Os Kaxinawá da Praia do Carapanã estão mais integrados social e economicamente à sociedade nacional, se comparados aos Kulina do Igarapé do Pau e aos Ashaninka do Igarapé Primavera.

Historicamente, os Kulina são um povo que mantém pouco contato voluntário com a sociedade que os envolve, sejam estas sociedades indígenas ou não indígenas. Por este motivo, a organização comunitária interna sofre pouca influência da sociedade envolvente e, as diferenças sócio-econômicas dentro deste grupo são praticamente inexistentes.

A quantidade de aposentados e pessoas que recebem salário nas três terras indígenas é bastante diferenciada. Na Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, os benefícios de aposentadoria e os salários de professores e agentes agroflorestais são as principais fontes de renda dos moradores, onde, atualmente, existem 31 aposentados (5,8% da população), 15 professores e 08 Agentes Agroflorestais Indígenas (AAFIs). Estes benefícios constituem uma alternativa segura para a obtenção de mercadorias e bens industrializados.

Na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau, existem 03 professores e 03 aposentados. Já na Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera, existem apenas 02 aposentados. Nestas terras indígenas, o fato de poucos moradores receberem benefícios do Estado faz com que o capital de giro seja bastante escasso, dificultando a aquisição de produtos “de fora” ou “industrializados”.



Em relação à educação escolar, todas as aldeias da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã possuem escolas e professores, que vêm sendo formados pela Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC) e/ou pela Secretaria Estadual de Educação.

Na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau, todas as aldeias possuem professores, que vêm sendo formados pela Secretaria Estadual de Educação, mas apenas a Aldeia Califórnia possui escola, construída pelo Governo Estadual.

Na Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera, não existem escola e nem professores. Nesta terra indígena, apenas três filhos de Turiano estudam, na escola do Seringal Redenção.

Na Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, a realidade e organização política das aldeias mudou bastante com a estruturação das escolas indígenas e a criação das categorias de Agentes Agroflorestais Indígenas (AAFIs) e Agentes Indígenas de Saúde (AISs). Professores, AIS e AAFIs são cargos valorizados socialmente, que ganharam significado político próprio. Vale ressaltar que o coordenador da Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC), Joaquim Maná, e o vice-presidente da Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas (AMAAI-AC), José de Lima, são moradores da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã.

A única terra indígena do Complexo que possui uma associação de moradores é a Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã. Esta associação é chamada de Associação Kaxinawá de Produtores Agrícolas da Praia do Carapanã (ASKAPA) e foi criada em 2003. Desde então, vem desempenhando um importante papel na elaboração, captação de recursos e implementação de projetos na terra indígena. A fim de organizar a comercialização dos produtos produzidos na terra indígena, os sócios da ASKAPA elaboraram uma tabela de preços baseada nos preços dos produtos na região e, num futuro próximo, pretendem organizar a produção para atingir o mercado regional.

A Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã também faz parte da Organização dos Povos Indígenas de Tarauacá (OPITAR), apesar de não participar muito ativamente das atividades desta Organização.

Ao contrário da maioria das terras indígenas acreanas, as terras indígenas Kulina do Igarapé do Pau e Kampa do Igarapé Primavera não possuem nenhuma organização social/política representativa da comunidade nos moldes da sociedade nacional, como, por exemplo, uma associação de moradores ou cooperativa. Apesar de a Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau fazer parte do conjunto de terras indígenas que compõem a Organização dos Povos Indígenas do Rio Envira (OPIRE) e a Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera fazer



parte do conjunto de terras indígenas que compõem a Organização dos Povos Indígenas de Tarauacá (OPITAR), até hoje, nenhum habitante destas áreas participou da coordenação das Organizações. De uma forma geral, os moradores destas terras indígenas se mantêm afastados das decisões políticas dos povos indígenas da região.

Observa-se uma diferença notável entre o grau de integração e o acesso aos possíveis benefícios entre os Kulina, os Ashaninha e os Kaxinawá, o qual, em parte, se explica pela acessibilidade – à distância, à forma e à frequência do transporte por rio – das três terras aos centros urbanos e vice-versa. Não obstante, existem outros elementos que podem explicar as diferenças entre os grupos e que serão explicitados a seguir.

Seria importante pesquisar que tipo de capacitação de articuladores seria desejável e adequado para os Kulina do Igarapé e os Ashaninka do Igarapé Primavera, que não têm representação similar e, portanto, não recebem com a mesma frequência apoio de instâncias governamentais e não-governamentais para o desenvolvimento comunitário, e como consequência não têm as mesmas possibilidades de realizar os direitos que lhes outorga o marco jurídico-social brasileiro.

Outra observação é que no Complexo existem períodos de migração interna às terras ou partes de terras que representam “pólos de atração migratórios” para famílias da mesma etnia que moram em terras menos atrativas. A Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã é um exemplo disso. É provável que, na intersecção da tradição da mobilidade individual e familiar das etnias, a alta fertilidade das mulheres e a procura de condições favoráveis de acesso a transporte, mercados e serviços governamentais, algumas terras cresceram mais e mais rápido que outras. O papel dos benefícios como aposentadoria é considerável neste processo de periurbanização da população de alguns grupos no Complexo e precisa ser entendido melhor. Por outro lado, se vê que, por exemplo, entre os Kaxinawá da Praia do Carapanã existe uma tensão entre a solidariedade familiar e étnica que se inclina a receber indivíduos Kaxinawá de outras terras, e a crescente consciência de que os processos de concentração e aumento da população devem ser acompanhados e controlados melhor, particularmente na relação à conservação e o manejo dos recursos naturais.



Referências Bibliográficas

ACRE. Disponível em: <http://www.ac.gov.br>

ADAMS, Patsy. Textos Culina. *Folklore Americano*, Lima, v.10, n.10, p.93-222, 1962.

AQUINO, Terri Valle de. *Índios Kaxinawá: de seringueiro caboclo a peão acreano*. Brasília: UnB, 1977. (Dissertação de Mestrado).

AQUINO, Terri Valle de; IGLESIAS, Marcelo Piedrafita. *Relatório de identificação da Área Indígena Kampa do Igarapé Primavera – Município de Tarauacá – Estado do Acre*. Rio Branco: s. ed., 1995. 106 p. (GT PP 1.204/93 – Convênio FUNAI – Embaixada da Suíça – Comissão Pró-Índio – Acre).

_____. *Relatório de identificação da Área Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã – Município de Tarauacá - estado do Acre*. Rio Branco: s. ed., 1995. 2v. (GT PP 1.204/93 – Convênio FUNAI – Embaixada da Suíça – Comissão Pró-Índio – Acre).

_____. *Zoneamento ecológico-econômico do Acre: terras e populações indígenas*. Rio Branco: s. ed., 1999. 171p.

CALIXTO, Valdir de Oliveira. (Org.). *Acre: uma história em construção*. Rio Branco: Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Esporte, 1985.

CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro Barbosa de (Orgs.). *Enciclopédia da floresta: o Alto Juruá; práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 775p.

DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO MINERAL. *Projeto RADAMBRASIL – Folhas SB/SC. 18, Javari/Contamana; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra*. Rio de Janeiro: DNPM, 1977. 420p. (Levantamento de Recursos Naturais, v.13).

_____. *Projeto RADAMBRASIL – Folhas SC. 19, Rio Branco; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra*. Rio de Janeiro:

DNPM, 1976. 458p. (Levantamento de Recursos Naturais, v.12).

DIXON, Robert Malcolm Ward. Naive linguistic explanation. *Language in Society*, v.21, n.1, p. 83-91, 1992.

FABRE, Alain. *Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos*. Indianápolis: Butler University, 2005.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. *Processo 2934/1996 – Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera*. Brasília: FUNAI, 1996.

_____. *Processo 1409/1993 - os Kulina do Envira*. Brasília: FUNAI, 1993.

_____. *Processo 1445/1996 – Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã*. Brasília: FUNAI, 1996.

_____. *Processo 1709/93 - expedição de portaria declaratória para a Área Indígena Kulina do Igarapé do Pau*. Brasília: FUNAI, 1993.

_____. *Processo 0405/2001 - homologação da demarcação administrativa da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã*. Brasília: FUNAI, 2001.

_____. *Processo 0406/2001 - homologação da demarcação administrativa da Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera*. Brasília: FUNAI, 2001.

_____. *Processo 3125/1998 - demarcação da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau*. Brasília: FUNAI, 1998.

_____. *Processo 0039/2001 - homologação da demarcação administrativa da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Pau*. Brasília: FUNAI, 2001.

GOVERNO DO ESTADO DO ACRE. *Zoneamento ecológico econômico do estado do Acre - ZEE*. Rio Branco: Governo do Estado do Acre, 2000. 3v.

GRAMKOW, Márcia Maria. (Org.). *Demarcando terras indígenas II: experiências e desafios de um projeto de parceria*. Brasília: FUNAI; PPTAL; GTZ, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Manual técnico da vegetação brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 1992. (Série Manuais Técnicos em Geociências, 1).

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA. *Gráficos climatológicos*. Brasília: INMET, 1999. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br>

KASBURG, Carola; GRAMKOW, Márcia Maria. (Orgs.). *Demarcando terras indígenas: experiências e desafios de um projeto de parceria*. Brasília: FUNAI; PPTAL; GTZ, 1999.

KENSINGER, Kenneth. *How real people ought to live: the Cashinahua of Eastern Peru*. Illinois: Waveland Press, 1995.

KENSINGER, Kenneth. et al. *The Cashinahua of eastern Peru*. S.l.: Haffenreffer Museum of Anthropology, 1975.

LAGROU, Elsje Maria. *Kaxinawá*. In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo: ISA, 2004. p.1. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/pib/epi/kaxinawa/kaxinawa.shtm>

MENDES, Margarete Kitaka. *Etnografia preliminar dos Ashaninka da Amazônia brasileira*. São Paulo: UNICAMP, 1991. (Dissertação de Mestrado).

PATTON, J.L.; SILVA, M.N.F.; MALCOLM, J.R. Mammals of the Rio Juruá: evolutionary and ecological diversification within Amazonia. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, n. 244, p. 1-306, 2000.

PESSOA, Marina M. *Relatório das visitas de monitoria do Projeto 179 – APAMINKTAJ às aldeias associadas*. Rio Branco: PDPI. 2005, 48 p.

PIEDRAFITA, M.; OCHOA, M. (Orgs.). *História indígena*. Rio Branco: CPI-Acre, 1996.

PIMENTA, José. *Ashaninka*. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo: ISA, 2005. p.1. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/pib/epi/ashaninka/ashaninka.shtm>

POLLOCK, Donald K. Etnomedicina Kulina. In: SANTOS, Ricardo Ventura; COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. (Orgs.). *Saúde e povos indígenas*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994. p.143-160.

_____. Food and sexual identity among the Culina. *Food and Foodways*, v.1, n.1, p.25-42, 1985.

_____. Looking for a sister: Culina Siblingship and affinit. In: SHAPIRO, Judith (Ed.). *The sibling relationship in lowland South America*. Bennington: Bennington College, 1984. p.8-15. (Working Papers on South American Indians, n.7).

_____. Personhood and Illness among the Kulina. *Medical Anthropology Quartely, New Series*, v.10, n.3, p 319-341, 1996.

REGIS, Wilson D. Estrada. Unidades de relevo. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Recursos naturais e meio ambiente: uma visão do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

ROJAS SOLEZZI, Enrique. *Los Ashaninka: um pueblo trás del bosque*. Lima: PUC, 1994. 359p.

SILVA, Domingos Bueno da. *Kulina*. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo: ISA, 2003. p.1.Disponível em: <http://www.socioambiental.org/pib/epi/ashaninka/ashaninka.shtm>

TASTEVIN, Constant. Le Fleuve Juruá (Amazonie). *La Géographie*, Paris, v.33, n.1, p. 1-22; v.33, n. 2, p. 131-148, 1920.

_____. Le Haut-Tarauacá. *La Géographie*, Paris, v.45, p. 34-54; p.158-175, 1926.

VARESE, Stefano. *La sal de los Cerros: notas etnográficas e históricas sobre los Campa de la Selva del Peru*. Lima, Universidad Peruana de Ciencias y Tecnologia, 1973.

WEISS, Gerald. *The cosmology of the Campa indians of Peru*. Michigan: University Microfilms, 1969.



Glossário e Siglas

AAFI	Agente Agroflorestral Indígena
AIS	Agente Indígena de Saúde
Adjunto	Trabalho em grupo; mutirão
Alagação	Enchente do rio
AMAAI-AC	Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestrais Indígenas do Acre
APAMINKTAJ	Associação das Produtoras de Artesanato Kaxinawá de Tarauacá e Jordão
ASKAPA	Associação Kaxinawá de Produtores Agrícolas da Praia do Carapanã
Baixo – Várzea	Terreno localizado nas margens de rios e igarapés
Balseiro	Emaranhado de galhos trazidos pela correnteza do rio
Barreiro	Lugar junto à água, onde os animais vão se alimentar, lambendo o barro
Caça	Animal que é caçado e consumido como alimento (Ex. porquinho caititu, queixada, veado)
Caiçuma	Bebida fermentada, geralmente feita de macaxeira
Carapanã	Mosquito; pernilongo
Centro	Colocações no interior da mata, lugares distantes da margem dos grandes rios
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
Colocação	Menor subdivisão espacial de um seringal
CPI/AC	Comissão Pró-Índio do Acre
Embiara	Animais de caça de pequeno porte (ex. aves, paca, quati, quatipuru, etc.)
Margem	Região próxima dos rios maiores e mais navegáveis. É onde se concentram a maioria das aldeias.
Mariscar	Pescar
Marreteiro	Comerciante itinerante, que sobe os rios em grandes barcos e comercializam produtos, comprando produtos “regionais” e vendendo produtos industrializados

OPIRE	Organização dos Povos Indígenas do Rio Envira
OPITAR	Organização dos Povos Indígenas de Tarauacá
Panema	Azar na caça e/ou na pesca; preguiça
Paranã	Igarapé grande
Pixé	Mal cheiro; fedor
Poço	Lugar fundo, empoçado, com água parada nos rios e igarapés
Regatão	O mesmo que marreteiro
Reimoso	Que tem reima; que prejudica o sangue, causa pruridos
Roçado	Plantação de roça e/ou outros cultivos
SEPI	Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas
Terçado	Facão grande
Varação	Caminho no interior da mata
Varadouro	Caminho no interior da mata
Varejão	Pau resistente, geralmente feito de cana-brava, utilizado para varejar e para amarrar as canoas na margem dos rios
Varejar	Técnica de navegação nos rios e igarapés, que consiste em empurrar a canoa sobre a água, com o varejão

